



# Memorial acadêmico

ANDREA CIACCHI

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

# **Memorial acadêmico**

Andrea Ciacchi

Foz do Iguaçu  
2022

## **Memorial acadêmico**

Andrea Ciacchi

MEMORIAL apresentado como parte dos requisitos para a promoção à Classe E, denominação Professor Titular, da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em conformidade com o disposto nos artigos 12 e 14 da Lei no. 12.772/2012 e da Portaria no. 982/2013 do Ministério da Educação.

Foz do Iguaçu

2022

ANDREA CIACCHI

## MEMORIAL ACADÊMICO

MEMORIAL apresentado como parte dos requisitos para a promoção à Classe E, denominação Professor Titular, da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em conformidade com o disposto nos artigos 12 e 14 da Lei no. 12.772/2012 e da Portaria no. 982/2013 do Ministério da Educação.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Francisco Foot Hardman  
UNICAMP

---

Heloísa André Pontes  
UNICAMP

---

Lúcia de Fátima Guerra Ferreira  
UFPB

---

Roberto Sarmiento Lima  
UFAL

Foz do Iguaçu, dois de maio de 2022.

Para Maria,  
que demorará ainda alguns anos  
para ter o interesse ou a oportunidade de ler tudo isto,  
e para Érika,  
sem a qual eu não teria escrito nada disto.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos mestres que não me conheceram: Mário de Andrade e Gioconda Mussolini. Aos que me conheceram muito pouco: Alberto Mario Cirese e Antonio Candido. E aos que me conheceram bem: Maria Ciacchi, Giovanni Battista Pierpaoli, Aurora Milillo, Luciana Stegagno Picchio, Giorgio Marotti, Bráulio do Nascimento e Zenir Campos Reis.

- Lascia lente le briglie del tuo ippogrifo, o Astolfo  
E sfrena il tuo volo ove più ferve l'opera dell'uomo  
Però non ingannarmi con false immagini  
Ma lascia che io veda la verità  
E possa poi toccare il giusto.

- Da qui, messere, si domina la valle  
Ciò che si vede è  
Ma se l'imgo è scarno al vostro occhio  
Scendiamo a rimirlarla da più in basso  
E planeremo in un galoppo alato  
Entro il cratere ove gorgoglia il tempo

(Vittorio Nocenzi)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. Roma, anos sessenta e setenta	10
2. Outros rumos. 1983-1988	31
3. Intermezzo italiano. 1988-1994.	51
4. Paraíba e outras andanças. 1994-2010	66
5. Caminhos e Fronteiras. 2010-2022	101
CONCLUSÃO	116



## **Introdução.**

“Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa”.

Desde a minha primeira leitura de *São Bernardo* (acho que em 1985), sempre achei arguta, sob vários aspectos, essa forma de Graciliano Ramos iniciar o seu romance, através do seu narrador protagonista, Paulo Honório. Em que pese a boa dose de ironia, voltada tanto para as hostes literárias quanto para as políticas, pareceu-me algo que valesse a pena reter, de alguma maneira.

Mesmo assim, não posso dizer exatamente por que tudo isso me veio à mente quando, há algumas semanas, comecei seriamente a planejar a escrita deste Memorial. Mas, logo em seguida, eu achei que tinha as conexões necessárias, os nexos, que me permitiriam, sem chacotas, tornar-me um Paulo Honório, por alguns parágrafos, ou mais.

O fato é que eu reconheço, na minha trajetória - que será o objeto provavelmente principal deste texto - um grande déficit de autonomia, da minha parte. A cada quadra desse percurso que, supostamente, poderá interessar aqui (o acadêmico, mesmo com algumas debandadas por fora), eu percebo a absoluta necessidade que eu tive de parceiros, companheiros, acompanhadores, de pessoas com que eu cruzei ou que cruzaram comigo, nos vários caminhos que trilhei, e que me ajudaram a não os considerar (os caminhos) como braços de um labirinto ou becos sem saída. Mestres, colegas e alunos, com certeza, mas, também, outras pessoas a quem, mesmo não pertencendo exatamente a uma dessas três categorias, eu devo gratidão. Mas muitos deles já morreram, e outros, a maioria talvez, não têm talvez nem lembrança desse caminho que fizeram comigo. Outros, finalmente, talvez se recusassem a colaborar, inclusive por motivos muito plausíveis. Então, a tarefa fica só

comigo<sup>1</sup>. Embora esteja mesmo apenas no começo desta escrita, já valeria de antemão o encerramento do mesmo Paulo Honório, na última página do romance de Graciliano: “E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos”.

\* \* \*

Quando a escrita deste Memorial já estava quase finalizada, tive a curiosidade de ler alguns, já publicados em repositórios institucionais, de colegas que já passaram pela etapa de progressão para a Classe “E”. Não tive como deixar de reconhecer que a minha escolha “estilística” é muito diferente da que a maioria adotou: um “lattes discursivo”, com primazia absoluta de dados oficiais e/ou administrativos da carreira. Em outras palavras, me dei conta com mais nitidez de algo que já sabia ou que – melhor – no fundo, tinha planejado, mais ou menos conscientemente: isto que está sendo escrito por mim é quase uma autobiografia intelectual. Antes que seja tarde demais, reconheço logo duas coisas: a minha opção pode submeter os leitores a uma experiência enfadonha (inclusive com mais de cem páginas de leitura), e, em segundo lugar, a minha própria trajetória, nem tão longa nem tão relevante, não justificaria a pomposidade de uma “autobiografia”. Mas, no fundo, é assim que eu cheguei a este duplo momento histórico (a época institucional desta progressão e o seu contexto social e político, sobretudo brasileiro): desde 2019 um pouco de desilusão, um pouco de desânimo e um pouco de vontade de estar fazendo outras coisas em outros lugares, me levaram, talvez paradoxalmente, a escrever um pouco mais e um pouco “além” – tentando eu mesmo fugir do tédio. Por isso, finalmente, procurei – justamente – retirar deste texto qualquer elemento “pomposo”. Talvez, lembrando ou tentando lembrar tantos detalhes, aprofundando passagens que em outras circunstâncias ou contextos seriam mesmo desimportantes, escarafunchando pormenores, eu tentasse repor sentido e insuflar de volta fôlego a tudo o que eu fiz e que, em boa medida, ainda faço. Por isso, para além de agradecer todos que estiveram presentes na minha trajetória com as suas contribuições, sinto que é fundamental agora também agradecer os que virão: **as pessoas que lerão este Memorial.**

---

<sup>1</sup> Mesmo assim, as pessoas que de fato contaram terão seus nomes digitados em negrito, neste texto. Mesmo assim, ainda, algumas colaborações aparecerão, aqui, em tinta azul.

## 1. Roma, anos sessenta e setenta.

Quando, em 2019, numa tarde do ano que passei em Roma para o meu segundo pós-doutorado, fui com minha mulher, Érika e minha filha, Maria, visitar o *Foro Romano* e o *Palatino*, o principal parque arqueológico da cidade onde nasci, já sabia que seria uma forte experiência de memória. E, sem nenhuma dificuldade, decidi que um dia contaria essa história, que se relaciona com o resto do que estará relatado aqui.

Nasci numa família que definiria, sem grandes perdas de tempo, de classe média. Nasci em 1959, portanto no meio daquele que lá mesmo se andou definindo como “milagre econômico italiano”. Mas – eu creio – o que eu devo à minha família é menos ligado às suas possibilidades econômicas (afinal, meu pai, embora fosse médico, trabalhava e ganhava apenas como servidor público do município, hoje seria um “sanitarista”, e minha mãe dava aulas particulares de francês), mas, muito mais, às histórias e aos mitos fundadores nos quais eu fui mergulhado desde a infância. E que se relacionam com esse parque arqueológico.

Meu pai, nascido em 1904 (sou um filho “temporão” – sempre achei engraçada essa expressão da língua portuguesa!), era filho de um senhor que eu não conheci, mas que marcou a minha infância. Torquato Ciacchi (1871-1957) estudou na Academia de Belas Artes de Roma e fez também alguns cursos na de Florença (onde tinha nascido, como os demais Ciacchi, “desde a Idade Média”, eu ouvia falar...). Formou-se (e trabalhou ocasionalmente) como arquiteto, mas foi, antes de tudo, um arqueólogo. Trabalhou, décadas a fio, como assistente de Giacomo Boni (1859-1925, o grande “nome” da arqueologia clássica italiana), justamente no *Palatino*. Assim, desde, creio, os meus 5 ou 6 anos de vida, eu era periodicamente levado ao *Foro* e ao *Palatino*, para, ao mesmo tempo, me entranhar na História e nas histórias da minha cidade e da minha família, sempre ouvindo, em determinados lugares, “aqui, seu *nonno*...”, “ali, seu *nonno*...”.

Sem mais delongas: desde então, e até a véspera do meu ingresso na universidade, em 1978, minha firme decisão era que eu seria um arqueólogo! Vale ainda acrescentar, talvez, que a pessoa que me levava a esses passeios (e a outros, também com intuitos artísticos e historiográficos, ainda que sem relações familiares envolvidas, como às igrejas românicas e barrocas, aos museus, aos parques de Roma

onde ocorreram batalhas do *Risorgimento* etc.) era minha **tia Maria** (nascida em 1895), solteira, professora da escola primária, “dantista” (creio que fosse verdade o que ela mesma dizia: sabia de cor toda a *Divina Commedia*), que teve um papel fundamental, portanto, na minha formação e na construção dos meus horizontes estéticos e intelectuais.



**Torquato Ciacchi, meu pai, Orazio, minhas tias Flora e Maria, numa “selfie” de, aproximadamente, 1910.**



**Torquato Ciacchi** (sem data, mas por volta de 1900).

Evidentemente, porém, desde os primeiros passeios infantis, até a minha chegada na universidade, num tempo que durou, então, grosso modo, de 1965 a 1978, muitas outras coisas passaram pelos meus olhos e pelos meus ouvidos. Permito-me, aqui, mencionar algumas, que considero, hoje, relacionadas com aquilo que, depois, fui pensando e fazendo, sobretudo na dimensão acadêmica.

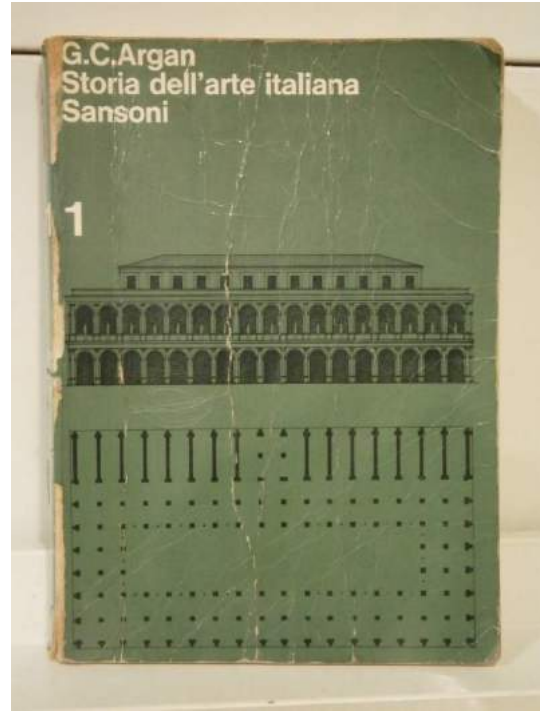
Em primeiro lugar, as viagens, quase todas com minha tia, Maria, mas muitas também com os meus pais. A Itália é relativamente pequena e, de Roma e de trem, era simples e rápido, chegar à Úmbria (Perugia, Todi, Orvieto e Assis), à Toscana (a “familiar” Florença, além de Siena, San Gimignano), ou à Campânia (com os templos gregos de Paestum). Mais longe eram Ravenna (não só, nem tanto talvez, pelos mosaicos bizantinos, mas pelo túmulo de Dante!) ou Mântua e Verona. Tenho, também, boas lembranças de professoras e professores no ensino primário e médio, mas a grande mudança veio, a partir de 1973, com o ingresso na escola que na Itália se chama de “superior” (correspondente ao ensino médio brasileiro, mas com duração de cinco anos), o *Liceo Classico*<sup>2</sup>. Lá, além do estudo sistemático e um pouco sofrido do latim e do grego e de suas literaturas, duas pessoas me marcaram, de forma definitiva. O professor de Filosofia, **Giovanni Battista Pierpaoli**, um pensador anarquista que, entre outros deslumbramentos, nos introduziu à leitura de Marx e de Gramsci e não só de Bakunin e Kropotkin; e uma professora de história da arte, **Cristina** (não: não lembro o sobrenome). Nas suas aulas (onde eu me sentia fortalecido graças aos passeios que já contei), líamos os textos de Giulio Carlo Argan, o grande historiador da arte que, justamente naqueles anos (1976-1979), se tornava também o primeiro prefeito eleito pelo Partido Comunista na catolicíssima e carolíssima Roma. Também lia Arnold Hauser, que me fortalecia naquilo que considerava uma leitura materialista dos fenômenos estéticos e que seria a minha posição teórica e metodológica predominante nos anos sucessivos, na compreensão dos fatos estéticos, e não só.

A essa altura, eu já começava a viajar sozinho, sobretudo visitando novamente cidades de arte e museus (inclusive em outros países da Europa e frequentemente

---

<sup>2</sup> O nome da escola era – e é – *Socrate*, a poucos metros da minha casa, mas no bairro popular de Garbatella, que seria, nesses mesmos anos, palco privilegiado da minha formação política, na seção do Partido Comunista.

como *hitchhiker*). Assim, o pequeno futuro arqueólogo se tornou um aspirante historiador da arte. Foi assim que me matriculei na *Facoltà di Lettere* da Universidade de Roma - La Sapienza, em setembro ou outubro de 1978.



**Giulio Carlo Argan.** Fonte: [https://it.wikipedia.org/wiki/Giulio\\_Carlo\\_Argan](https://it.wikipedia.org/wiki/Giulio_Carlo_Argan)

1978 veio, como é natural, depois de 1977. 1977 foi o 1968 da minha geração. Menos criativo e mais violento, menos internacional e mais acanhado, teve poucos efeitos coletivos práticos<sup>3</sup>. Um deles, porém, se sentiu nas universidades italianas, em algumas delas, pelo menos, como a de Roma. Ficou muito mais livre circular por ela, sobretudo nas faculdades humanísticas. Era assim: *Lettere e Filosofia*, de forma algo (*ma non troppo*) semelhante à velha e querida FFCL uspiana, era uma faculdade que reunia muitas dezenas de “cátedras” diversas, em algumas áreas de humanidades: letras, filosofia, artes, história, arqueologia, antropologia (*cultural*, tive que explicar ao meu pai, formado em medicina numa época em que, na Itália, a antropologia era só a “física”, que ele conhecia via Lombroso!), mas não, por exemplo, sociologia, ciência política, economia, educação, psicologia. Você (eu, no caso) não se matriculava num

<sup>3</sup> Existe uma forte tendência (entre o senso comum e estudos mais sérios) na Itália a considerar o movimento estudantil de 1977 um caldo de cultura (ou um dos caldos) do que viria a ser, mais dramaticamente, a ação armada de grupos como as Brigadas Vermelhas e outros – o “terrorismo de esquerda”, ou os “anos de chumbo”, na metáfora jornalística corrente à época. Não tenho como me aprofundar neste tema, aqui, mas isso não me convence completamente.

“curso”, mas na própria faculdade, como um todo. “O que você faz na universidade?” “Faço Letras”. Assim, dependendo dos percursos, poderia se tornar um historiador, um antropólogo, um filósofo, um arqueólogo etc. etc.



**Fachada da Faculdade de Letras e Filosofia**, na Cidade Universitária (erguida em 1935).  
Fonte: <https://www.lettere.uniroma1.it/>

Depois, à medida que fosse escolhendo as disciplinas (os *esami*, “exames”, como se aulas não contassem tanto quanto as verificações finais), íamos escolhendo e oficializando um “endereço”, algo aparentado com uma “habilitação”. Eu, portanto, tratei logo de começar a frequentar as aulas da professora Angiola Maria Romanini (1926-2002), de História da Arte Medieval. Naquele ano acadêmico, o tema geral era a produção de Arnolfo di Cambio (1245-1302/1310?), arquiteto e escultor toscano, notabilizado sobretudo pelos seus trabalhos em Florença e Roma. Uma maravilha! Era isso mesmo que eu queria!



**Angiola Maria Romanini.** Fonte:

<https://www.cisam.org/angiola-maria-romanini-biografia/>

Um dia, porém - lamento não ter memória do momento exato em que isso ocorreu nem dos pensamentos que o acompanharam - acabei entrando numa aula de Antropologia Cultural, ministrada pelo professor **Alberto Mario Cirese** (1921-2011). É paradoxal, mas apesar de esse momento ter sido absolutamente decisivo para o resto da minha vida, não lembro nada dessa aula, absolutamente nada. Mas deve ter sido boa, no mínimo, se me deu vontade de continuar acompanhando a matéria e, no final do ano letivo, em junho de 1979, de fazer o meu primeiro *esame* de Antropologia. E, mais ainda (embora, novamente, não tenha lembranças mais nítidas) a abandonar, inclusive na papelada administrativa oficial, o “endereço” de história da arte e de me vincular ao que se chamava, com uma expressão devedora justamente de uma posição teórica do próprio Cirese, de *indirizzo* “demo-etno-antropológico”. Isso, apesar desse clima de liberdade acadêmica que se respirava então, me obrigaria a prestar um número mínimo de disciplinas (*esami*) dessa área. E assim fiz: fui fazendo (é o verbo que se usa, ainda hoje), até julho de 1983, treze disciplinas dessa habilitação - Antropologia Cultural I, II e III; Civilizações Indígenas da América I e II; Etnologia I e II; História das Religiões I e II; Religiões dos Povos Primitivos I, II e III; Etnomusicologia.



**Alberto M. Cirese.** Fonte: <https://www.istitutoeuroarabo.it/DM/alberto-m-cirese-etnocentrismo-ed-etnoperiferismo/>



Vale informar, creio, que a área (ou seja, a cátedra) de História das Religiões era dominada (ou seja, chefiada) por um professor que pertencia a uma linhagem muito relevante na Itália. O prof. Dario Sabbatucci (1923-2002), fora, desde os anos Quarenta, aluno de Raffaele Pettazzoni (1883-1959), “historiador” das religiões e fundador desse campo, na Itália. Um campo que desde o começo, e justamente pela marca que lhe imprimiu Pettazzoni, teve características e caminhos que o fizeram muito próximo da antropologia cultural<sup>4</sup>. Nos anos em que a frequentei, o prof. **Gilberto Mazzoleni**, seu aluno mais jovem, ministrava “Religiões dos Povos Primitivos”, uma disciplina que hoje definiríamos como de “antropologia das religiões”. Lá, trabalhava como “assistente”, uma outra figura que me marcou muito, **Gerardo Bamonte**.

Gerardo (1939-2008), “americanista” e “indigenista” que começou a frequentar a América Latina (Brasil, Bolívia, Argentina, México) desde o começo dos anos Sessenta, foi um dos meus primeiros elos entre a vida universitária e o Brasil. Creio que de todos os meus docentes italianos ligados direta ou indiretamente a temas antropológicos e americanos, ele foi o único que aliou à atividade acadêmica um forte compromisso político, sobretudo nas frentes dos direitos humanos e das causas indígenas, tanto na América quanto na Europa.

Estranhamente, porém, a sua contribuição – para mim – mais efetiva, foi de natureza burocrática. Muitos e muitos anos depois, quando precisava convencer uma comissão de um concurso para professor efetivo de Sociologia, na Universidade Federal da Paraíba (em 1999, como veremos), foi ele que, a meu pedido, redigiu uma declaração na qual se garantia que, apesar do meu diploma de *laurea* dizer, pomposa e genericamente, que eu era *dottore in Lettere e Filosofia*, na realidade eu era um... bacharel em Antropologia. Funcionou!

Sobre ele, quero inserir o depoimento de uma sua ex-aluna, Marina Mannino, que depois se tornaria jornalista<sup>5</sup>:

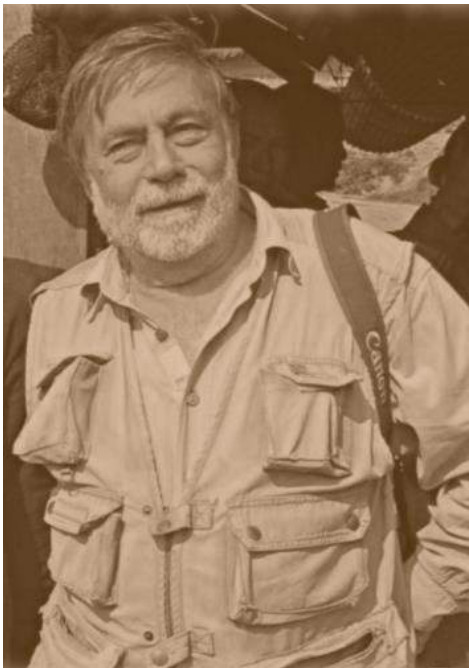
**Loiro, não muito alto, barba de explorador e olhos muito azuis, Gerardo tornou-se meu mentor e meu guia no fascinante mundo da etnologia, lida**

<sup>4</sup> Sobre as linhagens da história das religiões na Itália e as suas relações com o campo antropológico, cf. GANDINI, Mario. Raffaele Pettazzoni negli anni 1958-1959. *Strada Maestra*, n. 5, 2008, p. 1-230. Disponível em: <http://www.raffaelepettazzoni.it/ARTICOLI/Strada%20Maestra%2065.pdf>

<sup>5</sup> Tradução minha. Disponível em <https://marinamannino.com/2021/03/19/ho-studiato-con-indiana-jones/>

através dos estudos histórico-religiosos. Simpático e culto, ele esteve por onde houvesse uma população indígena: na África, na Ásia, na América Latina. Falava quatro línguas, mais um pouco de quéchuá e cuidou de nós estudantes como um líder escoteiro segue seus esquadrões.

Ouvir suas palestras e histórias era lindo, parecia vê-lo entrar na floresta amazônica ou nos pântanos de Bengala. Ele era um firme defensor do direito à autodeterminação de todos os povos indígenas. Morava na Piazza Verbano e andava em um Land Rover empoeirado dos anos 60, muito *cool* em que eu subi apenas uma vez, esperando ver o chapéu e chicote de Indiana Jones no banco de trás.



**Gerardo Bamonte.** Fonte: <https://marinamannino.com/2021/03/19/ho-studiato-con-indiana-jones/>

Por outro lado, além de História da Arte Medieval, também fiz outros quatro exames, aparentemente distantes da área antropológica, o que era permitido pelos regimentos “liberalizados” dessa época pós-77: História da Música (I e II)<sup>6</sup>, História do

<sup>6</sup> Um dos exames de História da Música previa o estudo da obra musical e teórica de Béla Bartók, inclusive dos seus textos sobre música popular, etnomusicológico *avant la lettre*. Isso seria precioso, para mim, anos mais tarde, ao conhecer e me interessar pelo lado etnomusicológico de Mário de Andrade. Está ligado a isso um episódio curioso. Para ter acesso à produção musical de Bartók, fui ao que então se chamava *Istituto Italia-Ungheria* (era 1980, nenhum muro tinha caído ainda, a Hungria era um país comunista). Me foi doada uma coleção impressionante de mais de trinta discos de vinil, da gravadora estatal *Hungaroton*. Em troca, porém, me comprometi a enviar um “artigo” para a revista do Instituto – *Ungheria Oggi*. Assim fiz. Mas a minha cópia da revista, quarenta anos depois, está perdida. Só tenho o meu registro no Lattes e esse, em... húngaro (acho): “646. CIACCHI, Andrea **Ma il “violino tzigano” è borghese.** = Ungheria Oggi. 1980. [1981 J. 4 1 - 4 3 . [Bartók Béla zenei feldolgozó munkásságáról.].... Disponível em: <https://adoc.pub/zenetudomanyi-dolgozatok9431f945679d7670692016661fca6a682374.html>

Teatro e História do Iluminismo. Treze mais quatro, dezessete. Mas o regimento previa vinte exames, antes da *tesi di laurea*. Quais foram os outros três? Logo veremos.

Um passo atrás, antes: o exame, ou melhor, a bibliografia de *Civiltà Indigene d'America*. Entre outros textos, li este:



Embora ele comece com o conhecidíssimo “Fim das viagens”, a leitura desse livro determinou a segunda parte da mudança que os meus estudos universitários marcaram na minha vida e, portanto, as minhas viagens sucessivas. Depois desse período (era setembro ou outubro de 1979), li e reli não sei mais quantas vezes *Tristes Trópicos*, inclusive preparando aulas, mas o que me marcou, há mais de quarenta anos, foi esse Brasil que Lévi-Strauss percorreu, a partir de um duplo ponto de vista: o paulistano e o indígena. Ambos me fascinaram. De novo, não sei descrever mais pormenorizadamente os passos desse efeito, poderosíssimo, sobre o meu imaginário, mas não tenho como minimizá-lo, pois, semanas depois, iniciando o meu segundo ano letivo, procurei e achei uma cátedra de Literatura Brasileira<sup>7</sup>.

Nem então nem hoje eu compreendo bem como aquilo funcionava, mas **Giorgio Marotti**, o professor de Literatura Brasileira não era bem um “catedrático”, talvez fosse algo como um “regente”. Sua carreira nem era da universidade, mas do CNR (o CNPq italiano) ao qual ele pertencia funcionalmente e que o havia “cedido”, acho, à universidade. Literatura brasileira funcionava no mesmo local da (descobri depois) “gloriosa” cadeira de Literatura Portuguesa, que tem uma história e tanto. A essa história pertenceram, antes da minha chegada nas salas dela, personagens como

<sup>7</sup> As más-línguas (inclusive a minha!) alegam que mais tarde haveria também a participação, nessa escolha de vida, da chegada a Roma e à Roma, em agosto de 1980, de Paulo Roberto Falcão, que mudou a vida futebolística do meu time do coração!

Sergio Buarque de Hollanda, Murilo Mendes, Ruggero Jacobbi; mas, nos “meus anos”, lá era o território, brilhante, amável e colorido, da professora **Luciana Stegagno Picchio**.



**Luciana Stegagno Picchio.** Fonte:  
[http://www.veraluciadeoliveira.it/web\\_luciana/index.htm](http://www.veraluciadeoliveira.it/web_luciana/index.htm)

A professora Luciana foi figura central da lusitanística internacional, desde os anos cinquenta. Antes de tudo, apresento aqui uma das colaborações que solicitei para este Memorial, vinda de **Vera Lucia de Oliveira**, professora de Literatura Brasileira na Universidade de Perugia:

**Não tem brasileiro ou português - professor, pesquisador, intelectual, artista, escritor ou poeta - que, de passagem pela Itália, não tenha ido bater no número 7 de Via Civitavecchia, numa ruazinha tranquila de um elegante bairro de Roma, endereço da ilustre filóloga, medievalista, brasilianista, historiadora de teatro e de literatura, professora emérita da Universidade de Roma, sócia correspondente da Academia Brasileira de Letras, Luciana Stegagno Picchio. Para nós, seus ex-alunos, brasileiros, italianos, portugueses e até gente das mais variadas partes do mundo, saudosos dos nossos países e da nossa língua, aquele refúgio acolhedor era uma espécie de sucursal das nossas casas e ela, a ilustre e conhecida professora italiana, uma espécie de segunda mãe que nos adotava com generosidade e para sempre.**

**Em seu apartamento, de paredes forradas de livros (até nos corredores e na cozinha via grandes volumes enfileirados), podíamos achar o último texto de poesia ou de crítica que tinha acabado de ser publicado no Brasil ou em Portugal, o livro raro de algum poeta semidesconhecido dos interiores brasileiros, a primeira edição autografada dos maiores escritores brasileiros e portugueses do século XX, sem contar edições ainda mais raras de séculos anteriores. E dali, daquela casa que nos parecia, como sua proprietária, extraordinariamente iluminada, mesmo nos dias frios de inverno e chuva, com estantes que formavam, literalmente, uma grande árvore, com o que tinha de melhor das letras e das artes do mundo lusófono, saíram ao longo dos anos mais de quinhentas publicações sobre a língua portuguesa e as literaturas de expressão portuguesa, obras traduzidas e publicadas em muitos países e muitas línguas, obras que aproximaram o universo lusófono da Europa e do mundo e que tornaram conhecidos grandes escritores de língua portuguesa.**

Para esse apartamento da via Civitavecchia voltaremos, daqui a pouco, mas, antes, confesso não poder resistir à tentação de transcrever aqui um trecho da própria Luciana, entrevistada pela sua *Fotobiografia*, que dá uma ideia, ao mesmo tempo lúdica e mitológica, do seu significado e relevância:

Não sei se foi Lins do Rego que nos apresentou Sérgio Buarque de Holanda, que viera a Roma como Professor de Cultura brasileira na nossa Universidade e que um dia apareceu aqui em casa com três ou quatro dos filhos, bonitos jovens com pouca diferença de idade entre eles, para uma consulta do Nino. Anos mais tarde, aos clientes brasileiros que visitavam o seu consultório, o Nino mostraria com sorridente orgulho a cama onde se deitara o famosíssimo filho do Professor Sérgio, o cantor, poeta, dramaturgo, Chico Buarque de Holanda: o Chico<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> “Nino” era o marido da professora, pediatra, que atendia no mesmo apartamento. Luciana traduziu, em 1956, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Cf. MAURO, Alessandra. *A língua outra. Luciana Stegagno Picchio*. Una fotobiografia. Lisboa: Instituto Camões, 2001.



**Luciana e Murilo Mendes, em Coimbra, 1963.** Fonte: MAURO, 2001, p. 51.

Contrariamente ao que aconteceu com a professora Luciana, objeto de celebrações de todo tipo inclusive depois do seu falecimento, em 2008, incluindo até essa belíssima fotobiografia, a passagem de Giorgio Marotti pela vida e pelo campo de estudos luso-brasileiros foi muito mais silenciosa e pouquíssimo representada. Não consegui uma única fotografia dele, a não ser essa que ilustra uma matéria do *Jornal do Brasil* de 1983:

JORNAL DO BRASIL

sábado, 22/1/83 CADERNO B 11

## DO BOM JESUS A JUBIABÁ

Depois de estudar *Canudos*, pesquisador italiano analisa o negro no romance brasileiro

**S** E dependesse do italiano Giorgio Marotti, professor de literatura brasileira na Universidade de Roma, o Brasil seria mais divulgado na Itália do que tem sido. Autor de *Canudos: morte de uma guerra*, lançado há alguns anos, e do recém-publicado *II negro nel romanzo brasileiro* (Bulzoni Editore, Roma, 502 páginas), Marotti há oito anos dedica-se ao estudo e análise da nossa literatura, com a qual teve seu primeiro contato quando veio para o Rio como bolsista.

Casado com uma brasileira, fotografa além de escrever, Marotti acaba de passar mais uma vez pelo Brasil, recolhendo material para novos livros. Concentrando seu tempo nas atividades acadêmicas, ele vê com entusiasmo o crescente interesse que a literatura do Brasil desperta entre seus alunos. Só este ano foram apresentadas na Universidade de Roma três teses por ele orientadas: *Leitura em Machado de Assis, Destino em Guimarães Rosa e Literatura no Maranhão*.

— Os estudantes não se satisfazem mais com dados ou notícias superficiais — garante Marotti, senso de humor peculiar, que acha engraçado ver Escrava Isaura ou Domínicas fazendo sucesso na televisão italiana e condicionando os espectadores a uma aborçagem até então inedita. Enquanto espera que se cumpira a promessa de um verão brasileiro patrocinado pela Prefeitura de Roma, ele tem um cuidado especial de divulgar corretamente, entre seus alunos, tudo o que diz respeito ao Brasil.

Quando o assunto vira moda, diz ele justificando esse cuidado, "há o risco de aparecer muita gente falando dele sem entender. Recentemente, li um livro sobre a América Latina, em que Marta Rocha, ex-Miss Brasil, e citada como amante de Dom Manuel e Maria Bonita como uma guerrilheira mexicana".

Um dos objetivos da recente viagem de Marotti ao Brasil foi divulgar *II negro nel romanzo brasileiro*, obra que lhe exigiu vários anos de trabalho, a partir da constatação de que "o Brasil foi o único país a entrar no mundo moderno com uma característica medieval: a escravidão". Analisando a nossa produção literária desde o século XVIII, tentou traçar a trajetória desse problema, até chegar a *Jubiabá*, de Jorge Amado, romance no qual encontra finalmente um herói negro, já que na sua opinião *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, e na realidade "um Carlos de Melo figura principal de *Menino de engenho* pintado de preto".

Desencovando um romance chamado *Ursula*, de Maria Firmina dos Reis — um dos primeiros a tratar da questão negra no Brasil —, o pesquisador passa pela produção de Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo, chega ao romance de 30 e termina com Carolina Maria de Jesus e seu *Quarto de despejo*. Mas dá destaque também a Machado de Assis, em cuja obra a questão é sempre tratada de maneira muito sutil.

— A não ser — exclama — no conto "Pai contra mãe", de *Relíquias da casa velha*, no qual narra uma história terrível, levando o leitor a participar emocionalmente do drama do branco Cândido e assinar, impotente, ao sacrifício da miúda japonês, que perde o filho por nascer.

Em seus cursos, Marotti critica mordaz do sistema universitário europeu não exige presença, mas estabelece a obrigatoriedade de um bom trabalho no fim do período. E quer que seus alunos não apenas possam ler o português, mas também "entender o sentido plástico da literatura brasileira". Para chegar ao resultado final de seu último livro, ele trabalhou bastante o tema do negro no folclore, a influência africana, "que entrou pela porta dos fundos e ficou na cozinha até poder sentar à mesa e virar afro-brasileiro".

Intrigado com o fato de os festeiros negros serem mantidos a distância no romance brasileiro "escrito por brancos ou pretos assimilados pelo mundo dos brancos", esforça-se por entender essa ausência. Por isso, resolveu encerrar a obra com Carolina Maria de Jesus, que se como a encarnação da figura da leiteira, pela primeira vez, escreveu um livro.

— Carolina, seu sucesso e incesso, serve para provar mais uma ideia minha: a da profunda monotonia, a repetição no processo do negro na sociedade brasileira.

Aguiar/Rome

Giorgio Marotti: um longo esforço de pesquisa para compreender a escassa presença do negro no romance brasileiro escrito por brancos ou pretos assimilados

**Retrato de Giorgio Marotti numa página do *Jornal do Brasil* (1983).**

Giorgio Marotti era um professor apaixonante, embora adotasse um estilo oposto ao da professora Luciana (com quem, aliás, eu nunca tive aula, pois só passei a conviver com ela depois da minha formatura). Profundo conhecedor da cultura brasileira, não só da sua literatura, sabia de poder contar com o interesse de poucos, pouquíssimos estudantes: naqueles anos, Portugal parecia mais atraente do que o Brasil, para quem, na Itália, quisesse se dedicar a algum tema intelectual lusófono. Hoje, provavelmente, não é mais assim, mas a memória dele está praticamente apagada. Lamentavelmente.

\* \* \*

Nesses anos decisivos da minha formação, portanto, e apesar da minha escassíssima presença física nas salas de aula de La Sapienza<sup>9</sup>, estive no meio de uma série de influências e de desdobramentos disciplinares em que se sobressaíram a antropologia (na sua vertente romana dos anos setenta, ciresiana, ou seja, gramsciana – frequentemente voltada para os estudos “demológicos”, ou seja de cultura popular), e a literatura brasileira. Desde 1980, começara a frequentar as aulas de língua portuguesa ministradas no “Centro de Estudos Brasileiros” (CEB) na Embaixada do Brasil, na Piazza Navona. Situada no andar térreo do majestoso Palazzo Pamphili, um edifício barroco erguido entre 1644 e 1650, situado ao lado da igreja de Sant’Agnese (Francesco Borromini, 1672) e em frente à Fontana del Moro (Gian Lorenzo Bernini, 1654).

---

<sup>9</sup> Vale lembrar, talvez, que nos anos da minha graduação eu me dediquei, inclusive como consequência de atividades iniciadas ainda no *liceo*, ao teatro. Trabalhei com duas companhias profissionais, consideradas à época pertencentes ao contexto da “vanguarda romana”: o “Politécnico” de Giancarlo Sammartano, e “Alla Ringhiera” di Franco Molè. Com este grupo, sobretudo, passei meses em turnês pela Itália, sobretudo entre 1979 e 1981, levando uma peça dedicada à biografia de Caravaggio Cf. [https://it.wikipedia.org/wiki/Franco\\_Molè](https://it.wikipedia.org/wiki/Franco_Molè).



Palazzo Pamphili. Fonte: [https://it.wikipedia.org/wiki/Palazzo\\_Pamphili](https://it.wikipedia.org/wiki/Palazzo_Pamphili).

Nessa ponte rodoviária, entre a arquitetura fascista da cidade universitária e o barroco esplendoroso da Piazza Navona, entre as aulas literárias e de costumes de Giorgio Marotti, sempre autoirônicas e provocativas, e as de língua e cultura brasileira dos vários professores que tive no CEB (inclusive de **Maria Betânia Amoroso**, então mestranda em Glotologia na Universidade de Pádua e que anos depois se tornaria professora da Unicamp e a maior especialista brasileira em Pier Paolo Pasolini), sentia-me, aos poucos, adentrando em algumas das mil faces do Brasil, da sua cultura e da sua sociedade. Através de Giorgio, sobretudo, aprendi a conhecer a literatura de Jorge Amado e de Lima Barreto, a guerra de Canudos, além das feijoadas na sua casa, com outros estudantes. No Palazzo Pamphili, deparava-me com a esquisitice do infinitivo flexionado, com as dificuldades das nasais e começava a ouvir Caetano e Jorge Ben, Jobim e Gonzagão. Mas, paralelamente, como mostrei sinteticamente, eu continuava estudando antropologia e algumas disciplinas correlatas. Continuava me sentindo, em primeiro lugar, um estudante de antropologia, vislumbrando um futuro como antropólogo.

De novo: não consigo reconstruir com rigor os passos que me levaram, creio que em 1982, a escolher escrever a *tese* em (ou para) “Literatura Brasileira”, ou seja, tendo



Giorgio Marotti como orientador. Mas foi essa a minha opção, mais uma vez absolutamente decisiva. Lembro bem, porém, que busquei um tema que me permitisse articular, no mesmo trabalho que me daria a *laurea*, os meus dois interesses – a antropologia e o Brasil. Nesse momento, também de maneira decisiva para a formatação temática mais fina da minha escolha, apareceu uma outra personagem importantíssima, a professora **Aurora Milillo**. Aurora ocupava duas posições: era, por um lado, professora assistente da cátedra de “Storia delle Tradizioni Popolari” (dirigida pelo grande etnomusicólogo **Diego Carpitella**, com quem também fiz dois “exames”) e, por outro, minha vizinha e mãe de dois meus amigos de adolescência, Leonardo e Laura. Creio, portanto, que eu a conhecesse antes de frequentar a universidade e de me tornar um estudante de antropologia. Aurora foi, antes de tudo, uma especialista em literatura oral, sobretudo de tradições narrativas da sua região, a Lucania (ou Basilicata), muito conhecida também pelos estudos de Ernesto De Martino, no sul da Itália. A ela dedicou um bela homenagem o prof. Pietro Clemente, discípulo de Cirese e um dos nomes mais relevantes da tradição antropológica à qual eu estava também me filiando (Clemente, 2000)<sup>10</sup>. Traduzo um trecho:

Aurora em 1983 era um fruto maduro da segunda geração de demólogos [*italianos*]. A geração surgida nos anos trinta, que vinha depois daquela que refundou os estudos: com Cirese, Carpitella e a sombra mais longa de De Martino, já falecido havia muitos anos; uma geração prevalentemente feminina e, talvez por isso mesmo, às voltas com várias dificuldades em muitos aspectos da vida universitária [...] ainda um pouco fechado para essas presenças de gênero. [...] Nisso tudo, Aurora trazia não só a nova paixão ‘participativa’ pelas vidas dos ‘portadores de tradições’, mas também a antiga formação filológica que transferiu sobretudo na formação dos jovens, nas teses e nas pesquisas sobre as fontes documentais para a história dos estudos e dos contos populares.

[...] Aurora nos ensinou a ouvir os narradores reais, mulheres e homens animados por uma paixão terrestre e individual (ainda que com uma função comunitária) ligada a histórias e lembranças, como se o repertório de contos de um deles fosse um modo indireto de contar a história da sua vida (Clemente, 2000, p. 280-281 e 286).

Por sua vez, um amigo antropólogo da ilha de Ischia, **Ugo Vuoso**, a quem pedi uma colaboração para este memorial, dos quais portanto ele se torna um dos mais válidos colaboradores, me escreveu:

---

<sup>10</sup> Clemente assumiu a cátedra de Antropologia Cultural na Sapienza em 1991, depois da aposentadoria de Cirese.

Aurora Milillo foi a estudiosa que na Itália ofereceu as contribuições científicas mais significativas para o estudo antropológico da narrativa de tradição oral. Nascida em Matera, viveu em Roma, onde seu pai exerceu o mandato de Senador da República, pelo Partido Socialista. Formada em estudos filológicos e alemães, na década de 1960 iniciou estudos e pesquisas em profundidade na história das tradições populares, concentrando-se principalmente nos contos de fadas e no estudo das fontes orais. Entre 1970 e 1999 foi colaboradora, pesquisadora e professora de História das Tradições Populares na Universidade “La Sapienza” de Roma, onde colaborou com o etnomusicólogo Diego Carpitella.

Entre 1969 e 1972 participou ativamente da programação e, portanto, da realização da primeira campanha de pesquisa de campo, em todas as regiões italianas, de textos narrativos tradicionais. O programa, dirigido por Oronzo Parlangeli e Alberto Mario Cirese e promovido pela Discoteca do Estado, possibilitou documentar em fita mais de nove mil registros relativos às "tradições orais não cantadas", que convergiram no arquivo etnolinguístico e musical e no "Primeiro inventário nacional de tipos, motivos ou temas" em que ela colaborou.

A pesquisa de campo - e a relação com "informantes" - foi central para a atividade científica de Aurora Milillo que, especialmente nas décadas de setenta e oitenta, realizou diversas investigações em muitas regiões do centro-sul da Itália, constituindo um importante corpus de documentos narrativos orais gravados em fitas magnéticas conservados principalmente nos arquivos da Discoteca do Estado e do Museu de Artes e Tradições Populares de Roma.

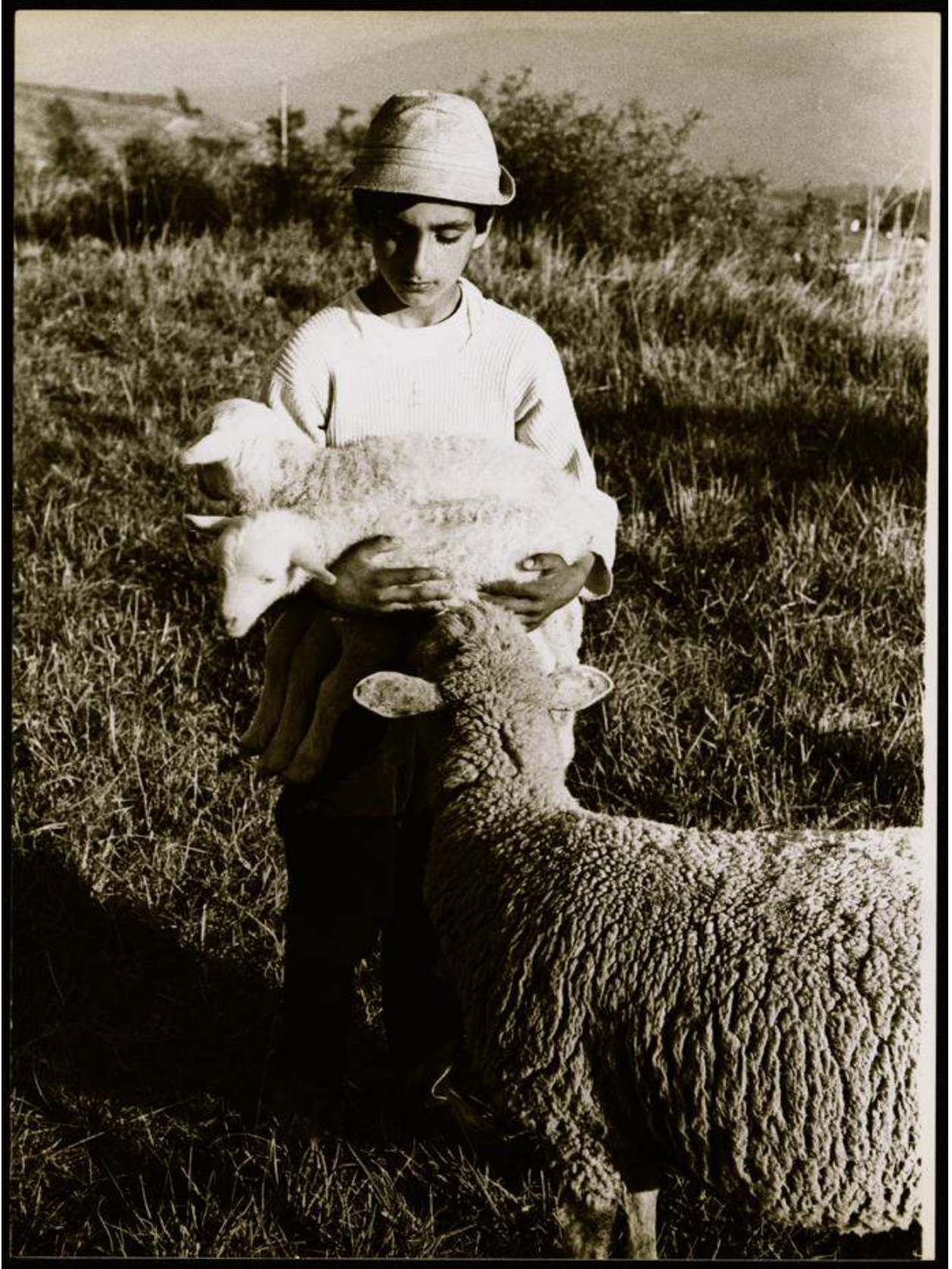
Não secundário, em sua metodologia de investigação de campo, foi também o registro fotográfico das pessoas e dos contextos em que essas pesquisas ocorreram. A antropologia visual poderia de alguma forma contribuir, com registro e transcrição sonora com pausas e entonações, para a restituição da complexidade performativa do texto oral. Milillo dedicou várias contribuições à identificação, estudo e catalogação de textos narrativos orais, traçando caminhos de pesquisa que visam definir uma filologia de textos orais com base em princípios organicamente antropológicos.

Em *La vita e il suo racconto* (1983), Aurora se pergunta se, dentro dos repertórios narrativos da tradição oral, poderia haver formas literárias pelas quais os camponeses do sul contassem suas histórias de vida. Em especial se os contos de fadas, que neste caso oferecem possibilidades expressivas vinculadas à constante ritualização que o narrador faz deles, pudessem constituir acervos de memória para a reconstrução da própria vida. No caso exemplar de uma camponesa de Abruzzo, Aurora distingue as diferentes áreas pelas quais a narração se desenrola, costurando, em um continuum expressivo, uma história do patrimônio narrativo tradicional, uma história de vida e um relato transmitido na família. As razões organizadoras que unem todo o discurso acabam por ser atribuídas às do conto de fadas conhecido como "Os três conselhos", ressignificado na história a partir da experiência de vida do narrador. Com um argumento preciso, Aurora acredita "que [*a informante*] se

**lembra dessa história porque, entre as muitas que ela provavelmente ouviu, foi a única que, dada sua experiência existencial, lhe ofereceu um ponto de apoio na memória e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resolução fabulosa para seus problemas de vida".**

**Aurora Milillo morreu prematuramente em Roma em outubro de 1999.**

De forma semelhante ao que aconteceu com Giorgio Marotti, é bem difícil encontrar alguma imagem de Aurora. Em compensação, uma página web dedicada às culturas alimentares populares italianas, mantida pelo Ministério da Cultura, traz algumas fotografias que ela realizou em pesquisas de campo no sul da Itália. Sinto que estou homenageando a sua memória reproduzindo aqui uma delas.



**Pastorello e pecore.** 1970. Fonte:  
<https://culturalimentare.beniculturali.it/sources/autore-aurora-milillo-pastorello-e-pecore-1970>

Por outro lado, a única imagem dela que consegui é esta, de 1984, mesmo ano da minha defesa:



Fonte: <https://www.muspac.com/1984/10/24/la-vita-suo-racconto-favola-memoria-storica/>

Já nesta outra foto, ela aparece de costas, entrevistando um camponês, na Calábria:



Fonte: <http://www.archiviosonoro.org/archivio-sonoro/archivio-sonoro-basilicata/fondo-teche-rai/dal-radiocorriere/08-qual-folk-per-la-radio.html>

Aurora Milillo colaborava intensamente com o Museo Nazionale delle Arti e Tradizioni Popolari<sup>11</sup>, que eu passei a frequentar e onde conheci o rico acervo de *libretti popolari a stampa*, ou *stampe popolari*, ou seja, os parentes italianos da *littérature de colportage* e, portanto, dos folhetos (de cordel) brasileiros. Há, na realidade, grandes diferenças entre os *libretti* italianos (em prosa e não em verso, difusos sobretudo na segunda metade do século XIX) e os folhetos brasileiros, mas foram estes que se tornaram o “objeto” da minha pesquisa e da minha *tesi*. Assim, simultaneamente, a professora Aurora Milillo se tornou a minha coorientadora.



**A sede atual (desde 1956) do Museo Nazionale delle Arti e Tradizioni Popolari, em Roma.**

Nessa época (estamos, então, em 1982), a preparação de uma *tesi di laurea* (tecnicamente equivalente a um TCC brasileiro, mas cercada de uma aura especial e de rituais que não deixam de lembrar as origens medievais da universidade italiana)

<sup>11</sup> Veja [https://it.wikipedia.org/wiki/Museo\\_nazionale\\_delle\\_arti\\_e\\_tradizioni\\_popolari](https://it.wikipedia.org/wiki/Museo_nazionale_delle_arti_e_tradizioni_popolari) **Lamberto Loria**. Um aspecto curioso: esse museu foi fundado em 1906 por um antropólogo (*avant la lettre*) e folclorista italiano, Lamberto Loria (1855-1913), que hoje lhe dá o nome. A ele é dedicada uma pequena praça, em Roma, o único logradouro da cidade a homenagear um antropólogo. É nesta pracinha que dão as janelas do apartamento onde nasci e onde ainda mora minha mãe. É a placa que está na capa deste Memorial. Se eu acreditasse em sinais do destino...

não previa nada além de uma conversa com um orientador (e, no meu caso, com uma coorientadora). Não havia nenhum tipo de preparo metodológico nem passagens administrativas. Tudo muito *naïf*, tudo meio autodidata. No meu caso, porém, a presença sobretudo de Aurora Milillo foi o contraveneno: creio que aprendi o mínimo necessário para que o meu texto não acabasse sendo completamente desvairado. Assim, evidentemente, foi necessário planejar algo que pudesse ser considerado uma “pesquisa de campo”.

Para tanto, em meados de 1982, comecei a preparar a minha primeira viagem ao Brasil, que aconteceria em janeiro de 1983.

## 2. Outros rumos. 1983-1988.

Poucos dias depois do começo de 1983, aos 23 anos de idade, com um voo que faria escala em Londres, desembarquei no aeroporto de Recife. Minha meta era Salvador, que eu identificara (creio que por influência de Marotti), como a “capital” do Nordeste e, portanto, o lugar principal para a minha desejada coleta de folhetos. Antes da viagem, mas com a interveniência principalmente de Aurora, havíamos definido o foco da pesquisa: folhetos com narrativas envolvendo personagens negras, a serem analisadas sobretudo com a metodologia utilizada por Vladimir Propp na sua *Morfologia do conto maravilhoso*.

Saindo do aeroporto, me dirigi à rodoviária e peguei um ônibus para Maceió, onde passaria a minha primeira noite brasileira, etapa intermediária para chegar a Salvador no outro dia. Não havia internet (nem google maps nem tripadvisor nem booking.com) e, portanto, imagino ter planejado tudo isso com base em mapas dobráveis ou mesmo atlas e ligações telefônicas: deve ter sido algo eletrizante, mas, de novo, não lembro os detalhes<sup>12</sup>.

Salvador foi a base para três viagens fundamentais para a minha coleta de materiais, embora de natureza diversa: Rio de Janeiro, com foco na extraordinária coleção de folhetos da Fundação Casa de Ruy Barbosa<sup>13</sup>; Feira de Santana e Juazeiro do Norte. No Rio, evidentemente, também comprei muitos livros, inclusive e sobretudo os editados pela própria Fundação, dedicados à “literatura de cordel”, assim como fiz nas livrarias de Salvador, especialmente no Sebo Brandão. Possuo até hoje muitos livros adquiridos nessa viagem, embora já não pense mais que eles possam ter sido as melhores escolhas teóricas e metodológicas. Muito Câmara Cascudo, mas também muitos trabalhos sobre Candomblé, tanto do Nina Rodrigues como do Edison Carneiro ou do Roger Bastide, além de uma velha edição de *A Bahia de Outrora*, de Manoel Querino (e,

---

<sup>12</sup> Nessas primeiras horas em terras brasileiras, conheci três elementos que me marcariam: a coxinha de galinha e o refresco de maracujá das estações rodoviárias – e o tamanho das garrafas de cerveja, que me assustou, confesso, no começo. Na Itália, só conhecia as garrafinhas *long neck*.

<sup>13</sup> Nos dias que passei no Rio, graças aos pais – cearenses – de um amigo brasileiro que morava em Roma, tive a honra e o prazer de passar uma tarde no apartamento de Rachel de Queiroz. Infelizmente, não tenho lembranças mais vivas desse encontro!



algo profeticamente, como veremos, também o clássico *Santo também come*, de Raul Lody).

A quantidade maior de folhetos, porém, foi adquirida num lugar “central” naquela minha primeira viagem: o Mercado Modelo, onde também ouvi inúmeras apresentações de cantadores repentistas. Entre eles, me aproximei do (descobriria depois) célebre poeta popular **Rodolfo Coelho Cavalcante**, de quem comprei dezenas de folhetos e de quem guardo uma lembrança muito carinhosa. Ele mantinha uma “banca” fixa na frente do Mercado, atendendo tanto a turistas quanto a pesquisadores... como eu...<sup>14</sup>



**Rodolfo Coelho Cavalcante** (1919-1987).

Fonte: [https://marcohaurelio.blogspot.com/2011\\_09\\_05\\_archive.html](https://marcohaurelio.blogspot.com/2011_09_05_archive.html).

De volta à Itália, depois de 40 dias, com ainda algum exame para realizar, dediquei-me com seriedade à leitura do material e, finalmente, à redação da minha *tesis*. O título dela ficou assim: *O encontro do Cordel com o negrão: funzioni narrative dei personaggi di colore nella “Literatura de Cordel” brasiliana*. Seria defendida em 12 de março de 1984<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Também não sei como eu me dividia entre esses dois papéis: as datas em que eu permaneci em Salvador também me consentiram conhecer e viver tanto a Lavagem do Bonfim, quanto a festa de Iemanjá e, no final, o carnaval, ainda não completamente “vendido”, sem cordões de isolamento, camarotes e “axé music” – o único trio elétrico era o de Dodô e Osmar.

<sup>15</sup> Em algum momento da minha vida entre 1984 e hoje, o meu exemplar do trabalho ficou perdido. Creio que a única cópia dele seja a guardada na biblioteca do “Istituto Italo-Latino-Americano” (IILA), em Roma, à qual eu a doe, em agradecimento da assistência bibliográfica que ela me prestou, na época da redação. Veja: <https://alexandrie.iila.org/card/o-encontro-do-cordel-com-o-negrao-funzioni-narrative-dei-personaggi-di-colore-nella-literatura-de-cordel-brasiliana-andrea-ciacchi-tesi-di-laurea-in-letteratura-brasiliana-anno-accademico-1-2/>

Na página web da IILA, lê-se: “A IILA, Organização Internacional Ítalo-Latino Americana, é um órgão intergovernamental com sede em Roma, instituído em 1966, com o nome de Instituto Ítalo-Latino Americano, pelo Ministro das Relações Exteriores da época, Amintore Fanfani, que imaginou a IILA como uma ferramenta de estímulo e fortalecimento das

Creio que as propostas de Propp, embora consideradas, à época e hoje mais ainda, como essencialmente “formalistas”, eram cultivadas e utilizadas também pelo grupo ligado à antropologia gramsciana (Cirese, Clemente, Milillo) por serem consideradas uma antecipação das tendências estruturalistas contemporâneas, que constituía, mesmo no contexto marxista de então, um *mainstream* teórico de grande relevância. Mais especificamente, a presença da lição proppiana nos trabalhos dos estudiosos que eu acompanhava, se referia sobretudo à questão da *classificação*: Milillo (em *La vita e il suo racconto*) cita esse trecho da *Morfologia*, que eu também considerei um ponto de partida para a minha tentativa de classificação dos folhetos brasileiros: “a maior parte dos pesquisadores *começa* pela classificação introduzindo-a de fora no material, quando, de fato, deveria deduzi-la a partir dele”. Ao mesmo tempo, porém uma obra sucessiva do autor soviético (*As raízes históricas do conto maravilhoso*, 1946<sup>16</sup>) constituía um antídoto à suposta ausência da História na teoria estruturalista proposta pelo professor francês. Esse contraste ficou depois (1966) mais aberto na primeira edição italiana (1966), que reproduz uma intervenção crítica de Lévi-Strauss e a resposta de Propp. Aurora Milillo<sup>17</sup>, entretanto, argumenta a favor de “substanciais concordâncias entre as duas visões do problema [*a dimensão histórica das narrativas de tradição oral*]. Dessa forma, no alto dos meus escassos 24 anos, eu me sentia (orgulhosamente? Contraditoriamente?) ao mesmo tempo um proppiano e um estruturalista!

Seja como for, creio que o trabalho agradou à banca, composta por onze membros, dos quais, creio, apenas três, Giorgio, Aurora e o “etnoglólogo” (ou antropólogo da linguagem) **Giorgio Raimondo Cardona**, de quem me tornei amigo através de Aurora, leram a tese. O número de onze é ainda hoje um mistério para

---

relações entre a Itália (a Europa) e a América Latina. Os estados membros da Organização são a Itália e as 20 Repúblicas da América Latina. [...] A IILA também possui uma das mais importantes bibliotecas Latino-americanistas da Europa”. Nos anos oitenta, essa biblioteca se localizava a poucos metros do Museu de Artes e Tradições Populares, de forma que aquela região (também pouco distante da minha casa e da de Aurora) se tornou o meu polo principal de estudo.

<sup>16</sup> Lembrando que a edição original da *Morfologia* é de 1928, tendo sido publicada pela primeira vez na Itália em 1966 e no Brasil em 1983. Vale informar que a edição italiana foi publicada numa coleção famosa, da editora Einaudi: a “Collana Viola”, coordenada por Ernesto De Martino e Cesare Pavese, publicou, entre 1948 e 1967, pela primeira vez na Itália, obras de Jung, Lévy-Bruhl, Propp, Malinowski, Frazer, Eliade, Durkheim, Mauss, entre outros, além das obras dos principais antropólogos e folcloristas italianos (Giuseppe Cocchiara, Paolo Toschi, Raffaele Pettazzoni, o próprio De Martino).

<sup>17</sup> MILILLO, Aurora. *La vita e il suo racconto*. Roma-Reggio Calabria: Casa del Libro, 1983, p. 65-68.

mim, mas a minha apresentação deve tê-los convencido que ali estava um promissor projeto de antropólogo, pois acabei saindo com a nota máxima (110, justamente...) e com “louvor”<sup>18</sup>.

Ora, parafraseando Fernando Pessoa (que ainda conhecia muito pouco, à época), a pergunta que não queria calar era: “o que farei eu com esta tese?” É preciso lembrar que, naquela época, ou seja, a primeira metade dos anos oitenta, o sistema universitário italiano não previa nenhuma modalidade daquilo que, no Brasil, se entende (desde a virada dos sessenta para os setenta) como “pós-graduação”. Para isso, havia um sintoma e uma consequência, consignados num termo: *dottore*. O sintoma era que, ao final de um *corso di laurea* (ou seja, rigorosamente, um curso de graduação), a pessoa recebia o título (e um diploma) de *dottore in* alguma coisa. No meu caso, *dottore in Lettere e Filosofia*, pois esse era o nome da faculdade onde eu estudara. Não aparece nem a expressão “literatura brasileira” nem a palavra “antropologia”. A consequência era que, depois desse passo, nada mais haveria a se fazer, na Itália, que envolvesse mais etapas de estudo e/ou pesquisa. Como se sabe, só a partir de 1999, com o “processo de Bolonha”, a Itália se adequaria, de certa forma, num sistema internacional. Mesmo assim, foi também em 1983 que começaram a ser instituídos na Itália os primeiros “*dottorati di ricerca*”<sup>19</sup>, em algumas poucas áreas do conhecimento e universidades. A rotinização desse novo nível de formação, porém, só ocorreria na segunda metade desse decênio.

Mas eu, provavelmente por intermédio de Giorgio Marotti, já havia ouvido falar nessa coisa “brasileira” chamada *mestrado*. Enquanto isso, porém, passara a frequentar a casa da professora Luciana Stegagno Picchio e, numa oportunidade, conheci lá uma figura a quem também devo muita gratidão e por quem sinto muita saudade, **Bráulio do Nascimento** (1924-2016). No seu falecimento, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular divulgou este necrológico:

---

<sup>18</sup> Era, como disse, um 12 de março, aniversário (por coincidência) da minha zia Maria, que ali estava me aguardando do lado de fora, ansiosa, orgulhosa, feliz. Ela, que havia me levado até o portão do meu primeiro dia de escola primária, em 1965, concluía assim um ciclo.

<sup>19</sup> O “sobrenome” – *di ricerca* (de pesquisa) – era (e é ainda), provavelmente, para salvaguardar a aura do *dottore* por antonomásia, ou seja, o “bacharel”. Coisas italianas...

Prof. Bráulio nasceu em João Pessoa, Paraíba, no dia 22 de março de 1924. Bacharel em Línguas Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professor, jornalista, crítico literário e folclorista, especialista em romances e contos populares, com trabalhos reconhecidos no Brasil e em diversos países do mundo.

Como servidor público federal, no cargo de redator, trabalhou na Seção de Publicações, da Divisão de Publicações e Divulgação, da Biblioteca Nacional. (...)

Como folclorista, foi Secretário da Comissão Municipal de Folclore/GB e redator do Boletim do Museu Municipal de Folclore/GB.

Na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, atuou como chefe da Divisão de Proteção ao Folclore e secretário da Revista Brasileira de Folclore. Em 1974, assumiu a direção executiva, onde permaneceu até 1982, sendo o responsável pela conquista da primeira sede própria desta instituição, bem como pela sua transformação, em 1979, em Instituto Nacional do Folclore, no âmbito da então recém-criada Fundação Nacional de Arte - Funarte.

Foi ainda vice-presidente e presidente da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura, no período 1981 a 2000, mandatos que o conduziram ao cargo vitalício de Presidente de Honra daquela Comissão (...).

Bráulio era, então, portanto, figura central do movimento brasileiro ligado aos estudos sobre folclore e cultura popular<sup>20</sup>.



**José Aloísio Vilela, Théo Brandão, Câmara Cascudo e Bráulio do Nascimento.** Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/costa-rego-no-folclore-alagoano.html>

Mais adiante, dedicarei alguma lembrança à relevância dos encontros que a minha frequência da Via Civitavecchia me proporcionou. Um desses

<sup>20</sup> A partir desse dia, tive muitas outras oportunidades de encontrar Bráulio do Nascimento: tanto em João Pessoa, como na casa dele, no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro, além de congressos e seminários. No final dos anos oitenta, ou começo dos noventa, ele esteve em Roma e o levei para conhecer Aurora Milillo. Foi um encontro agradável e emocionante, para nós três, e que rendeu bons resultados para o trabalho dos dois sobre contos populares e de tradição oral.

encontros, com Bráulio foi, mesmo decisivo. O assunto era, com ele e Luciana: onde fazer mestrado, no Brasil, dando continuidade aos meus interesses em cultura e literatura popular e oral?

Bráulio, paraibano, foi simples e direto: na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa!

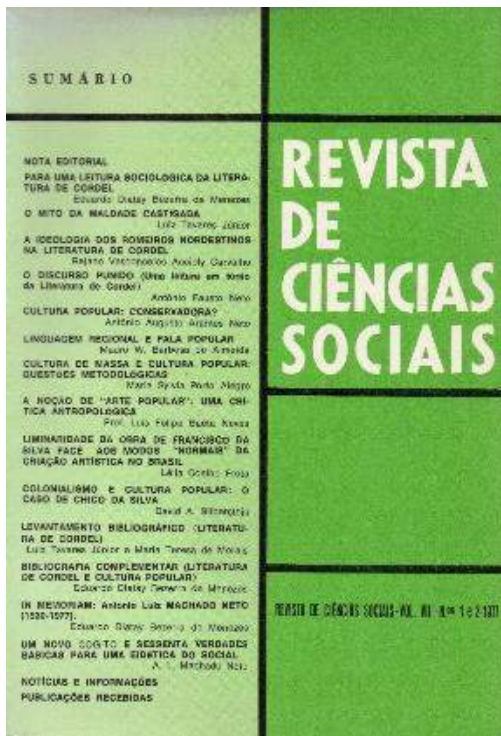


**Em 2014.** Fonte: <http://contos-fabulas.blogspot.com/2014/03/parabens-braulio-do-nascimento.html>

Confesso: conhecia, de nome, a cidade de João Pessoa, apenas por ter sido lá que nasceu um jogador de futebol famoso à época, que jogava na Itália, Leovigildo Júnior. Mas, evidentemente, anotei a sugestão (acompanhada pelo nome de uma professora que poderia ser a minha orientadora - Francisca Neuma Fechine Borges) e passei a planejar a minha segunda viagem ao Brasil, que teria por objetivo principal, justamente, escolher uma cidade e uma universidade onde tentar um curso de mestrado - em Antropologia. A viagem aconteceu em julho de 1984, ou seja, menos de quatro meses depois da defesa da minha monografia de graduação.

As etapas foram: Recife, Salvador de novo, Rio de Janeiro, Florianópolis, João Pessoa e Fortaleza. Na capital cearense, visitei o professor Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, o ilustre cientista social, que me doou dois números da *Revista de Ciências Sociais*, dedicados justamente à literatura de Cordel (1977) e a questões agrárias (1980). Fazer mestrado na Universidade Federal do Ceará era uma opção muito interessante. Mas a minha escolha acabou mesmo caindo para a Federal da Paraíba, também por um motivo menos acadêmico. Nos dois ou três dias que passei lá, conheci o maior equipamento cultural da cidade, o “Espaço Cultural José Lins do

Rego”, que compreende também o Teatro Paulo Pontes. Numa noite, soube que haveria a apresentação de uma peça de um autor italiano de grande relevância, inclusive política, Dario Fo (que ganharia o Nobel de literatura só muitos anos depois, em 1997): *Morte acidental de um anarquista*, com Antonio Fagundes como protagonista e (descubro só hoje!) com a direção de Antonio Abujamra. Aquilo me fez vislumbrar a possibilidade de morar, pelo período de duração do Mestrado, numa cidade com uma vida cultural muito ativa e engajada<sup>21</sup>.



Ao mesmo tempo, soube que a professora indicada por Bráulio, Neuma Fachine, não atuava em nenhum programa de pós-graduação, mas que havia, sim, uma docente que poderia ser minha orientadora: **Idelette Muzart Fonseca dos Santos**, uma professora francesa que em 1994 deixaria o Brasil e hoje atua na Université Paris Ouest Nanterre La Défense. A questão era (e foi) que o Programa onde ela me convidava a entrar como mestrando era de... Letras. Letras “letras”, em sentido estrito, de certa forma. Na realidade, a coisa talvez mais relevante que aconteceu nessa

<sup>21</sup> Reabrindo a minha cópia da dissertação, leio nos agradecimentos algo que havia esquecido por completo e que se relaciona à escolha de João Pessoa e da UFPB para cursar o Mestrado, amadurecida em outros encontros no Rio de Janeiro nessa viagem: “Na escolha da UFPB para esta pesquisa, ajudaram também **José Aderaldo Castelo** e o saudoso **Orígenes Lessa**”. De fato, foi isso, embora não lembre dos detalhes desses dois encontros, ambos proporcionados por Bráulio do Nascimento. Vale acrescentar, ainda, que nos anos em que morei em João Pessoa, nunca mais apareceu algo como Antonio Fagundes ou Antonio Abujamra, mas, de fato, a vida cultural da capital paraibana é algo notável, e eu teria o privilégio e o prazer de me envolver significativamente nela, cerca de quinze anos depois.

segunda viagem foi descobrir que, no Brasil dos anos oitenta, os estudos de literatura e cultura popular estavam concentrados nos programas de Letras e não de Antropologia ou mesmo de Ciências Sociais. De fato, com a exceção do trabalho excepcional de **Antonio Augusto Arantes** na sua tese de doutorado (*O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*. São Paulo: Kairós/ FUNCAMP, 1982)<sup>22</sup>, tem falado muito mais alto, na tradição dos estudos brasileiros, a linhagem dos “folcloristas” que, com altos e baixos, tem ocupado mais frequentemente posições acadêmicas na área de Letras. Em outros momentos (que aparecerão aqui neste memorial), dediquei-me a abordar um pouco essa questão, mas, agora, basta dizer que, sim, aceitei o desafio e comecei a me organizar para me tornar, quem sabe já no ano sucessivo, um mestrando em Letras na UFPB.

Idelette deu-me, a partir desses dias, todas as sugestões, informações e instruções para me orientar na pequena burocracia e na linguagem peculiar da universidade brasileira, que me era quase completamente desconhecida. Aprendi, assim, que seria necessário escrever um *projeto*, para fazer uma *seleção* da qual, porém, descobri que seria dispensado, por uma *portaria* do Reitor, por ser estrangeiro. Fui escrevendo o projeto, então, arrumando o resto da documentação, inclusive junto ao consulado brasileiro em Roma, informei a família, comprei uma passagem (a mais barata, como sempre, desta vez com uma escala em Casablanca, mas sem direito a Ingrid Bergman e Humphrey Bogart!) e, em abril de 1985, embarquei mais uma vez de Roma para Recife, rumando, porém, desta vez, para norte. Em abril e não em fevereiro ou março, pois, como Idelette havia me alertado, uma greve prolongada dos professores das universidades federais atrasaria o início do ano letivo de 1985. Não lembro em que dia cheguei, mas foi pouco antes do falecimento de Tancredo Neves. José Sarney já havia tomado posse. Eu, desde 1984, vinha acompanhando pela imprensa (incluindo os jornais brasileiros que se encontravam nas salas do Centro de Estudos Brasileiros da embaixada em Roma, que eu continuava frequentando) as movimentações pela redemocratização, as Diretas Já, a formatação da “Nova República”, a transformação do PDS em PFL<sup>23</sup>. Conseguir informações mais

---

<sup>22</sup> Quando finalmente conheci pessoalmente o professor Antonio Augusto, em São Paulo, mais de vinte anos depois, em 2005, a minha cópia do livro já estava perdida: lamento não tê-la para que ele a autografasse.

<sup>23</sup> Na viagem de 1984, em Florianópolis, onde estive com um amigo, professor da UFSC, já falecido – **Etienne Luiz Silva** – participei de um ato “pelo reatamento” das relações diplomática do Brasil com Cuba, com a participação de Chico

detalhadas, estando na Itália, cerca de dez anos antes da popularização da Internet foi difícil, mas, ao mesmo tempo, sempre considerei que isso fizesse parte da minha formação “brasileira”, como um todo. Nas minhas leituras também procurava inserir temas de política brasileira, sobretudo relativos à história dos movimentos e partidos de esquerda e dos comunistas em particular. Mais tarde, fui me aprofundando mais sobre isso, mas, mesmo assim, ainda não me são claras e completamente compreensíveis algumas das atitudes e das opções tanto do PCB quanto do PCdoB ao longo das suas histórias. Talvez (aliás, com certeza) eu cometa o erro de construir comparações com a minha própria visão da trajetória dos comunistas italianos, que deveria reconhecer como bem diferente, pelos desafios que os seus respectivos contextos históricos lhes proporcionaram. Mas não deve ser este o lugar para ir falando mais sobre isso... Talvez seja suficiente dizer, aqui, como a minha participação e o meu interesse na política brasileira, sempre na posição de um comunista italiano, nunca me abandonaram. Escrevo isto no começo do último ano do governo Bolsonaro, com uma certa impaciência.

Até onde lembro, minha adaptação à vida em João Pessoa e no Brasil foi rápida e tranquila. Com muita assistência e conselhos da minha orientadora, e morando desde logo numa “república” na frente do campus da UFPB, apreciando tanto as aulas como os colegas e os professores, aprendendo a conhecer e a gostar da culinária nordestina, os dois primeiros semestres letivos passaram muito rapidamente. Eram anos de hiperinflação, com a qual aprendi a conviver até porque o meu minúsculo orçamento doméstico era em dólares, que permitia driblar, em parte, aquilo que me parecia uma bizarrice e um pesadelo ao mesmo tempo. Em 1985, oscilava entre 9 e 15% ao mês. O alívio veio em fevereiro de 1986, com o plano cruzado, que pagamos com aquela escassez de produtos que muitas pessoas devem lembrar ainda. Mas, evidentemente, tudo isso também foi um imenso aprendizado para mim.

Mas o principal foi tudo aquilo que vivi como estudante de mestrado, mesmo. Tudo, absolutamente tudo era novidade para mim. Desde a própria formatação das aulas, óbvias – eu sei hoje – com uma professora ou um professor na frente de um pequeno grupo de alunos. A realização de “seminários”, a redação de monografias no

---

Buarque. Etienne, nos meses sucessivos, informava-me periodicamente sobre as grandes manifestações com cartas e recortes de jornal



final de cada disciplina, as leituras de autores e de teorias que acabariam para marcar a minha formação e, sobretudo, a minha forma de ver e, mais tarde, de “ensinar” a ver o mundo.

Sem ter mais cópia do meu antigo Histórico escolar (e portanto com possíveis esquecimentos), lembro da disciplina de Fonética e Fonologia, com a figura histórica da professora **Socorro Aragão**, uma instituição na linguística brasileira; da de Estilística, com o professor **Francisco de Assis Dantas** (para a qual escrevi uma monografia sobre os contos de Machado de Assis com músicos protagonistas – “O homem célebre” e “Cantigas de Responsais” – que de vez em quando releio pensando na possibilidade de retomar para uma eventual publicação), de Literatura Comparada, com o professor **Maurice Van Woensel**, medievalista (e muito mais) nascido na Bélgica, uma das mais deliciosas e amáveis figuras humanas que eu jamais encontrei na vida<sup>24</sup>.



**Maurice Van Woensel.** Arquivo da família. Cortesia do prof. Fernando Van Woensel (IFPB).

Mas a grande virada aconteceu no encontro com uma professora que colocou as

---

<sup>24</sup> Durante uma greve docente muito longa, no final do segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, o então ministro da Educação, Paulo Renato, suspendeu por um ou dois meses o pagamento do salário dos professores da ativa. Nessa oportunidade, o professor Maurice, já aposentado, me procurou para perguntar se eu precisava de alguma ajuda financeira. Por acaso, como à época eu era professor visitante, recebera, sim, o meu salário. Mas o gesto do colega foi precioso e, evidentemente, inesquecível.

bases para a minha própria reinvenção epistemológica, **Maria Ignez Novais Ayala**, que ministrou duas disciplinas fundamentais: *Teoria da Narrativa*, obrigatória, e uma opcional, um “tópico especial em literatura brasileira” com o título “Representação do Oprimido” – o mesmo do projeto de pesquisa que ela coordenava. Foi com ela, também, que “paguei” uma disciplina que sabia ser uma exigência engendrada na ditadura que acabara de ser encerrada, *Estudo de Problemas Brasileiros*.

Maria Ignez é uma “cria” da USP, onde, depois da graduação em Letras, fez mestrado e doutorado em Literatura Brasileira com a orientação de um crítico que eu também passaria a ler e a apreciar, João Alexandre Barbosa. Sua tese de doutorado, defendida em 1983, eu conheci quando foi publicada em volume: *No arranco do grito, aspectos da cantoria nordestina*, lançado pela Ática em 1988. Um ano antes, em 1987, a mesma editora, na gloriosa coleção “Princípios”, publicara um outro “clássico”, ainda hoje leitura obrigatória para os meus estudantes por onde eu passo, *Cultura popular no Brasil*, escrita com Marcos Ayala, seu marido.



**Maria Ignez e Marcos Ayala.** Fonte: <https://www.acervoayala.com/>

Gostaria de lançar mão de duas contribuições diversas para que se tenha uma ideia da posição teórica, metodológica e política de Maria Ignez e Marcos, sem dúvida alguma, as mais fortes influências na minha própria identidade acadêmica, desde então. Antes, na esteira do meu “modo Paulo Honório”, um retrato traçado por uma aluna de Maria Ignez, hoje professora na Universidade Federal de Campina Grande, **Valéria Andrade**, pesquisadora na área de autoria feminina na história do teatro brasileiro e que também foi minha aluna na UFPB:

**Terminava o ano de 1995. Eu nem bem terminara de dar à luz o primeiro fruto de uma pesquisa sobre mulheres que escreveram o**

Brasil em suas dramaturgias oitocentistas, mas assumia sem espanto, antes com orgulho, uma nova gestação. Por sugestão de Zahidé Muzart, que me acompanhara até então na UFSC, escolhi Ignez Ayala como doula da minha nova “menina dos olhos”, planejada como uma espécie de irmã maior (embora mais nova) daquele primeiro projeto investigativo de tirar das notas de rodapé da história do teatro brasileiro toda uma linhagem de mulheres-dramaturgas - iniciada, de fato, em fins do Setecentos. A ideia era, então, ampliar o mapeamento biobibliográfico realizado como parte do mestrado (de que resultou o Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX [Mulheres, 1996]), estendendo-o à primeira metade do século XX.

Ignez, com quem Zahidé estivera no V Seminário Nacional Mulher e Literatura (Natal-RN, 1995), pesquisava àquela altura a cantoria nordestina no feminino e, sem reservas, abraçou e acolheu a minha proposta, a despeito de ter o contemporâneo como prioridade em suas pesquisas sobre cultura popular no Brasil.

No meio do caminho, uma pedra drummondiana me faria revisar a proposta e, para minha sorte, percebi o que só então me pareceu óbvio. Um mapeamento alargado como o pretendido faria muito mais sentido precedido de uma investigação sobre as condições históricas de ocorrência do momento decisivo (como diria Candido) das nossas dramaturgas. Com o aval de Ignez, reposicionei-me frente ao desafio auto proposto, desenvolvendo estratégias arqueológicas desta feita para reconstituir e compreender variadas condicionantes socioculturais de meados do Oitocentos brasileiro, quando da irrupção da nossa dramaturgia de autoria de mulheres.

Remontar os cenários social e teatral do período, alterados notadamente pelo acelerado projeto de modernidade posto em curso no Brasil da segunda metade do século XIX em diante, concentrando minha atenção investigativa em refazer o itinerário de ação das mulheres tanto num como noutro contexto, traria, ao fim e ao cabo, o entendimento do processo formativo de uma tradição literária brasileira protagonizada no feminino, formalizado na dramaturgia de duas autoras: Maria Angélica Ribeiro (1829-1880) e Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913).

Às vésperas da defesa da tese, lá estava minha nova “menina dos olhos”, redondinha e, alguém poderia dizer, “cheinha”, em seus dois volumes. Chamei-lhe ENTRE/LINHAS E MÁSCARAS: A DRAMATURGIA DE AUTORIA FEMININA NO BRASIL DO SÉCULO XIX, supondo que assim a nomeara de modo a que dissesse, alto e bom som, a que vinha. Dado o “imprima-se”, já tarde da noite do mesmo dia, Ignez chama-me ao telefone. Aflita, quase em polvorosa, ela precisava saber: os exemplares para a banca examinadora teriam sido impressos? Não podia ser. Ela fora desatenta e só então, relendo o título da tese, naquela hora final, pudera reparar: faltava uma palavra ao título. FORMAÇÃO. Minha tese tratava do processo de formação da dramaturgia brasileira de autoria feminina e este substantivo era decisivo para que ela cumprisse sua sina no mundo, para que ela fosse

**compreendida por quantas leitoras e leitores viessem a ter, em particular aquelas e aqueles incumbidos da sua aprovação na academia.**

**Obrigada imenso, Ignez - doula, mais que atenta, sagaz e companheira!**

E, em seguida, trechos do texto de apresentação de uma página web, “Acervo Ayala”<sup>25</sup>, que reúne os múltiplos resultados das pesquisas de Maria Ignez e Marcos ao longo de exatos cinquenta anos (1972-2022):

O Acervo Ayala se estrutura a partir de diferentes tipos de objetos e documentos relacionados aos temas Artesanato, Religiosidade, Danças Coletivas e Dramáticas, Literatura impressos (folhetos, poemas e canções), Poesia e Narrativas Orais. Os temas encontram-se inter-relacionados em peças artesanais que retratam costumes, em fotos, registros sonoros e audiovisuais feitos em localidades urbanas e rurais de residência de artistas populares, em festas e apresentações públicas e em depoimentos e entrevistas, sendo arbitrária qualquer tentativa de tipologia que isole as atividades culturais e artísticas tradicionais populares em categorias estanques. (...) Os falares e cantares que se destacam nesta página, bem como as imagens, foram selecionados a partir de documentação sonora, audiovisual e fotográfica, resultante de pesquisa de campo de cunho etnográfico e têm a intenção de construir um painel de diferentes formas de expressão, reveladoras de uma poética da oralidade, originária de diferentes localidades nordestinas.

Aqui se encontram representados vários sistemas culturais predominantes no nordeste brasileiro, que se intercomunicam, formando um grande sistema da oralidade. Abrangem poesia narrativa em que se cantam e contam histórias (folheto/cordel), versos motivados pelo acaso, declamados ou cantados (repente, poemas e canções, coco de embolada), acompanhados de vários instrumentos, música e dança comunitária (coco e ciranda), danças dramáticas (barca ou nau catarineta, lapinha, cavalo marinho, bois de reis), teatro de bonecos (mamulengo, babau entre outros), além da xilogravura, forma plástica de se referir a histórias e costumes (...).

Oralidade é aqui entendida não apenas como forma de transmissão de conhecimento, mas, principalmente, como o sistema de conhecimento próprio das culturas orais, que é diferente do sistema das culturas escritas.

Entre os tantos contextos, sobretudo históricos, desse rico e grande empreendimento, está sobretudo a figura de Mário de Andrade, central na experiência e na prática docente e de pesquisa de Maria Ignez e, a partir desse tempo, também para mim, como veremos. É muito claro, para mim, que na personalidade dela, incluindo nesse termo as contribuições e as interações de uma curiosidade insaciável, a capacidade de se emocionar e de levar tudo completamente a sério e com ginga lúdica ao mesmo tempo e a amplitude dos

---

<sup>25</sup> <https://www.acervoayala.com/>

interesses, das experiências e dos gestos epistemológico, tinha muito de Mário. Ela também – eu garanto – é trezentos, é trezentos-e-cincoenta.

Mas vamos pôr ordem.

Nas duas disciplinas principais em que Maria Ignez foi minha professora, eu tomei conhecimento, praticamente pela primeira vez, em muitos casos, da obra de autoras e autores sem os quais nada disso (disso que aqui se segue) seria nem de longe possível. Não creio necessário me alongar muito além de uma lista de nomes. Na vertente crítica e/ou ensaística, Antonio Candido (a *Formação!* E a “dialética da Malandragem”, e mais ainda), Roberto Schwarz (desde “as ideias fora do lugar” até todo o resto, incluindo uma obra aparentemente menor, mas importantíssima, como a coletânea que ele organizou em volta de *Os pobres na Literatura Brasileira*), Marilena Chauí (com a ideia de *discurso* competente) mas também, como disse, João Alexandre Barbosa, Oswaldo Elias Xidieh, Florestan Fernandes, Carlos Rodrigues Brandão, Antônio Augusto Arantes, ou, recuando mais ainda, Amadeu Amaral, Roger Bastide... E, fora do Brasil, Bakhtin, García Canclini. Entre os autores de literatura, além de Mário, evidentemente, Lima Barreto, Graciliano, Alcântara Machado, Guimarães Rosa, Dalton Trevisan e João Antônio. No final da disciplina de Teoria, escrevi um trabalhinho sobre um conto de Mário, “Primeiro de Maio”, que acabou sendo publicado numa coletânea organizada por Maria Ignez e outra colega de quem me aproximaria alguns anos depois, **Sônia Ramalho**. Acabou sendo, em 1988, o meu primeiro “trabalho científico” pelo qual, hoje, não sinto muita vergonha<sup>26</sup>.

O aprendizado com Maria Ignez e Marcos foi sólido também em outras circunstâncias e perspectivas, sobretudo quando, a partir creio do meu primeiro semestre em João Pessoa, passei a frequentar a casa deles em Tambaú e alguns barzinhos da cidade. Eu, também, havia “algo” para oferecer em troca: a informação de que eu havia sido aluno de Cirese, autor frequentemente citado por García Canclini, deu-me um bom naco de capital simbólico e, não sei com quantos resultados práticos, passei a dar aulas de italiano ao casal Ayala, usando como

---

<sup>26</sup> Só um pouquinho, porém. No texto, eu me lanço numa crítica (praticamente um arroubo juvenil) a um artigo do professor Foot Hardman sobre o mesmo conto (“O Impasse da Celebração”). Uma crítica que hoje não me parece mais se sustentar. Creio que já pedi desculpas a ele, de qualquer forma...

livro de texto uma obra fundamental do meu mestre italiano, *Intelletuali, folklore, istinto di classe*.

Mas o saldo da minha frequentação com Maria Ignez e Marcos foi todo a meu favor: foi ao longo desse período que, de fato, eu pude lançar as bases da minha *formação brasileira*, avançando léguas e léguas tanto com relação aos estudos conduzidos com Giorgio Marotti quanto ao meu próprio autodidatismo. Aprendi a reconhecer as vinculações teóricas mais sólidas entre autores que acabaram me acompanhando pelo resto da minha trajetória. Além dos dois principais – Antonio Candido e Roberto Schwarz – também o grupo de pesquisadoras e pesquisadores da USP que, sobretudo em volta do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), se ocuparam de cultura brasileira: Telê Porto Ancona Lopez, Flávia Toni, Davi Arrigucci Jr., João Lafetá, **Zenir Campos Reis**, o próprio Alfredo Bosi. Está nesse período, também, o embrião do meu afastamento das lições de um Câmara Cascudo e, mais em geral, da tradição “folclorista” brasileira, apesar do que eu vou relatar daqui a pouco.

Os três primeiros semestres no mestrado, porém, tiveram como atividade principal o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa. Naquele mesmo ano de 1985, a minha orientadora, Idelette Muzart Fonseca dos Santos, havia sido fundadora do Grupo de Trabalho dedicado à “Literatura Oral e Popular” no âmbito do primeiro encontro nacional da ANPOLL (Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). As suas atividades de pesquisa estavam centradas sobretudo nos reflexos brasileiros (e paraibanos em particular) de um repertório textual específico como o *Romanceiro de tradição oral*. O Romanceiro, como eu aprenderia com entusiasmo sobretudo no meu primeiro semestre de estudos, constituía-se de um rico acervo de “origem” ibérica, composto por muitas composições em verso (geralmente octossilábico), de natureza narrativa, populares na Espanha e em Portugal sobretudo a partir do século XV. Mais tarde, acompanhou a diáspora ibérica pelas Américas, sobretudo, formando tradições regionais peculiares. Foi tema de estudos de grandes intelectuais dos séculos XIX e XX, como Ramón Menéndez-Pidal e Diego Catalán na Espanha; Almeida Garrett, Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Pere Ferré, João David Pinto-Correa e Manoel da Costa Fontes em Portugal. No Brasil, os

estudos sobre romanceiro foram menos frequentes, mas, justamente graças a Idelette, eu pude ter acesso a todos eles.

Nas primeiríssimas conversas, ficou acertado que o meu projeto de pesquisa se dedicaria a uma coleta de versões do Romanceiro. O local para os registros seria a cidade pernambucana de Goiana, a exatamente meio caminho entre João Pessoa e Recife. Nesse sentido, a investigação se apresentava como uma boa articulação entre um método etnográfico e uma análise tanto dos textos que seriam coletados como dos seus contextos. Imaginava juntar a minha formação “demológica” italiana à compreensão da tradição de estudos ibéricos e brasileiros sobre o Romanceiro. Uma primeira visita à cidade, me encantou, evidentemente: Goiana, fundada em 1568, possui um centro histórico tombado pelo IPHAN em 2010, sendo que alguns dos seus edifícios religiosos foram tombados ainda em 1938. Na página do IPHAN, hoje, lê-se: “A cidade é um dos mais antigos centros colonizadores do território brasileiro, fundada na então Capitania de Pernambuco, e desempenhou importante função como centro econômico e político da região, tendo sido considerada o principal entreposto comercial de convergência da área norte pernambucana e dos estados vizinhos”<sup>27</sup>. Além disso “Vários monumentos religiosos de Goiana foram restaurados pelo Iphan, entre eles a Igreja Matriz do Rosário dos Homens Brancos, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, além do Convento e Igreja da Soledade (no convento o trabalho realizado pelos próprios frades). Destaca-se o Museu de Arte Sacra, fundado em 1950, nas instalações da Igreja de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, com seu acervo de esculturas de santos confeccionadas por artistas pernambucanos, dos séculos XVII e XIX”.

---

<sup>27</sup> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1641/>



**Igreja de N. Sra. do Carmo e Convento de Santo Alberto - Goiana (PE). Fonte:** <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1641/>

Mas as minhas visitas a Goiana iniciaram a ser frequentes só a partir do segundo semestre, pois no primeiro (mas também no segundo), dediquei-me principalmente a cursar as disciplinas e a conhecer mais de perto o acervo textual do romanceiro, lendo e fichando sobretudo as coletâneas brasileiras. Estas, acessadas graças a compras nos sebos, incluíram autores do século XIX, como Celso de Magalhães (Maranhão), Silvio Romero (Rio de Janeiro e Sergipe), Joaquim Ribeiro (Rio de Janeiro) e da primeira metade do século XX, como Pereira da Costa (Pernambuco). Nas décadas imediatamente anteriores à minha pesquisa, foram publicadas versões catarinenses (por Lucas Boiteux, 1957), São Paulo (Rossini Tavares de Lima, 1971), Maranhão (Antônio Lopes, 1967), Sergipe (Jackson da Silva Lima, 1977) Espírito Santo (Guilherme Santos Neves, 1983), Alagoas (José Aloísio Vilela, 1983), além das versões esparsas em trabalhos de vários autores (como Câmara Cascudo, Théo Brandão, Oneyda Alvarenga e outros) compiladas por Bráulio do Nascimento, autor em contato contínuo com os principais pesquisadores europeus. Muitos desses autores estiveram ligados,



direta ou indiretamente, à tradição dos estudos folclóricos brasileiros, sobre quem escreveram Renato Ortiz (1992), Marcos e Maria Ignez Ayala (1987), Florestan Fernandes (1975) e, sobretudo, Rodolfo Vilhena (1997), mas, por um lado, o meu “uso” deles era limitado, justamente, à minha própria introdução ao universo dos romances e das suas versões brasileiras e, por outro, o meu percurso de afastamento das suas fundamentações teóricas e metodológicas estava apenas iniciando. Nesse percurso, eu fiz coincidir e agir em conjunto as minhas “origens” (Gramsci, Cirese, Milillo, Lombardi Satriani) e aquilo que estava começando a compreender em contexto brasileiro, graças sobretudo à proximidade com Maria Ignez e Marcos Ayala.

Essas leituras, enfim, me permitiram ter familiaridade com temas, personagens, motivos de um repertório que, apesar de pouquíssimo conhecido no Brasil, possui um fascínio extraordinário, no qual se entrelaçam histórias maravilhosas, trágicas, jocosas, com personagens ao mesmo tempo extremamente “reais” e mergulhadas num horizonte fantástico, tendo, finalmente, como só descobri ouvindo as versões de Goiana, também um grandíssimo encanto melódico.

Assim, as minhas idas a Goiana, levando além do gravador, fitas cassetes e pilhas, e muita ansiedade, a sensação de que, afinal, pela primeira vez eu estava fazendo *etnografia*! Meu envolvimento com esta pesquisa deu-se no âmbito de um projeto coordenado por Idelette, denominado *Romanceiro Paraibano* e na disciplina que ela ministrou no primeiro semestre, “Literatura Oral”. Eu sei que, com o passar do tempo, entre 1985 e 1986, eu começava a me “dividir”, tanto nas orientações teórico-metodológica quanto nas frequentações extraclasse, entre Idelette e Maria Ignez que, por sinal, não tinham relação nenhuma uma com a outra e, como descobriria mais tarde, representavam um exemplo típico e corriqueiro de colegas de departamento que não se entendem, ou coisa pior. Vale lembrar, também, que a bibliografia que me era proposta por Idelette era de natureza bastante diferente da que eu compartilhava com Maria Ignez, tendo foco em tradições francesas, com autores como Paul Zumthor, Jean-Claude Bouvier e outros, além dos estudiosos do Romanceiro espanhóis e portugueses, que já mencionei.

Em setembro de 1986, depois de um período muito intenso de pesquisa de campo em Goiana, entre abril e agosto, voltei para Roma, com as transcrições de 85 textos, que me foram cantados ou declamados por 29 mulheres (que à época, infelizmente, eu ainda chamava de “informantes”). 47 desses textos entraram no *corpus* do meu trabalho final, tendo sido identificados como *romances*, ou melhor, como variantes de 19 romances, “tradicionais” (ou seja, “oficialmente ibéricos”) ou de mais dois “em via de tradicionalização”, como categorizei na dissertação. Entre eles, algumas das narrativas mais encontradas nas coletâneas ibéricas<sup>28</sup> e, portanto, dotadas também de maior “peso” simbólico, que lhe advinha (ou advém) da sua “antiguidade”: “Conde Alarcos”, “Donzela Guerreira”, “Dona Branca”, “Delgadinha”, “Bernal Francês”, “O Cego”, “Juliana e Dom Jorge” (ou “Veneno de Moriana”).

Não seria honesto negar ou mesmo ignorar dois fatos de que não me orgulho: eu estava, sim, por um lado um pouco deslumbrado com um sentimento de “coleccionador” de “raridades”, contribuindo para a continuidade de estudos que vinham de épocas e lugares “nobres”, me autofiliando ao mesmo clube dos filólogos espanhóis e portugueses, pelos quais, aliás, não deveria provar nenhuma simpatia especial – sobretudo considerando a minha formação gramsciana. Por outro, no âmbito mais especificamente teórico e metodológico, eu estava de fato oscilando entre duas vertentes: a defendida pela minha orientadora, que articulava as proposições, sobretudo francesas, ligadas, por exemplo, à noção de *performance* e as tradições ibéricas e brasileiras (e que justificaram o convite ao prof. Ariano Suassuna, da UFPE, para compor a minha banca de dessa), e a posição que eu carregava desde a minha graduação e que tinha se confirmado e renovado através da proximidade pessoal e de estudos com Maria Ignez e Marcos Ayala. Dessa oscilação, ou seja, na realidade, dessa falta de escolha se ressentia a minha dissertação. Ela, mesmo assim, foi bastante elogiada pela banca, composta pela professora Jerusa Pires Ferreira e pelo professor **Vilson Brunel Meller**, que era suplente e que substituiu Ariano Suassuna, que acabou desistindo de participar. Wilson era também professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e

---

<sup>28</sup> Não é aqui o lugar para descrever ou comentar as características e as implicações, inclusive ideológicas, dessa tradição, que envolve também elementos quinhentistas e aspectos ligados às áreas galega e judeu-sefardita, e transborda nos campos e subcampos (oitocentistas e sucessivos) da filologia românica.

estava se tornando um grande amigo (e se tornaria meu colega depois de 1994), sobretudo em virtude das suas artes de churrasqueiro, catarinense que era, transplantado na Paraíba havia quase vinte anos<sup>29</sup>. A defesa foi em seis de outubro de 1988, o mesmo dia em que, no Chile, foi anunciado a vitória do “não” no Plebiscito Nacional, resultado que marcaria uma etapa fundamental no lento processo de redemocratização do país. Não pude deixar de comentar isso, quando me foi dada a palavra, no final da sessão, lembrando que a minha constante participação nas passeatas que a esquerda italiana promovia, a partir de 1973, contra a ditadura de Pinochet e em solidariedade a Allende e ao governo de *Unidad Popular* havia sido, portanto havia quinze anos, a minha primeira aproximação à América Latina.

Finalmente, e apesar de tudo isso, a avaliação geral que eu faço da minha experiência no Mestrado na UFPB é sobretudo positiva. Ao longo desses quase quatro anos, eu tive o maior e mais intenso mergulho na cultura e na sociedade brasileira, tanto através da exposição a uma bibliografia de fundamental importância, quanto graças à proximidade com os docentes<sup>30</sup> que, direta ou indiretamente, souberam – mesmo com estilos e modalidades diversas – me proporcionar a melhor compreensão possível do mundo que, dali a relativamente poucos anos seria não só o meu ambiente de vida, mas, também, o contexto da minha própria reflexão intelectual.

---

<sup>29</sup> O professor Vilson, especialista sobretudo em Literatura portuguesa, que depois da aposentadoria, trabalhou como visitante na UFAL, faleceu prematuramente, se não me engano em 1999.

<sup>30</sup> Houve mais docentes da UFPB que, mesmo não tendo sido professores de disciplinas que eu cursei, contribuíram decisivamente na minha formação. Quero citar aqui, ao menos, **Rosa Godoy** (historiadora), **Neroaldo Pontes de Azevedo** (ex-reitor da UFPB, e ex-aluno de Antonio Candido e de José Aderaldo Castello na USP), o mesmo **Vilson Meller**.

### 3. Intermezzo italiano. 1988-1994.

De volta para Roma, lidei com uma questão velha e nova ao mesmo tempo, ligada às relações, que ainda não compreendia muito bem, entre conquistas acadêmicas e mercado de trabalho. Parafraseando novamente o poeta, a pergunta continuava a mesma: “O que farei eu com mais esta tese?”. A primeira resposta veio, inesperada, pela professora Luciana Stegagno Picchio, que me convidou para trabalhar como “secretário” na casa dela - naquela mesma casa da via Civitavecchia de que nos falou, acima, Vera Lúcia de Oliveira.

A proposta, tentadoríssima e logo aceita, envolvia ajudá-la sobretudo a organizar o material relativo a Murilo Mendes (cartas, manuscritos, fotografias etc.), com vistas à publicação de um ou mais livros. Mas, na realidade, o “trabalho” consistiu em, todas as tardes, prestar alguma assistência relacionada a qualquer atividade que ela, vulcânica, apaixonada e apaixonante, e sobretudo em contato contínuo com dezenas de pessoas do mundo inteiro, empreendia. Datilografei muitas cartas (sei lá: para Alfredo Bosi, Jorge Amado, José Saramago<sup>31</sup>, Eduardo Lourenço, Maria da Saudade Cortesão, viúva de Murilo, e para mil outras figuras, de quem eu acabava também me sentindo íntimo, graças a ela), recebíamos visitas de vários intelectuais, arrumava caixas de documentos, fotos, ou, também, simplesmente conversávamos, sobre assuntos literários, artísticos, políticos, gastronômicos, tomando um chá... Foi numa dessas tardes que surgiu uma palavra relativamente nova para mim: “doutorado”, aliás *dottorato di ricerca*. E, em pouco tempo, o incentivo a tentar esse novo caminho (novo para a Itália, que implantara essa modalidade de ensino pós-graduado havia uns dois ou três anos somente), por parte da professora Luciana, se tornou o meu objetivo principal. Identificamos o doutorado em *Iberistica* (sempre traduzi, no Lattes, depois, como “Estudos Ibéricos”), na universidade de Bolonha, a cerca de 400 km de Roma, mas a exatos 900 anos de distância desde a sua fundação<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> A nora de Luciana, **Rita Desti**, é, ainda hoje e desde então, a tradutora oficial dos livros de Saramago na Itália.

<sup>32</sup> Quando fui a Bolonha, no primeiro semestre de 1989, para fazer a seleção, ainda estava aberta uma exposição que celebrava, justamente, o nono centenário da universidade, fundada em 1088. Essa “velhice” me serviria, muito mais tarde, para construir a minha versão pessoal – e paródica – da virada descolonial...



Ainda em 1988, fiz a primeira tentativa. Fui a Bolonha, levando um projeto de pesquisa, assim como vi que se fazia no Brasil, para participar da seleção, que consistia numa prova escrita e numa entrevista. O projeto focava as relações entre Mário de Andrade e a cultura popular. Levei 9,5 na prova escrita, mas, depois da entrevista, acabei ficando fora das quatro vagas disponibilizadas<sup>33</sup>. Ninguém me pediu um projeto de pesquisa. No ano sucessivo, nova tentativa e, dessa vez, entrevistado por um docente que mantinha relações intelectuais com a professora Luciana, fui aprovado. Com a professora Luciana, debruçamo-nos sobre o melhor tema para a tese, que deveria escrever e defender em até quatro anos. Ela achou que o meu mestrado (em Literatura brasileira), mais do que a minha graduação (em Antropologia), me endereçaria para a construção de um perfil intelectual ligado aos estudos literários. Na realidade, com uma delicada argumentação, ao mesmo tempo direta, disfarçada e afetuosa, me deixava entender que, depois, se encarregaria ela mesma de me garantir o ingresso na universidade e na carreira docente, assim como fizera com outros ex-alunos e como, aliás, todos, faziam, naquele campo e nos demais. Eu precisaria apenas aguardar a “minha vez”. Era (e parece que ainda é) assim (ou até pior, pelo que se lê e se comenta) que funcionava o sistema de recrutamento nas universidades italianas. Mas, naquele momento, eu

---

<sup>33</sup> Não será tema a ser desenvolvido aqui, mas, à época, comecei a ficar informado sobre um aspecto da vida acadêmica italiana que no começo me surpreendeu e acabou contribuindo para a minha escolha pela emigração: quase todos os campos são rachados, com brigas e divisões que envolvem desde os docentes mais anciãos aos estudantes mais jovens. Naquele momento, eu era identificado como pertencente ao “grupo” liderado por Luciana Stegagno Picchio, em contraste aberto com um outro, que tinha entre os seus representantes proeminentes o docente de Bolonha que me entrevistou. Esse conflito se dava no campo maior que envolvia tanto a Filologia românica quanto os estudos hispânicos e a própria “lusitanística”.

me concentrava no objetivo mais imediato: desenvolver uma pesquisa de doutorado, com vistas, sim, claro, ao meu ingresso na docência superior no meu país.

Por isso, gostei da proposta da professora, que me sugeria estudar um personagem de quem, até então, eu nunca tinha ouvido falar: **Bento Teixeira** (*circa* 1561-1600, poeta luso-brasileiro, autor de um poemeto épico publicado póstumo, a *Prosopopeia* (1561). De fato, como logo perceberia, Bento Teixeira não é muito bem tratado nas histórias literárias brasileiras.

Antes, porém, precisava atender e acompanhar as atividades propostas pelo doutorado. Estas, como compreendi aos poucos, eram completamente diferentes da modalidade de pós-graduação *stricto sensu* que eu havia conhecido no Brasil. Resumidamente, nós doutorandos éramos convidados a passar uma vez por ano em Bolonha, na primavera, para assistir a “seminários”: uma série de “aulas/palestras” que os membros do corpo docente apresentavam, sobre os temas mais variados. Em seguida, tínhamos que escolher, se não lembro mal, três dessas temáticas e desenvolvê-las redigindo outros tantos textos, em formato de artigo, a serem depois avaliados pelos respectivos professores. Quem eram os professores, quais eram os assuntos dessas palestras?

Não lembro tudo, evidentemente, mas é necessário dizer que se tratava, desse ponto de vista, de uma ambiente razoavelmente interdisciplinar: as áreas de conhecimento a que éramos expostos, mesmo em pequenas doses, eram variadas: literatura, sociologia, história, relações internacionais, filologia, mesmo assim com predomínio dos estudos literários hispânicos e hispano-americanos. Entre os docentes, lembro com mais nitidez sobretudo os hispanistas, como **Rinaldo Froidi** (1924-2011), especialista em teatro do *Siglo de oro* e dos séculos XVII e XVIII, através de quem conheci um pouco da obra e do contexto de Lope de Vega; **Maurizio Fabbri**, estudioso sobretudo do século XVIII; **Giuseppe Bellini** (1923-2016), da Universidade de Milão<sup>34</sup>, mais ligado aos estudos de americanística; **Giovanni Caravaggi** (1934), da Universidade de Pavia, especialista em poesia

---

<sup>34</sup> O curso tinha sede na Universidade de Bolonha, mas incluía docentes de sedes “consorciadas”: Milão, Veneza e Pavia.

espanhola, tanto da épica renascentista quanto do século XX<sup>35</sup>; **Manuel Simões** (1933), da Universidade de Veneza, lusitanista, também poeta, que seria o meu orientador.



**Rinaldo Frolidi.** Fonte: <http://malama.blogspot.com/2011/09/rinaldo-froldi.html> e **Giuseppe Bellini.** Fonte: [https://www.cervantesvirtual.com/portales/giuseppe\\_bellini/](https://www.cervantesvirtual.com/portales/giuseppe_bellini/)



**Manuel Simões.** Fonte: <https://aviagemdosargonautas.net/2021/08/30/que-salazar-era-o-salazar-de-fernando-pessoa-por-manuel-simoes/>

O que me sinto obrigado a confessar, porém, é que nem de longe a minha experiência de doutorado pode ser comparada à que tive no mestrado. Sem

---

<sup>35</sup> Foi o professor Caravaggi, que depois acabou sendo o meu coorientador, que me entrevistou na entrevista da segunda tentativa.

convivência com os docentes, que “apareciam” entre nós uma ou duas vezes por ano, em eruditas epifanias de algumas horas somente, com pouca convivência com os colegas, entre os quais se afirmava uma sociabilidade mais atrelada à extraordinária oferta gastronômica e enológica de uma cidade como Bolonha, além de nos prometermos que, quando viraríamos docentes universitários acabaríamos com o “racha” promovido por nossos antepassados (entre os quais estavam os nossos professores do curso), para que o hispanismo se tornasse um campo pacificado<sup>36</sup>, eu sentia, na realidade, um cheiro de “envelhecido”, de superficial, e um gosto insosso. Posso estar sendo injusto, talvez devido a falhas de memória, o que também poderia ser sintoma de que muito pouca coisa foi inesquecível, nesse período.

Seja como for, os anos de virada entre a década de oitenta e a de noventa não foram perdidos, para a minha formação. Em primeiro lugar, continuei trabalhando na casa da professora Luciana, o que acabou me propiciando também acesso à possibilidade de publicar pequenos trabalhos. Essa atividade, tão relevante, como descobriria mais tarde, na carreira de um docente universitário, havia iniciado, na realidade, alguns anos antes, também graças à proximidade de uma das minhas principais figuras formadoras, Aurora Milillo. Ela me convidou, em 1983, a integrar o corpo editorial de *Fonti Orali. Studi e Ricerche*, boletim do *Istituto Piemontese di Scienze Economiche e Sociali Antonio Gramsci*. Essa instituição, fundada em 1974, estava ligada sobretudo a pesquisas e documentação sobre a história do movimento operário italiano. *Fonti Orali* circulou entre 1981 e 1996. Em volta dela se reuniu o grupo mais militante que, em várias universidades italianas (e também fora delas), se dedicava à história oral e/ou a pesquisas ligadas à cultura popular. No número 2/3 de 1983, pouco depois da minha primeira viagem ao Brasil, saíra um texto assinado por mim: “La letteratura de Cordel in Brasile”:

---

<sup>36</sup> Como se verá, eu não tive paciência de colocar o capacete azul e, antes de me decepcionar, fui embora. Todos os meus colegas (Patrizio Rigobon, Augusto Guarino, **Danilo Manera**, Marco Cipolloni, Roberto Vecchi, Irina Bajini e Roberta Londaro) se tonaram docentes em universidades italianas (Veneza, Nápoles, Milão, Modena, Bolonha, Udine e Milão, respectivamente) e um só também emigrou (Gianluca Miraglia, em Portugal). Só continuei tendo contatos com Danilo, que aparecerá aqui, mais adiante.



**ARCHIVI**

L'Archivio Etnico-Linguistico-Musicale della Discoteca di Stato ( <i>Anna Maria PLACIDI</i> ) . . . . .	73
L'Archivio Sonoro del Museo Nazionale delle Arti e Tradizioni Popolari ( <i>Patrizia CIAMBELLI</i> ) . . . . .	78

**PROGETTI DI RICERCA**

La "Fòla cul gèm". Un progetto di rilevazione di una tecnica narrativa ( <i>Lidia BEDUSCHI</i> ) . . . . .	81
--	----

**TRA ORALITA' E SCRITTURA**

<i>Francesca Maria CORRAO</i> Giufà nella tradizione scritta e orale dell'area mediterranea . . . . .	85
<i>Roberto DE ANGELIS</i> Un manoscritto di Lina . . . . .	87
<i>Roberto LORENZETTI</i> L'archivio della memoria di Italia Ranaldi . . . . .	90

**NOTIZIE INTERNAZIONALI**

<i>Rudolf SCHENDA</i> (Zurigo) Folklore e storia sociale . . . . .	95
Notizie dalla Spagna ( <i>Bianca Maria ALTAVISTA</i> ) . . . . .	100
La Literatura de Cordel in Brasile ( <i>Andrea CIACCHI</i> ) . . . . .	104

**ANNUNCI**

Il Viaggio, la Prova, il Premio. La fiaba e i testi extra-folklorici ( <i>Lidia BEDUSCHI</i> ) . . . . .	107
L'edizione dei manoscritti di fiabe del fondo Comparetti ( <i>Enrica DELITALA</i> ) . . . . .	108
Un seminario sulla narrativa popolare lombarda . . . . .	109

Era um dossiê monográfico, dedicado à “narrativa de tradição oral”, apresentado pela editora, Aurora Milillo<sup>37</sup>. No número 2 de 1984, apareceram duas resenhas, uma para a *Revista de Ciências Sociais* do Ceará (o dossiê sobre cordel, que me havia sido doada pelo Eduardo Bezerra, na minha passagem por Fortaleza daquele mesmo ano) e a outra para um livro publicado por Silvano Peloso (então jovem professor assistente na Universidade de Pavia e, logo em seguida, na de Viterbo), *Medioevo nel Sertão*<sup>38</sup>. No mesmo número, apareceu também um texto da minha orientadora, Idelette, “La schedatura del progetto ‘Romanceiro

<sup>37</sup> A coleção completa, digitalizada, encontra-se em <https://www.aisoitalia.org/fonti-orali-studi-e-ricerche/>

<sup>38</sup> Disponível em português desde 2019, publicado pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O subtítulo do volume é “tradição medieval europeia e arquétipos da literatura popular no Nordeste do Brasil”. Silvano é hoje professor *ordinário* (“titular”) na Sapienza.

Paraibano”<sup>39</sup>.

A partir de 1985, ano V da revista, que inicia uma *nuova serie*, o meu nome começa a constar na “redação” das regiões de Lácio e Campânia, junto a, entre outros, Aurora Milillo e Ugo Vuoso:

**FONTI ORALI STUDI E RICERCHE**  
 bollettino nazionale d'informazione - anno V - n. 1 - dicembre 1985

**Direttore:** Daniele Jalla

**Comitato di redazione:** Marcella Filippa, Leo Gambino, Luisa Passerini, Bruna Peyrot, Paola Sobrero

**Diffusione:** Fulvia Deusebio

**Redazioni:**

**Piemonte e Valle d'Aosta:** Dionigi Albera, Etle Battistioli, Betti Benenati, Cesare Bermani, Alexis Betemps, Anna Bravo, Anna Maria Bruzzone, Franco Castelli, Laura Derossi, Bianca Guidetti Serra, Emiflo Jona, Liliana Lanzardo, Giorgina Levi, Alberto Lovatto, Vanessa Maher, Maurizio Martinotti, Peppino Ortoleva, Nuto Revelli, Loredana Sciolla, Tullio Telmon, Edoardo Zanone Poma

**Toscana:** Francesco Aperi, Francesco Alberti, Pietro Clemente, Paolo De Simonis, Valeria Di Piazza, Gabriella Donati, Roberto Ferretti, Dante Priore, Giambruno Ravenni, Claudio Rosati, Angela Spinelli

**Lazio e Campania:** Marcello Arduini, Sandro Biagiola, Tina Blasi, Andrea Ciacchi, Patrizia Ciambelli, Robertó De Angelis, Emilia De Simoni, Maria Federico, Francesco Giannattasio, Alfredo Lombardozzi, Roberto Lorenzetti, Aurora Milillo, Anna Maria Placidi, Elisabetta Simeoni, Ugo Vuoso

**Sicilia:** Rita Cedrini, Mario Giacomarra, Fatima Giallombardo, Elsa Guggino, Antonino Marrale

Per corrispondenza, lavori proposti per la stampa, libri per recensioni, riviste in cambio informazioni scrivere a: "Fonti orali" - Istituto piemontese di scienze economiche e sociali "A. Gramsci" - Via Cernaia, 14 - 10122 Torino - Tel. (011) 515.242/556.466 - pubblicazione quadrimestrale, autorizzazione del Tribunale di Torino n. 3061 in data 28.5.1981 - **Direttore Responsabile:** Mario Giovana

Composizione e stampa: CELID Editrice - Via Modane 5 - Torino - Tel. (011) 38.65.27

Finalmente, no número 5, de 1987, portanto antes da defesa da minha dissertação, publiquei um informe, “Uma pesquisa sul ‘romanceiro’ orale di Goiana, in Brasile”<sup>40</sup>. Mas a partir desse mesmo ano de 1987, e até 1992, todas as minhas publicações foram conseguidas graças à professora Luciana.

<sup>39</sup> Disponível agora em: <https://www.aisoitalia.org/wp-content/uploads/2019/09/1984-2.pdf>

<sup>40</sup> Disponível agora em: <https://www.aisoitalia.org/wp-content/uploads/2019/09/1985-1-nuova-serie.pdf>

Na Itália existe, desde 1984, uma revista mensal de informação bibliográfica, *L'Indice dei libri del mese* (“L’Índice”, para os íntimos). Luciana e alguns dos seus alunos e ex-alunos já publicavam lá resenhas de livros de assunto português e brasileiro. Assim, ela me incentivou a também publicar lá. Assim, com seis textos publicados entre 1987 e 1992, me “associei” a nomes como Norberto Bobbio, Carlo Ginzburg, Cesare Segre e tantos outros, que também colaboravam com a revista<sup>41</sup>. Minha participação foi relativa a edições italianas de livros de Jorge Amado (*Messe di sangue*, tradução italiana de *Seara Vermelha*), Osman Lins (*Avalovara*), Jorge de Sena (*La Gran Canaria e altri racconti*), José Saramago (*La zattera di Pietra/Jangada de Pedra*), Silvano Peloso (uma coletânea de ensaios, *Amazzonia, mito e letteratura del mondo perduto*) e João Cabral do Melo Neto (*Museo di tutto*).



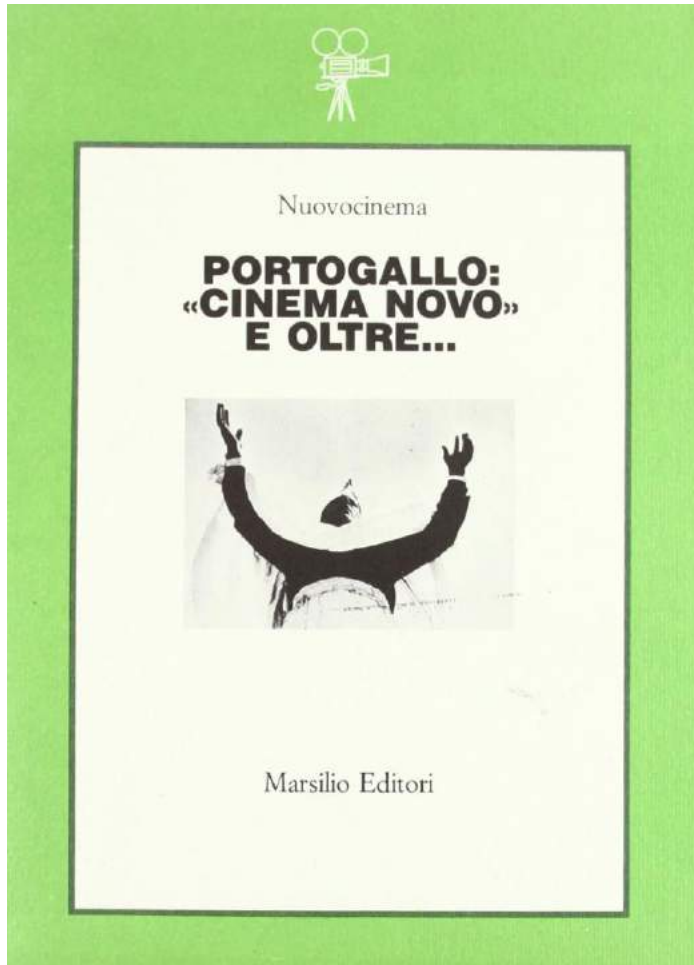
Embora limitado na quantidade e, provavelmente também na qualidade, tratou-se de um exercício precioso, tanto em termos de leitura quanto em termos de escrita, ainda que não acadêmica.

Nesse período, vivia com a bolsa de doutorado (em liras italianas, não lembro o valor, mas não me deixava esbanjar), do pequeno ordenado da via Civitavecchia e, a partir de 1988, já desenvolvia outra atividade que me deixava ganhar um dinheiro extra. Comecei (novamente, não lembro como foi o passo inicial) a me envolver no circuito romano das traduções (português-italiano e italiano-português). Inicialmente, traduções “técnicas” (desde catálogos ou manuais de instruções de produtos variados, até históricos escolares, sentenças

<sup>41</sup> O arquivo completo da revista encontra-se disponível digitalizado em <https://www.byterfly.eu/islandora/object/lindice:lindice>

de divórcio ou de adoção de crianças ou... horários dos trens!), que me eram encomendadas por agências ou mesmo diretamente por clientes individuais ou firmas ou, frequentemente, organizações não governamentais. Aos poucos, vinha sendo chamado também para atuar como intérprete (consecutivo ou simultâneo), em eventos, seminários, lançamento de livros, programas de TV, entrevistas ou coletivas de imprensa. Não posso deixar de lembrar aqui algumas oportunidades que me deixaram feliz: fui intérprete, duas vezes, de Lula, em atividades junto a organizações sindicais; de lideranças indígenas em um grande evento em Milão; na *Mostra internazionale del Nuovo Cinema di Pesaro* (Pesaro Film Festival).

Este festival, na pequena cidade de Pesaro (onde nasceu o compositor Gioacchino Rossini) e que nos anos sessenta havia sido uma vitrine importante para o cinema novo brasileiro, dedicou a edição de 1988 ao “cinema novo português”. Fui chamado, antes, para traduzir um volume de ensaios sobre o cinema de Portugal e o próprio catálogo da Mostra. Em seguida, no mês de junho daquele ano (portanto antes da minha defesa de mestrado), fui a Pesaro onde, durante quase dez dias, fui o intérprete oficial, sendo encarregado seja de traduzir os filmes (sim: em tempo real, numa cabine na sala de projeção, para fitas sem legendas!) seja as entrevistas e as coletivas de imprensa dos cineastas convidados: João Botelho, Margarida Gil, João César Monteiro, Joaquim Pinto – entre outros – e, sobretudo, as duas “estrelas”, dois monumentos como Paulo Rocha e Manoel de Oliveira, de quem, naqueles dias inesquecíveis, me tornei “guia” pela cidade, companheiro de almoços e jantares e não só tradutor.



Mas a parte mais desafiadora foi, sem dúvida, a tradução e a editoração do livro. Publicado por uma editora muito importante (Marsilio, de Veneza) e com mais de 400 páginas, foi um trabalho cuidados e empolgante, que marcou o meu primeiro contato com um campo que me acompanharia nos anos a seguir, na Itália e no Brasil: o mundo editorial. Menciono o nome de quem compartilhou comigo a tarefa de organizar o volume: **Piero Spila**, um dos mais importantes críticos italianos de cinema, especialista sobretudo em Bertolucci e Pasolini.

Essas traduções para o festival de Pesaro foram as primeiras publicadas em livro, mas, poucos anos depois, convidado por um colega de doutorado, **Danilo Manera**, me apresentou ao proprietário de uma pequena (minúscula talvez fosse um adjetivo mais apropriado) editora italiana, a **Biblioteca del Vascello**. Com um perfil e uma identidade muito ligada ao horizonte da “bibliofilia”, tendo sido a extensão de uma livraria antiquaria (na via del Vascello, em Roma), a editora estava se preparando para ampliar a sua presença, buscando construir um catálogo que

incluísse algumas áreas geográficas até então pouco frequentadas pelas maiores editoras italianas. Assim, em 1991, fui convidado a assumir (sem remuneração...) a “Direzione editoriale per l’area linguistica portoghese”. Nome pomposo para algo que, de fato, porém, me permitiu uma atividade extremamente prazerosa e um imenso aprendizado. Cabia-me sugerir a publicação de traduções de obras narrativas ou ensaísticas escritas em português para as quais, sucessivamente, devia também me encarregar de iniciar as negociações para a compra dos direitos autorais, quando cabível. Em muitos casos, além disso, eu me encarregava também da tradução e/ou da apresentação ou introdução e das notas de rodapé ou glossários eventualmente necessárias.

Nessa posição, então, de 1989 a 1994, organizei, traduzi e/ou prefaciei obras de Fernando Pessoa, Graciliano Ramos, Rubem Fonseca (fomos os primeiros a publicá-lo na Itália), Mário de Andrade, Osman Lins, Diogo Mainardi, Antonio Callado, Antônio Torres e, obviamente, Mário de Andrade.

Dois dos livros aos quais mais me dediquei - *Il turista apprendista*, de Mário de Andrade, e *L’arte di andare a piedi per la città di Rio de Janeiro*, de Rubem Fonseca - saíram quando eu já não morava mais na Itália. Semanas depois, a editora entrou em concordata e, sucessivamente, em falência. Assim, por motivos que não entendi juridicamente, essas duas últimas traduções nunca me foram pagas.





Sucessivamente, em 1992, o proprietário da editora me convidou para assumir a editoração geral, o que comportaria dar expediente diário, todas as tardes, na redação da “Biblioteca del Vascello” e, portanto, um acréscimo extraordinário de tarefas, responsabilidades e aprendizado! E, também, um salário “fixo”. Nesse período, já numa fase de fortíssimo crescimento (que logo se revelaria não sustentado, como vimos), a editora publicava até três livros por mês. Tudo era bem artesanal: entre as minhas tarefas estava também manter as relações com a gráfica, que ainda imprimia com caracteres móveis, de chumbo – e a revisão das provas. Bem, a minha tese de doutorado não estava, de fato, entre as minhas atividades principais e, por isso, saiu com algum atraso...

Mas saiu, e a defesa aconteceu, em Bolonha, em maio de 1993. O título: *La “Prosopopeia” di Bento Teixeira: un poemetto brasiliano nel sistema epico*

*portoghese*. Para falar dela, prefiro assinalar o único artigo que ela provocou, “A Prosopopeia de Bento Teixeira. Materiais e apontamentos para uma revisão historiográfica”<sup>42</sup>:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9205/4900>

Como me acontece frequentemente com aquilo que escrevo, não tenho muita coragem de reler a tese, inteira. Mas, talvez me engane, ainda considero que ela serve para alguma coisa. Em primeiro lugar, acho que coloco uma questão relevante: os equívocos, numerosos e recorrentes, décadas a fio, da fortuna crítica brasileira, que enxergou em Bento Teixeira e no seu poemeto uma expressão nativista que, evidentemente, não se sustenta. Por outro lado, trabalhando em três “frentes” (o texto da *Prosopopeia*, os depoimentos de Bento Teixeira à Inquisição Portuguesa, e os poemas e poemetos épicos portugueses coevos, todos epigônicos com relação aos *Lusíadas*), creio que consegui cumprir tanto aquilo que a professora Luciana me pedia (e esperava de mim), ou seja um trabalho de literatura comparada, quanto aquilo que eu, no fundo, ainda queria fazer: um trabalho antropológico ou, ao menos, com um “sabor” de antropologia.

---

<sup>42</sup> Publicado na revista *Graphos*, do PPGL da UFPB, em 1997. Uma versão ampliada desse texto, em italiano, saiu como “Un poema fuori posto. La questione della *Prosopopeia* e la storiografia letteraria luso-brasiliana”. In: Maria José de Lancastre; Silvano Peloso; Ugo Serani (Orgs.). *E Vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Viareggio: Mauro Baroni, 1999.



## **A PROSOPOPEIA DE BENTO TEIXEIRA: MATERIAIS E APONTAMENTOS PARA UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA**

Andrea Ciacchi

1. **M**ascarados e confundidos entre si, um homem e uma obra literária constituem o centro de atenção deste trabalho. De um lado, o cristão-novo português Bento Teixeira, que passou quase a vida toda no Brasil. De outro, a *Prosopopeia*, poemeto narrativo que ele compôs em Pernambuco e que foi publicado em Lisboa em 1601, poucos meses após a sua morte prematura.

Bento Teixeira, chegado à Colônia americana com poucos anos de idade, filho de cristãos-novos em fuga do Santo Ofício português, será denunciado por práticas de judaísmo ao Visitador inquisitorial, em Pernambuco, em 1593. Em seguida, será preso e levado para Lisboa, onde será submetido a longo processo, terminado com a sua “plena confissão” e uma condenação relativamente branda. Nos anos anteriores às primeiras vicissitudes com a Inquisição, já residente em Pernambuco, ele compõe 94 oitavas em decassílabos heróicos, dedicadas a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco.

O réu da Santa Inquisição, cujos depoimentos ao longo do processo lançam significativas luzes sobre o Brasil da época, olha para a Colônia a partir de um ângulo inédito, o de um homem livre, ainda não brasileiro, porém não mais português, exemplo original de intelectual laico, suspenso entre dois universos simbólicos e comportamentais que ele filtra através das duas religiões às quais “pertence”. Um homem que vive de atividades intelectuais e comerciais, de expedientes e de fragmentos de um projeto existencial penosamente construído nos constantes deslocamentos de Capitania a Capitania, de cidade a cidade. Um homem com uma formação “pública” jesuítica e uma educação doméstica judaica, uxoricida, com atitudes de livre pensador, polemista, tradutor de textos hebraicos e preceptor dos filhos de grandes latifundiários pernambucanos.

[...]

Não posso mentir: a orientação oficial do professor Manuel Simões foi menos relevante do que as duas extraoficiais – da professora Luciana Stegagno Picchio e de um amigo que remontava aos meus estudos sobre o romancista português, **José Joaquim Dias Marques**, então “leitor” de português na cátedra de estudos

portugueses e brasileiros de La Sapienza e, hoje, professor na Universidade de Algarve, grande especialista em literatura oral e, sobretudo, justamente, em romanceiro de tradição oral – um (então) jovem erudito com quem aprendi muitas coisas, inclusive sobre a própria língua portuguesa e como fazer bom uso dela.



**José Joaquim Dias Marques.** Fonte: <https://ualg.academia.edu/JJDiasMarques>

Mas a verdade mais honesta e crua é outra, de maior alcance e a revelo aqui em primeira mão, ao menos oficial e publicamente. Para a minha formação, para aquilo que virei depois, em termos acadêmicos, para a minha própria identidade docente, valeu muito mais o meu mestrado na Paraíba do que o meu doutorado em Bolonha. Mais adiante, na esteira de outras informações, em contextos que ainda não apareceram, creio que será mais simples explicar isso.

#### 4. Paraíba e outras andanças. 1994-2010

Defendida a tese, obtido o título de doutor, restava-me o emprego na editora, de cujo salário não sobrava nada ou quase nada, no entardecer do mês. Sobrava-me, isso sim, vontade de outras experiências. A perspectiva que, havia alguns anos já, a professora Luciana me apresentava, que me obrigaria a esperar vários anos até um “concurso” em alguma universidade italiana me “absorvesse” começou a me parecer, além de outras coisas, algo quimérica ou, ao menos, incompatível com a minha pressa. No meio dessas dúvidas e perplexidades, chegou-me uma informação relativa a um edital do CNPq, dirigido a “recém-doutores” que se dispusessem a desenvolver pesquisas em Programas de Pós-Graduação brasileiros. Nesse período (segundo semestre de 1993), a minha orientadora de mestrado, Idelette, ainda estava na UFPB e, com a sua ajuda, por carta (pois ainda não havia internet), montei um projeto de pesquisa (cuja cópia em papel está perdida e de que não achei registro na Plataforma Carlos Chagas), cujo título era “Histórias de vida: auto-representação de uma comunidade”, que desenvolveria junto ao mesmo PPGL da UFPB, com pesquisa de campo em Goiana, onde havia realizado a minha pesquisa sobre os romances de tradição oral<sup>43</sup>. A duração da bolsa seria de dois anos, com a possibilidade de mais um biênio de prorrogação. Mas, para mim, já estava claro que a minha viagem para o Brasil seria só de ida.

Por isso, quando soube que o projeto fora aprovado, tanto pela UFPB como pelo CNPq, e que, portanto, precisava “fazer as malas”, fiz mais do que isso: enchi um contêiner com tudo o que eu tinha, mandei ele por navio, me inscrevi no AIRE (Anagrafe degli Italiani Residenti all’Estero – o cadastro dos italianos que emigram) e, sem armas, mas com muitas bagagens, me mandei para o Brasil, para a

---

<sup>43</sup> No Meu Lattes, encontro esta descrição: “Este projeto foi aprovado pelo CNPQ por ocasião da concessão da bolsa de recém-doutor que possibilitou o início da nossa atuação junto à Universidade Federal da Paraíba, em 1994. O projeto tinha entre os seus objetivos: 1. o aprofundamento de algumas questões teóricas e metodológicas relativas à utilização das técnicas de histórias de vida no campo demo-etno-antropológico; e 2. a realização de pesquisas de campo que acompanhassem a evolução da reflexão teórico-metodológica. Estas foram realizadas no município de Goiana, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, na sede e num distrito do litoral: São Lourenço. Nesta última área, a pesquisa contou com a participação de duas bolsistas de Iniciação científica da UFPB, alunas dos cursos de História e de Geografia. O projeto atingiu as suas metas: redação de artigos científicos, de comunicações em encontros de caráter nacional e a publicação de um caderno contendo os textos das histórias de vida registradas. Além disso, ensinou a formulação de um projeto sucessivo: “Lit/Oral: Memória, história e oralidade na costa da Paraíba”, desenvolvido após o término do período coberto pela bolsa de recém-doutor”.

Paraíba, para João Pessoa. Para dar início à minha “carreira” docente – pois a bolsa previa, também, envolvimento com a sala de aula, no PPG escolhido.

Se a minha ida de 1985, coincidiu com um fato trágico, a doença e a morte de Tancredo Neves e o início, por isso, conturbado, da “Nova República”, a minha chegada em julho de 1994, teve também um lance “memorável”, embora sem nem a sombra da mesma dramaticidade. Portador do visto de estudo emitido pelo Consulado brasileiro em Roma (análogo àquele que levava em 1985), precisava levá-lo à Polícia Federal para solicitar a emissão do meu novo RNE (Registro Nacional de Estrangeiro). Mas era 16 de julho e, no dia 17, Brasil e Itália disputariam, na Califórnia, a final da Copa do Mundo de futebol. O agente que me atendeu, disse-me, brincando, que eu só conseguiria o documento se a Itália perdesse o jogo. O pênalti chutado para a arquibancada por Roberto Baggio deu início à minha boa relação com a burocracia brasileira.

Instalado (pela segunda vez em pouco menos de dez anos) numa cidade que já conhecia bem, mas agora com o auxílio de uma bolsa cujo valor era próximo ao de um salário de um docente com doutorado, contando com ajuda, assistência e conselhos de alguns dos meus antigos professores, dos quais estava me preparando a me tornar colega, tudo foi relativamente fácil. Mas o melhor foi, evidentemente, o início das minhas atividades docentes, incluindo, desde fevereiro do ano sucessivo, a orientação de estudantes de Mestrado.

Na sala de aula, graças inclusive à liberdade que os colegiados e os coordenadores do Programa garantiam, pude ter a oportunidade de experimentar(-me), com ementas, bibliografias, metodologias e “estilos” em que conviviam, muito nitidamente, três “camadas”: as lições recebidas ali mesmo, mas quando eu era o mestrando (notadamente as aulas de Maria Ignez Ayala) havia dez anos; os meus próprios pontos de vista teóricos e políticos; e a vontade de inventar, ou improvisar, de tentar “aplicar” com os estudantes que estavam na minha frente, algo que fosse, ao mesmo tempo, “italiano e brasileiro”, “antropológico e literário”, “político e teórico”, “materialista e freiriano”<sup>44</sup>.

Aqui, também, não quero perder a oportunidade de mencionar os três colegas

---

<sup>44</sup> Para que não haja mal-entendidos: estou “revendo” e dando “sentido”, *hoje* (em 2022), àquilo que eu fazia em 1994, 1995, 1996... Não sei, não lembro, o que isso me dizia, em tempo real, à época.

que, não só por terem exercido a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, mas, sobretudo, graças à sua competência e humanidade, souberam me orientar em todas as circunstâncias, administrativas e não: **Dermeval da Hora Oliveira, Elisalva de Fátima Madruga e Liane Schneider**.

Se, evidentemente, muita coisa saiu da minha memória e também dos meus registros escritos, lembro muito bem da primeira disciplina que ministrei, no segundo semestre de 1994, ou seja, começando poucos dias depois da minha aterrissagem. Dentro da moldura de “Tópicos Especiais em Literatura Brasileira”, o título era “Caráter nacional-popular da literatura brasileira”. Ora, é mais do que evidente: atribuía, desde a invenção do nome da disciplina, uma perspectiva gramsciana à minha atuação e, ao mesmo tempo, valorizava elementos, autores e experiências específicas da história da literatura brasileira – sobretudo do século XX – me reconectando, assim, justamente àquilo que era (inclusive naqueles anos noventa) a linha de atuação principal de Maria Ignez – “Representação do Oprimido na Literatura Brasileira”. Não tenho como resgatar a bibliografia, mas lembro muito bem que o roteiro dos autores que eu organizei se beneficiou muito, também, do livro organizado por Roberto Schwarz – *Os Pobres na Literatura Brasileira*. Com certeza, tínhamos lá as leituras de Graciliano, de João Antônio, de Antônio Torres, de Lima Barreto, de Mário de Andrade, de Guimarães Rosa, de Clarice (*A hora da estrela*), de Jorge Amado etc.

Usando o mesmo “envelope” – “Tópicos Especiais em Literatura Brasileira” – ofereci em seguida uma disciplina sobre crítica literária brasileira e, ainda (não lembro com exatidão os anos, mas ao longo daquele resto da década de Noventa), uma dedicada apenas à obra de Antonio Candido. Revisto hoje, esse meu labutar com esses temas, estava me preparando, sem que eu tivesse a menor ideia disso, para aquilo que acabaria sendo a minha opção temática principal, cerca de dez anos depois – a história das ideias e as trajetórias de intelectuais.

Por outro lado, sempre no PPGL (o meu vínculo com o CNPq me levava a atuar apenas na pós-graduação e as minhas primeiras aulas num curso de graduação – de Letras – viriam só mais tarde, em 1997), ministrava disciplinas de Metodologia da Pesquisa e de Teoria do Texto Narrativo – ambas obrigatórias, ao passo que os vários “Tópicos Especiais eram optativos. Esta última disciplina, sobretudo, me

estimulava e me provocava a - ao mesmo tempo - “inovar” e me manter em (algumas) tradições que me pareciam e ainda me parecem fundamentais, sentindo, já nessa época, o (mau) cheiro de “novidades” teóricas que me agradavam pouco ou nada. Assim, acabei montando um roteiro que carreguei comigo ao longo dos anos, na UFPB, nas Letras, e, sucessivamente, por onde andei, com poucas e tímidas alterações e inovações. Sabendo bem (e, ao longo dos anos, sentindo quase na pele a desconfiança e às vezes quase a hostilidade de alguns colegas e de alguns estudantes) que certas escolhas eram polêmicas e, por isso mesmo, eu as confirmava, comigo mesmo e nas bibliografias que propunha. Basicamente, convidava os estudantes a me acompanharem por uma “linha” que partia com a *Poética* de Aristóteles, para depois “pular” para a *Ideologia Alemã*, uma leitura propedêutica para seguir com os principais textos de Georg Lukács (os posteriores à sua virada materialista dos anos Trinta), Gramsci (justamente o seu conceito de “nacional-popular”, mas, também, as reflexões sobre popular, via a compreensão dos conceitos de hegemonia e subalternidade), depois pinceladas frankfurtianas e *chiaroscuri* bakhtinianos, para, finalmente, chegar ao Brasil, com Anatol Rosenfeld, Antonio Candido e Roberto Schwarz.

Paralelamente, e ainda sob o rótulo dos “Tópicos especiais”, oferecia disciplinas sobre temáticas de cultura popular, com as sugestões bibliográficas mais próximas: Gramsci, Cirese (em pequenos trechos de versões mexicanas), García Canclini, Renato Ortiz, Florestan, Mário, Xidieh, Antonio Augusto Arantes, Florestan, os Ayala etc. Aqui me sentia mais seguro, diferentemente das outras disciplinas onde sempre tinha a sensação de que eu precisava aprender, estudar e aprender - o que não só era verdade, mas foi, também, a minha salvação.

Em 1996 venceu o prazo inicial da minha bolsa e não tive dificuldades - nem na UFPB nem no CNPq - para renová-la (apesar da minha tristeza por ela não gerar nem décimo-terceiro nem férias nem contar para a aposentadoria) por mais dois anos, portanto até 1998. Mas, em 1997, já, eu precisava fazer alguma coisa, se não queria ser obrigado a voltar para a Itália, no ano sucessivo. O colegiado do PPGL conseguiu obter uma vaga e o lançamento de um edital para “professor visitante estrangeiro”. Num “processo seletivo simplificado”, fui aprovado e, a partir de 1997, com um prazo de quatro anos, me tornei, agora oficialmente, um servidor público

(com matrícula SIAPE, contracheque e todo o resto) e um docente da UFPB – interrompendo, portanto, cerca de um ano antes do seu encerramento, a bolsa do CNPq. A única diferença foi que comecei a também dar aula no curso de graduação em Letras, escolhendo disciplinas de Literatura Brasileira, sobretudo do período colonial e da época sucessiva ao Modernismo (creio que fossem as de número 1 e 4, na grade curricular do curso) e de “Literatura popular” e, novamente de “Teoria da Literatura”.

Por outro lado, também desenvolvia o meu projeto de pesquisa, tanto com visitas de campo a Goiana quanto – e esta foi uma novidade cheia de consequências – com a companhia de estudantes de Iniciação Científica. De fato, desde a minha chegada ao Brasil, ia periodicamente a Goiana, mas, desta vez, não mais na sede do município e particularmente no seu centro histórico, mas numa área de “ocupação”, denominada pelos seus moradores “Nova Goiana”. Lá, eu acompanhava um grupo de maracatu rural, interessando-me pela compreensão dos mecanismos de pertencimento e as relações entre os membros do grupo e o resto da “comunidade” e, dentro do grupo, o papel do *mestre* da *brincadeira*, que se entrelaçava com funções políticas e de liderança local. Os momentos principais da minha participação à vida social, portanto, das minhas “investidas etnográficas” eram os ensaios do maracatu, incluindo os que preparavam o desfile de um grupo “mirim”, formado pelas crianças da comunidade – que também me interessava justamente na perspectiva dos mecanismos de integração das gerações mais jovens aos conteúdos e aos valores do grupo de adultos. Os ensaios, evidentemente, intensificavam-se à medida que se aproximava o Carnaval. Goiana era, na zona da mata de Pernambuco, naqueles anos noventa, um polo importante para o maracatu, longe (mais do que os 60 quilômetros oficiais e rodoviários) dos desfiles que atraíam os turistas em Olinda e em Recife. Infelizmente, porém, um problema de saúde imprevisto me impediu de ir lá justamente nos dias dos desfiles. Mas o pessoal lá, nem o mestre, possuía um telefone e eu não tinha o número do orelhão da comunidade, de forma que não pude avisar para explicar a minha impossibilidade de ir lá nos dias mais importantes e tão esperados. Assim, quando algum tempo depois voltei a Goiana, fui recebido com muita frieza, quase com hostilidade. Não soube lidar bem com o episódio e senti que meses de trabalho

havam sido jogado fora. Dessa forma, não há registro, em publicações, sobre essa experiência. Era 1996. Naquele mesmo ano, porém, participei do primeiro edital de Iniciação Científica da UFPB, ocasião na qual, buscando e depois levando de volta um *floppy disk* até um setor da pró-reitoria de pesquisa, digitei, preenchi, montei e lancei o meu primeiro Currículo Lattes (que, portanto, já completou 25 anos). No segundo semestre daquele ano, “ganhei” as duas primeiras bolsistas de IC. **Edinilza Barbosa dos Santos**, estudante de Geografia, e **Walkiria de Araújo Fonseca**, estudante de História, acolheram a minha proposta e desenvolveram dois planos de trabalho em outra região, ainda no município de Goiana, mas, agora, na sua área costeira, a vila de São Lourenço, localizada no distrito de Tejucupapo. Trata-se, por um lado, de um lugar “histórico” (palco de um episódio cantado em prosa e verso, sobretudo em Pernambuco, a Batalha de Tejucupapo, de 1646, que opôs as forças holandesas e luso-brasileiras, estas reforçadas de forma decisiva por um grupo de mulheres, as “heroínas de Tejucupapo”, presença simbólica até hoje em toda a região) e, por outro, da sede de uma construção também histórica, a igreja de São Lourenço de Tejucupapo, erguida em meados do século XVI e, portanto, uma das mais antigas de Pernambuco.



**A igreja de São Lourenço no final da rua central da comunidade homônima e na beira do rio Megaó.** Fonte: <http://goianadoscaboclinhos.com.br/portfolio/igreja-de-sao-lourenco/>

Edinilza estudaria sobretudo as relações sociais produtoras da paisagem e



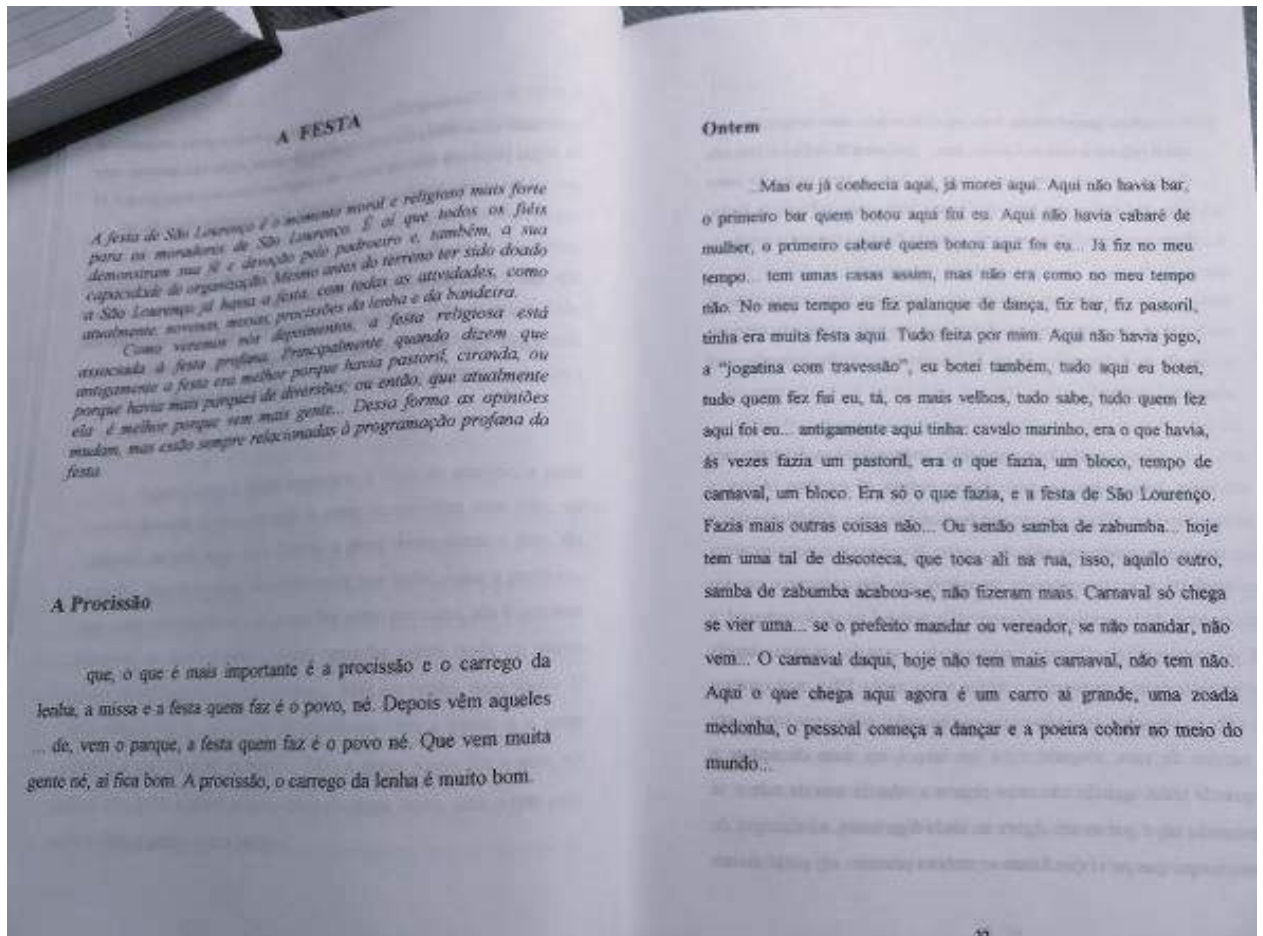
Walkiria a história oral do lugar. Em ambos os casos, o foco incluiria sobretudo a festa do padroeiro, São Lourenço. Como se sabe, esse santo (225-258) morreu mártir, queimado vivo em Roma sob o imperador Valeriano. Desde então, em muitos lugares do mundo, o dia dez de agosto marca a festa de São Lourenço, com rituais e cerimônias que lembram o seu martírio tendo como objeto material principal uma grelha. Na localidade aonde íamos, a festa consiste numa procissão em que os fiéis carregam a lenha que servirá para encenar o martírio do santo, na frente da igreja.



**Carrego da lenha, 2018.** Clique na foto para assistir ao [vídeo](#). Fonte: Youtube.

A pesquisa rendeu um “produto”, muito simples, mas que ocupa um lugar especial na minha trajetória. Alguns depoimentos de moradores de São Lourenço, transcritos, foram reunidos num livrinho, de 60 páginas, *Isso, aquilo outro. Histórias e gente de São Lourenço*, publicado em 1997 numa série de publicações do PPGL da UFPB, com a autoria minha, de Edinilza e de Walkiria. Em seguida, o pequeno impresso foi distribuído aos próprios moradores. Voltando a folheá-lo hoje, vinte e cinco anos depois, além das páginas que perderam a cola e se destacam

da fraca, mas singela encadernação, vejo que foi um trabalho com muitas qualidades, embora, evidentemente, com pouquíssima “repercussão”, para usar (não sem polêmica) um termo encontrado no jargão do CNPq. Os textos são divididos por “temas” (Megaó, o Santo, a Igreja, a Festa, a Gente, Histórias), cada um dos quais com uma minúscula introdução das duas estudantes, para em seguida se ler os depoimentos dos moradores.



Edinilza, em seguida, se formaria em Geografia, faria mestrado e se tornou professora do Instituto Federal da Paraíba, no campus de Cabedelo, a cidade portuária na grande João Pessoa. Mas essa experiência, para mim, tem também um papel importante na medida que representou, além da minha primeira experiência com orientação de IC, minha primeira aproximação à água e à pesca. Com efeito, muitos moradores de São Lourenço trabalham “na maré”, ou seja, na região úmida que, por trás da igreja, banhada pelo último trecho do rio Megaó, um curso d’água que pertencendo à bacia hidrográfica do rio Goiana, contribui à formação de um ambiente estuarino de grande importância social e ecológica.

Nessa região, que frequentaria a partir daí e por anos a fio, em conjunto com muitas e muitos estudantes, pratica-se a pesca artesanal e, sobretudo, a *mariscagem* e a coleta de crustáceos e outros moluscos. Durante todos os anos em que ainda permaneci na UFPB, todos os meus projetos de pesquisa e muitas das orientações de estudantes, tanto em “letras” como em Ciências Sociais, tiveram por tema algum aspecto relacionado às atividades de pesca e/ou mariscagem. Mas veremos isso no momento certo, mais adiante.

É também importante, creio, localizar e contextualizar a minha atuação de pesquisador e, sobretudo, de orientador de jovens pesquisadores, no âmbito de algo muito maior. Com a palavra, Maria Ignez Ayala, agora colega de trabalho.

O **Laboratório de Estudos da Oralidade** [*LEO*] está vinculado à linha de pesquisa Memória e produção cultural da área Literatura e Cultura do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPB. **Criado em 1996**, tem como característica básica o enfoque interdisciplinar, desde a pesquisa de campo para reunir documentação até a análise. Têm sido reunidos registros sobre a literatura e outras manifestações de cultura popular e a memória cultural para melhor entendimento do universo da oralidade. As pesquisas de campo são feitas no sentido de produzir registros em vídeo, em fotos, em fitas cassete, além de anotações em cadernetas e relatos de visita, resultantes de observação direta, fundamentais para produção de ensaios em vídeo, de textos analíticos, livros e material multimídia utilizado em aulas, conferências e comunicações em encontros científicos, em que se sobressaem novas visões e perspectivas críticas, além de uma busca de novos recursos para a dinamização do ensino da literatura e cultura populares.

Participam do laboratório três professores, cujos trabalhos são desenvolvidos com uma base teórica comum: Andrea Ciacchi, com formação em Antropologia (foi aluno de Alberto Cirese, entre outros estudiosos importantes da cultura popular na Itália) e em Letras, já atuou como professor visitante no Curso de Pós-Graduação em Letras e agora é do quadro de professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Departamento de Ciências Sociais; Marcos Ayala, com formação em Ciências Sociais e História, professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Departamento de Ciências Sociais e eu, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Dentre os alunos que participam ou participaram das pesquisas são muitas as formações: doutorandos em Letras, mestrandos em Letras e Sociologia, graduandos em Letras, Ciências Sociais, Música, História, Artes<sup>45</sup>.

Eu talvez exagere (tanto aqui como na minha percepção pessoal) em enfatizar tanto o papel formador – para mim mesmo – de grande parte das etapas da minha trajetória intelectual, mesmo fora de espaços oficialmente dedicados à *minha*

---

<sup>45</sup> AYALA, Maria Ignez Novais. A Cultura Popular em uma Perspectiva Empenhada de Análise. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: UEL, 2013, p. 81-112. Disponível em: [http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/oralidade\\_digital.pdf](http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/oralidade_digital.pdf)

própria formação. Mas o LEO foi o palco principal onde, não só ao lado de Maria Ignez e Marcos, mas, sobretudo, das e dos estudantes que por lá passaram, do meu aprendizado como pesquisador. Para saber mais sobre as atividades que lá se desenvolveram e se desenvolvem ainda, remeto, de novo, para <https://www.acervoayala.com/>. E, ainda dentro do meu *São Bernardo* pessoal, o generoso depoimento de um dos mais brilhantes estudantes que passaram pelo LEO, **Diógenes André Maciel**, hoje docente na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande:

**Em meados da década de 1990, quando entrei na Universidade Federal da Paraíba, o LEO vivia uma grande efervescência - talvez, por conta de um contexto amplo de entusiasmo com as culturas da voz, em face de um momento histórico que, de muitas maneiras, não só favorecia uma democratização do acesso aos cursos universitários como também àquilo tudo o que, mais adiante, levará às condições favoráveis à primeira eleição de Lula como presidente do país. Naquele momento, então, havia certo 'romantismo revolucionário' naquela visada sobre as culturas populares, as quais, sempre à margem da Universidade, começavam a ser vistas por jovens pesquisadores que, de uma maneira ou de outra, faziam parte delas e as tomavam como próprias. Certa consciência nacional-popular (sim, nos termos de Gramsci) avultava e nos fazia enfrentar horas de pesquisa de campo e, depois, debater e transcrever e vivenciar, de modo muito intenso, não só as práticas culturais do povo dos bairros pobres de João Pessoa, mas, e principalmente, um modo de olhar para nós mesmos - foi no LEO que eu entendi de onde eu vinha. Para quem ouça de fora, talvez, tal assertiva soe demasiado esquisita - no entanto, certa concepção de si (ou seria de mim?) brotava na pesquisa mesma, no contato com o Outro, que era Eu. Ao olhar para além da Universidade, a gente se compreendia nela, se articulava nela - e não é com espanto que vejo muitos daqueles hoje ocupando lugares como professores universitários. E, sem dúvidas, posso dizer que lembro bem das relações que se travavam entre o professor italiano (que falava tão bem o português!) que circulava por ali, nos corredores do CCHLA, e que nos fazia pensar sobre Gramsci, Lombardi Satriani, Cirese; mas, também, sobre Lukács, Bakhtin, Candido, Schwarz. Certo sotaque italiano estive na banca de qualificação e na minha banca de defesa - enquanto uma falava que ecoava em mim e por mim, e que está até hoje nos meus programas de ensino e na visão de mundo que engendrei pra mim. E, assim, a gente foi vivendo aquele momento histórico, em que era possível, ainda, pensar sobre as culturas da voz nos bancos da Universidade - e, de tanto acreditar, talvez meio como nas Mil e uma noites, seguimos contando essa história, para alargar a vida: se não sustermos este ato narrativo, quem sabe, não haja mais amanhã...**

Minha contribuição ao LEO foi infinitamente menor e menos densa do que a do casal Ayala, inclusive porque eu resistia muito a me empenhar em horários tão integrais, de segunda a segunda. Mas, no pequeno espaço localizado a poucos

metros das salas de aula do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes do campus de João Pessoa da UFPB, equipado com computadores, impressoras e até uma ilha de edição, além de uma robusta biblioteca com um acervo de textos relacionados aos temas das linhas de pesquisa ali desenvolvidas – todo adquirido com recursos de agências de fomento, angariados por projetos apresentados por Maria Ignez e Marcos – quem se beneficiou também foram muitos das e dos estudantes que eu orientava – de IC, de TCC, de mestrado e de doutorado.

Talvez seja esse o momento, neste Memorial, para mencionar e, sobretudo destacar a importância (na *minha* formação) das pessoas que passaram pela minha orientação. Espero não ser injusto se não as cito todas, pois evidentemente em alguns casos a relação que nasceu do processo de orientação foi, ao mesmo tempo, especialmente enriquecedora para mim, e capaz de estabelecer e fortalecer laços de estima recíproca e de amizade. Na lista, entram naturalmente as pessoas que eu orientei inclusive depois da minha aprovação (1999) e contratação (2000) como professor efetivo do quadro permanente da UFPB, como veremos.

Antes de tudo, o grupo do meu projeto “Lit/Oral”, dedicado a estudar as populações costeiras da região, com ênfase nas suas memórias e narrativas e localizado, inclusive fisicamente, no LEO: **Gekbede Dantas da Silva** (Bel, hoje docente de sociologia no IFPB); **Ariana Augusta Monteiro**, caboverdiana e hoje docente em Cabo Verde; **André Gondim do Rego**, professor no Instituto Federal de Brasília, **Luiz Gonzaga Firmino Júnior**, **Diego Rocha**, **Ana Claudia Mafra da Fonseca**, que comigo fez mestrado e doutorado e hoje é professora no curso de Letras do IFRN, **Edith Carmem de Azevedo Bacalhó**, **Madian de Jesus Frazão Pereira**, professora de Antropologia na Universidade Federal do Maranhão, que andaram por rios e praias, por mangues e cabanas, nos litorais de Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Maranhão e me ajudaram a amar esse mundo. Mas eu atuei – desde 1994 até 2010 – num PPG de “Letras” e, de vez em quando, mas sempre com muito interesse, inclusive buscando dar continuidade à linha de pesquisa da qual participara, também com Maria Ignez (“Representação do oprimido na Literatura brasileira), orientava dissertações e teses que se relacionavam mais diretamente com o que se imaginaria como um programa de

*Letras*. Por isso, gostaria de mencionar aqui **Rosenberg Fernandes Frazão**, a primeira orientação de mestrado que assumi desde o começo, ainda em 1995, que desenvolveu um trabalho sobre letras de samba (e hoje é docente no Instituto Federal do Sertão Pernambucano); **Vera Romariz**, professora da UFAL, que escreveu uma tese de grande valor e fôlego, sobre Adonias Filho, que me permitiu, entre outras coisas, me aproximar da obra de um autor que me acompanharia pelos anos a seguir e sobretudo aqui na UNILA, Ángel Rama; **Anco Márcio Tenório Vieira**, docente na UFPE, que além de me ensinar tudo sobre o carnaval de Recife, escreveu, sem que eu precisasse acrescentar ou mesmo sugerir nada, uma tese belíssima sobre “a autonomia literária e o conceito de literatura brasileira no século XIX”; **Antonio Morais de Carvalho**, poeta, antes que pesquisador, que se dedicou à obra de Graciliano Ramos; **José Benjamim Montenegro**, professor na Universidade Federal de Campina Grande que defendeu uma bela tese (no PPG em Sociologia, onde eu passaria a atuar a partir 2000) sobre Lima Barreto; **Maria Analice Pereira da Silva**, que é docente do IFPB e defendeu uma dissertação sobre a narrativa de Chico Buarque. Além delas e deles, outros estudantes me escolheram para que eu orientasse suas pesquisas de mestrado ou doutorado sobre outros temas, na maioria dos casos relacionados à temáticas de cultura popular. Gostaria de mencionar, ao menos, **Maria Claurênia de Abreu**, cuja tese, sobre “um contador de histórias na sala de aula” se tornaria referência bibliográfica em muitas disciplinas que eu ministraria; **Anna Christina Farias de Carvalho**, professora da Universidade Regional do Cariri (URCA), no Crato, onde lecionei e orientei num convênio com o nosso PPGL, que defendeu uma linda tese sobre Irmandades de Penitentes no Cariri cearense; **Vicente Jutandy Temóteo de Sousa**, também na URCA, que estudou a xilogravura de Walderedo Gonçalves, artista popular cearense; **Maria Angela Belfort**, que realizou um trabalho sobre o Mamulengo no contexto sociocultural da Mata Norte de Pernambuco; e **Rivamar Guedes**, hoje professor na Faculdade da Amazônia Ocidental, em Rio Branco, no Acre, que estudou a sociabilidade de um bairro popular de João Pessoa, Tambiá. E, para finalizar, o primeiro TCC de graduação que orientei, o de **Luciana Eleonora de Freitas Calado**, depois minha colega na própria UFPB, que em 1996, no curso de Comunicação Social, defendeu uma monografia intitulada “Funções Sociais do

Romanceiro na Paraíba”.

Mas, evidentemente, nem todas as melhores pessoas da UFPB foram orientadas por mim e, por isso, também preciso mencionar alguns estudantes que acompanhei com muito interesse e que também, em aulas e/ou em atividades de pesquisa, sobretudo no âmbito do LEO, me marcaram: os já citados (e meus “coautores”, aqui) **Valéria Andrade** (agora UFCG), **Diógenes Maciel** (UEPB), e também **Christina Nogueira** (agora doutoranda na UFPB), **Ana Cristina Marinho Lúcio**<sup>46</sup>, autora da tese de doutorado que quis orientar e que todos os meus alunos tiveram que ler (se leram, não sei...), também professora (titular, antes de mim!) no PPGL da UFPB. E, claro, os outros integrantes do LEO, orientados por Maria Ignez e/ou Marcos Ayala: **Esmeraldo Marques Pergentino Filho** (*aka* Chico Corrêa), **Magno Job de Andrade** e **Cleomar Felipe Cabral, Paulo Anchieta da Cunha** – entre outros. Se eu fui, para eles, um professor, um colega dos seus orientadores, uma presença constante na sala do LEO, eu tive eles como peças da minha longa aprendizagem que se deu na UFPB ao longo desses anos todos.

Minha passagem pela UFPB teve outros marcos e o principal foi, sem dúvida, a minha aprovação no concurso para professor efetivo (de Sociologia) em 1999, que me permitiu, a partir de 2 de janeiro de 2000<sup>47</sup>, me tornar servidor federal, lotado no Departamento de Ciências Sociais (DCS) da UFPB. A “história” do concurso foi até certo ponto divertida: como viram, eu jamais estudei nem mesmo me aproximei da sociologia, que, na Itália, está bem separada da Antropologia. Mesmo assim, resolvi me inscrever, aproveitando justamente a minha graduação italiana: “antropologia foi considerada “área afim”. O concurso estava aberto para mestres o que me garantia uma boa pontuação na contagem de títulos, mas, também, tive muita sorte no sorteio da prova escrita: o “ponto” era o Marxismo. Tirei dez. Na prova didática foi sorteado um ponto que me permitiu não fazer feio: a Escola de Chicago. Preciso agradecer publicamente, porém, o meu colega e amigo, Marcos Ayala, professor de Sociologia nesse mesmo Departamento de Ciências Sociais,

---

<sup>46</sup> LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *O mundo de Jove (a história de vida de um cantador de coco)*. 2001. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001. Orientada por Maria Ignez Ayala. Disponível em [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8292?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8292?locale=pt_BR).

<sup>47</sup> O concurso foi em abril de 1999, mas, logo em seguida, o governo federal “bloqueou” as contratações e eu só tomei posse no primeiro dia útil do ano sucessivo. A partir dessa data, conto o meu tempo de serviço e a... perspectiva da aposentadoria.

embora fosse historiador de formação, que me “treinou” intensamente, ao longo de quarenta dias de mergulho sociológico!

Nesse sentido, portanto, trato esse período (1994-2010) como um “bloco” único, embora – a rigor – ele tenha passado por fase diferentes: bolsista CNPq recém-doutor, junto ao PPGL (1994-1997), professor visitante no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (1997-2000), professor efetivo no Departamento de Ciências Sociais (2000-2010), mas atuando tanto no PPGL como no PPG de Sociologia. Pois esta foi a primeira consequência institucional do meu ingresso no DCS: comecei a atuar estavelmente, como docente “permanente” no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), na linha de pesquisa de “Sociologia da Cultura”, ao lado, entre outros colegas, de Marcos Ayala. É interessante informar que, quando eu ingressei no DCS, ainda não existia na UFPB um curso de graduação em Ciências Sociais: os sociólogos, os antropólogos e os cientistas políticos lotados em João Pessoa atuavam no PPGS e/ou em cursos de graduação que demandassem alguma disciplina dessas áreas.

Desde 1997, porém, a matrícula SIAPE (ainda que temporária, por estar ligada a um contrato como professor visitante) me franqueava o acesso a cargos e encargos administrativos. Assim, em 2000, a convite de **José Augusto de Moraes**, servidor técnico com longa e rica trajetória de trabalho e pesquisa com temas de cultura popular, assumi a coordenação do NUPPO, o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PRAC). Em 2018, recebi, inesperados, uma notícia tristíssima e um honroso convite por parte da minha antiga orientanda e amiga, a professora **Luciana Calado**: anunciava-me o falecimento da nossa antiga professora e colega, **Beliza Áurea**, então coordenadora desse Núcleo histórico da UFPB e me solicitava a colaborar para um volume de comemoração dos quarenta anos de existência do NUPPO. O volume pode ser acessado integralmente aqui, e nele, além do meu depoimento, que reproduzo – parcialmente – aqui a seguir, é bem interessante verificar a diversidade e vitalidade das ações desenvolvidas ao longo dessas quatro décadas. Uma parte da parte que me coube é esta:



Para quem chega à Reitoria da Universidade Federal da Paraíba vindo do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, como foi o meu caso durante mais de quinze anos, a frente do prédio é aquela que tem uma rampa. Mas essa rampa é tão pouco inclinada que sempre foi difícil, para mim, considerar que aquilo por baixo do grande hall do prédio seja o seu “andar térreo”. Sempre achei que fosse o subsolo. E é nesse subsolo que está o melhor da Reitoria da UFPB, o que me parece soar discretamente simbólico. Descendo pela escada ou entrando pela garagem, estamos no território da Extensão. Indissolúvel ou não – do ensino e da pesquisa – a extensão cidadã da UFPB está no subsolo do prédio da sua Reitoria.

Hoje (2018), o organograma e a topografia da PRAC (Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários) são um pouco diferentes dos meus tempos (o ano 2000), quando fui coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular – mas, àquela época, estava quase tudo lá: o gabinete da pró-reitora, o NUDOC (Núcleo de Documentação Cinematográfica), a COEX (Coordenação de Extensão Cultural, que entrará nesta narrativa daqui a pouco), a COPAC (Coordenação de Programas de Ação Comunitária), o NIETI (Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade), entre outras coordenações, serviços e programas<sup>48</sup>. Em uma palavra: localizava-se num dos recantos mais escondidos, escuros e pouco arejados de toda a UFPB justamente a fonte que mais e melhor arejava a universidade.

Entrei nesse subsolo por volta do final de 1999, cerca de cinco anos depois da minha chegada à UFPB. Bolsista do CNPq, antes, professor visitante no DLCV depois, e às vésperas de me tornar professor efetivo do Departamento de Ciências Sociais, antropólogo, mas com raízes no Programa de Pós-Graduação em Letras, onde cursei mestrado e depois me tornei docente, o meu horizonte de pesquisa (epistemológico, ético, político) era a cultura popular. Àquela altura, eu já vinha trabalhando com grupos de pescadores artesanais do litoral da Paraíba, e orientava mestrandos e doutorandos com projetos nessa área. Não lembro dos detalhes, mas um dia recebi o surpreendente (por inesperado) e honroso convite de José Augusto de Moraes, então coordenador do NUPPO, para eu mesmo assumir a coordenação do Núcleo. Sabia muito pouco da sua estrutura e da sua história, mas a oportunidade que me era oferecida (“institucionalizar” os meus interesses de pesquisa, colaborando com as gestões de Fernando Abath na COEX, de Rossana Souto Maior na PRAC e do professor Jäder Nunes de Oliveira na Reitoria) me pareceu logo muito positiva. O desafio, porém, era muito consistente. Tratava-se da minha primeira experiência administrativa numa universidade e, embora não houvesse orçamento disponível, o rol de responsabilidades não era pequeno. Entretanto, poder contar com a experiência e a dedicação do próprio José Augusto e do corpo de servidores do NUPPO (menciono, com afeto e gratidão: **Hilda, Rosário, Zé Vicente, Celeste, Diones, José Maurício, Damião, Nilsamira, Dermeval** – esqueci alguém?!) ajudou imensamente.

Cada um e cada um tinha tarefas, responsabilidades e interesses definidos, e a vida do Núcleo fluía sem que eu tivesse que reinventar a roda. O acervo material, as gravações, os registros, as exposições, as visitas das escolas: tudo conformava uma rotina sem tédio nem automatismos. O NUPPO acabava de completar vinte anos de vida e eu, quarenta. Mas, apesar dessa diferença de idade, era eu que tinha tudo o que aprender com ele e nele. Dez anos depois, por ocasião do seu trigésimo aniversário, um artigo de Júlio Américo Pinto Neto (de quem viria a ser colega, a partir do ano seguinte, na COEX), “NUPPO: 30 anos de promoção da cultura popular”, apresentaria uma síntese ampla e generosa da história do Núcleo. Nele, encontro também os nomes dos coordenadores que me antecederam: Iracema Lucena, Altimar Pimentel, Osvaldo Trigueiro, Dalvanira Gadelha Fontes, José Nilton, René Vandezande, Ivaldo Nóbrega e, claro, José Augusto. Com alguns tive convívio,

---

<sup>48</sup> Curiosamente, também as salas da Comissão Permanente de Pessoal Docente – CPPD – órgão que cuidaria desta minha progressão, se eu ainda fosse servidor da UFPB.

apesar de várias divergências teóricas e/ou metodológicas que, entretanto, não impediram de me sentir muito honrado por eu me encontrar nessa mesma galeria.

Mas o mais importante, ainda no capítulo onomástico, é a lista de coordenadoras que me sucederam, o mais significativo sintoma da saúde e da vitalidade do NUPPO. Depois da minha saída, ocasionada pelo convite que Lúcia Guerra e o professor Jáder me dirigiram para que eu assumisse a gestão da Coordenação de Extensão Cultural da UFPB (COEX), o Núcleo seria coordenado por Nilsamira de Oliveira, Maria Ignez Novais Ayala, Alice Satomi, Beliza Áurea de Arruda Mello e Luciana Calado. Com todas elas o meu convívio foi muito intenso, até a minha saída da UFPB, em 2010. Entre elas há uma antiga professora minha, depois colega e cúmplice no Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO/CCHLA), Maria Ignez, e uma das mais brilhantes estudantes de Letras da UFPB, agora também doutora e docente, Luciana. E, claro, essa figura ímpar e saudosa, Beliza, que iluminou de alegria, irreverência e sabedoria a Universidade Federal da Paraíba durante quase trinta anos.

Minha passagem pelo NUPPO, portanto, foi rápida. Mesmo descontando as minhas falhas de memória, creio que seja correto afirmar que, por isso mesmo e por causa da minha inexperiência, dei uma contribuição muito pequena. Com certeza, recebi muito mais do que dei. A frequência quase cotidiana do seu acervo museal, constituído de peças de vária natureza e procedência, mas todas dotadas de intensa carga plástica e significativa, me puseram em contato, com mais força que em outras oportunidades, com a realidade material e concreta do fazer popular, algo que eu, ao longo dos anos, vinha reconhecendo tanto através dos meus estudos e das minhas leituras (com destaque para as observações e reflexões de Amadeu Amaral, Mário de Andrade, da própria Maria Ignez Novais Ayala, mas também de Marcos Ayala e de Nestor García Canclini) quanto das minhas andanças pelas praias da Paraíba e de Pernambuco. Localizava-se no acervo do NUPPO o reconhecimento de uma “estética popular” específica, não confundível com as práticas e as retóricas eruditas, mas reconduzível ao único chão que lhe é próprio: o emaranhado da vida e das relações sociais de um país diverso e estratificado como o Brasil, ainda mais no cenário também específico da Paraíba. Barro, madeira, cerâmica, algodão, fibras, entre outros materiais, testemunham ali as dialéticas do útil e do belo, do trabalho e do lazer, da vida e da morte, do material e do imaterial.

Por isso (e ainda com o desconto e o perdão dos meus esquecimentos), considero que entre os momentos mais significativos da vida do NUPPO estiveram as ocasiões em que foi possível expor os trabalhos de dois artistas como o oleiro pernambucano, radicado em João Pessoa, Tota de Tracunhaém (Antônio Paschoal Régis) e Maria dos Bichos (Maria das Dores de Oliveira). Neste caso, levamos as peças dessa artesã de Patos até o espaço histórico do Convento de São Francisco, com a curadoria do professor Gabriel Bechara Filho. Hoje, quase vinte anos depois, Google me ajudou a encontrar trechos de um texto que escrevi para aquela ocasião: “Maria dos Bichos não é apenas dos bichos. É também Maria da gente, Maria das mulheres e dos homens que, no sertão e na cidade, fazem a beleza da cultura popular. Nessas peças [...] flagra-se um momento precioso da resistência à homogeneização da arte, de luta contra a desumanização do homem. [*Trata-se de*] uma parcela decisiva da cultura brasileira, subalterna, marginalizada, excluída, mas forte de formas e conteúdos, de cores e valores”. Não sei – ou seja não me cabe dizer – se essas palavras eram adequadas à arte de Maria, mas creio que possam valer, se não para toda a arte popular, para o que eu acho ser uma das características mais marcantes dos saberes e fazeres subalternos.

Considero que, nesse balancete de contribuições e ganhos, fiquei devendo algo ao NUPPO – e faço aqui um *mea culpa*. Embora nesse ano 2000 a minha posição na UFPB já me permitisse trabalhar e interagir com muitos estudantes de graduação, de mestrado e de doutorado às voltas com interesses e pesquisas sobre cultura popular, creio que eu deveria ter me empenhado mais para que houvesse uma aproximação deles com o Núcleo. Todos

ganhariam: os jovens pesquisadores, que dispunham, ao mesmo tempo, de um rico acervo de registros orais e visuais e de peças materiais que lhes permitiria ter uma visão mais ampla das práticas e dos saberes populares na Paraíba, e o próprio Núcleo, que receberia (isso posso dizê-lo sem cabotismo) alguns dos melhores alunos da UFPB, muitos dos quais hoje são, por sua vez, docentes e pesquisadores em várias instituições de ensino superior Brasil afora. Mas essa tarefa foi iniciada e mantida, mais tarde, pelas coordenadoras que me sucederam, de forma que é com muita alegria que vejo hoje, em vários registros na internet, as novas linfas que circularam e circulam pelo NUPPO. Assim sendo, quase vinte anos depois da minha passagem pela coordenação do Núcleo, parece-me que com mais intensidade do que nas duas primeiras décadas da sua história, ele se configura como a mistura adequada, equilibrada e certa de velho e de novo, de tradicional e de renovado, de passado, presente e futuro. Em outras palavras, no NUPPO se encontra o que encontramos no próprio horizonte popular: sempre renovado e nunca engessado nem desmemoriado.

O texto que me fora solicitado por Luciana finalizava com um curto relato sobre o que me levou a sair do NUPPO, no final daquele mesmo ano de 2000. Por... economia, reproduzo-o aqui, também, tentando dar conta do meu talvez mais forte compromisso administrativo em toda a minha passagem pela UFPB:

Não poderia finalizar essa curta narrativa se não me detivesse, ainda que rapidamente, na minha etapa sucessiva: a gestão na Coordenação de Extensão Cultural (COEX) – apenas alguns passos a mais no corredor do subsolo do prédio da Reitoria, para depois entrar à esquerda. [...], o convite veio da professora Lúcia Guerra, pró-reitora de extensão, docente e gestora que marcaria de forma indelével o caráter extensionista da UFPB. Lá tive a missão de substituir outro ícone da extensão cultural brasileira, **Fernando Abath**, com quem também tive o privilégio de conviver naqueles anos. Acredito que a minha passagem pelo NUPPO (apesar das minhas próprias ressalvas à minha atuação) me credenciou para assumir esse desafio que considero a minha prova de fogo na gestão universitária. Lidar com todos os Núcleos de extensão da UFPB (NUPPO, NTU – Núcleo de Teatro Universitário, NUDOC – Núcleo de Documentação Cinematográfica e NAC – Núcleo de Arte Contemporânea), com o Coral Gazzi de Sá com artistas e profissionais que já pertencem à história da cultura brasileira, no cinema, nas artes plásticas, no teatro, na dança): **Marcus Vilar, Torquato Joel, Edilson Alves, Everaldo Pontes**, Mônica Macedo, Maurício Germano, José Valdir dos Santos, João de Lima, **Águia Mendes**, João Carlos Beltrão, **Gustavo Moura, Eli-Eri Moura**, Eduardo Nóbrega, Durval Leal – entre tantos outros que agora, infelizmente, esqueço... Mas nos meus anos de NUPPO e COEX (e graças à sociabilidade que esses dois lugares me proporcionaram) pude conhecer e, em alguns casos conviver, com outras figuras que têm marcado a inteligência paraibana em todos os setores: cito, sem uma ordem definida, **Emmanuel Falcão**, Eymard Vasconcelos, **Nazaré Zenaide**, Luiz Carlos Vasconcelos, **Carlos Aranha**, Guilherme Schulze, Petra Ramalho, **Nanego, Soia e Bertrand Lira**, Waldemar Solha, Dadá Venceslau, **Beto Quirino**, Fernando Teixeira, **Carlos Dowling, Cristovam Tadeu**, Rodolfo Athayde, Fabiano Gonper, Raul Córdula, Dyógenes Chaves, Sérgio Lucena, Alexandre Filho, Shiko, **Ana Bárbara Ramos, Bruno de Sales**, Chico Pereira, **Flávio Tavares**, Eliézer Rolim, Henrique Magalhães, Fred Svendsen, Vânia Perazzo, José Rufino, **Sergio de Castro Pinto, Lucio Lins**, Rinaldo Fernandes, **Carlos Cartaxo, Antonio Mariano, Fernando Moura, Roró de Sá**, Edônio Alves, **Vitória Lima, Lau Siqueira, Chico Corrêa**, Milton Dornellas, Ruth Avelino, **Radegundis Feitosa**, Xisto Medeiros, Pedro Osmar, Naldinho Braga, Adeildo Vieira, Erivan

Araújo, Chico César, **William Costa**... A todas e a todos, onde estiverem, vai o meu abraço<sup>49</sup>.

Lembro (mas só aos muito mais jovens), que estavam, naqueles anos, no segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, caracterizados, por um lado, por uma severíssima redução de recursos para o ensino superior e a cultura, mas, também, na véspera do início do primeiro mandato do presidente Lula, o que tornaria bem mais promissor o cenário no qual tanto o NUPPO quanto a COEX se movimentavam. [...]. Cito, entre tantas outras, a revitalização de uma parte do centro histórico de João Pessoa (notadamente a região polarizada pela praça Anthenor Navarro), a criação, dentro da Subsecretaria de Cultura do Estado da Paraíba, das primeiras ações de fomento e incentivo à cultura, a vitalidade cultural e política do campus de Cajazeiras, com ações voltadas às bandas cabaçais daquela região, e a efervescência da produção artística paraibana, muito frequentemente ligada direta ou indiretamente à cultura popular. Havia “algo do NUPPO” nos filmes de Marcus Vilar (*A árvore da miséria*, 1998; *A Canga*, 2001), de Torquato Joel (*Passadouro*, 1999; *Transubstancial*, 2003), em toda a produção do “Balé Popular da Paraíba”, dirigido por Maurício Germano, mas também numa produção teatral muito mais “velha”, mas continuamente atual, como **Vau da Sarapalha**, do Teatro Piollin (1992), ou, saindo dos setores explicitamente criativos, nas páginas do “Correio das Artes”, suplemento de A União, sobretudo quando sob a batuta do jornalista William Costa. Afastado que estou, há quase dez anos, da cidade e do estado, quero crer que, de lá para cá, isso esteja ainda mais sólido.

É - enfim - pelo NUPPO e pela COEX que João Pessoa e o resto da Paraíba se fizeram atores vivos e ativos num cenário muito mais amplo. Foram essas duas experiências que me ajudaram a moldar-me acadêmica, administrativa e politicamente. Foi no subsolo mal iluminado, mas tão iluminador, do prédio da reitoria da UFPB, que eu passei anos importantes. Apesar de todos os esquecimentos. Muito obrigado!

Nos anos em que eu estava, de segunda a sexta, de manhã e de tarde (e em mil atividades culturais também à noite e aos finais de semana) na COEX, continuava evidentemente a desempenhar as minhas funções acadêmicas. Não há como negar que o tempo que eu conseguia dedicar aos meus orientandos era bem mais escasso, embora, espero, com a mesma qualidade. Pouco depois da minha posse como professor efetivo do Departamento de Ciências Sociais, naquele mesmo ano 2000, iniciou a funcionar na UFPB o curso de bacharelado em Ciências Sociais, que se juntaria, portanto, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que existia desde 1979 e que, no ano anterior, em 1999, havia conquistado também o curso de Doutorado. Vale lembrar que o PPGS funcionava com duas bases, a de João Pessoa, campus I, e a base do campus II, do Centro de Humanidades, em Campina Grande. Com o desmembramento desses campi em função da criação da Universidade Federal de Campina Grande, a partir de 2006 também foram desmembrados os Programas, passando o PPGS-UFPB a funcionar de modo independente. Mas, nos

---

<sup>49</sup> Embora a todas e a todos eu me sinta ligado por sentimentos afetuosos e por estima e agradecimentos, para manter o combinado no começo deste Memorial, em negrito estão os nomes das pessoas com quem eu estive mais próximo.

primeiros anos da minha participação no Programa, eram frequentes e frutíferas as visitas e as atividades em conjunto com os colegas de Campina Grande, onde se desenvolviam pesquisas muito relevantes, sobretudo, em sociologia rural e onde me aproximei de dois colegas pelos quais tenho imensa estima e admiração, **Marilda de Menezes e Edgard Malagodi.**

Mas, voltando à criação do curso de graduação em Ciências Sociais, eu participei dele, apesar de o meu concurso ter sido em “Sociologia”, com disciplinas de Antropologia<sup>50</sup>. Em outras palavras, foi no novo milênio que coroei o meu antigo projeto, elaborado cerca de vinte anos antes: ser professor de antropologia. Mais uma vez, recorro a uma colaboração, para apresentar aos meus leitores esse curso. **André Gondim do Rego**, sucessivamente mestre e doutor em Antropologia pela UnB (orientado por Luís Roberto Cardoso de Oliveira), foi meu aluno logo no começo e um dos meus primeiros bolsistas de Iniciação Científica, depois que eu comecei a desenvolver projetos de pesquisa relacionados às populações e comunidades de pesca artesanal do litoral da Paraíba. Ele escreve(-me):

**Ingressei no curso de Ciências Sociais da UFPB em meados dos anos 2000, através de um edital de vagas remanescentes - na época, havia um punhado delas... O fato de ser um curso diurno limitava bastante sua “preferência”. Eu vinha da Economia, curso que logo de cara achei “sem sabor”, mas que me “introduziu” ao saber de uma certa Sociologia. A possibilidade de fazer leituras críticas não só de livros, mas do mundo; de desnaturalizar e estranhar o convencional; e, a partir daí, imaginar outros possíveis, foi como uma revelação para alguém que fizera um ensino médio técnico sem o tempero das Humanidades. Mas a decisão pelo novo curso não se deu de supetão, pois precisava trabalhar para “viver uma universidade” - mesmo pública. Na época, eu era técnico de máquinas copiadoras e precisava estudar à noite. Porém, ser curioso em meio ao cansaço generalizado de uma turma noturna que só pedia aulas expositivas, rendeu uma indicação para uma entrevista de iniciação científica, coisa que nem sabia, existia.**

**- Olha, são pescadores artesanais. Vivem num distrito isolado. Talvez seja preciso ir de barco... ou canoa. E ainda seguir a pé, atravessando o mangue. Se há estrada, não sei se é boa.**

**Foi esta a maneira pela qual meu futuro orientador tentou dissuadir (minha interpretação, mas ele nega até hoje!) o aluno a ele indicado, que chegou para a audição todo arrumado, suado e desajeitado, carregando a maleta de trabalho. Não sabia ele, mas filmes como Indiana Jones**

---

<sup>50</sup> A minha “obediência” à área do concurso se deu, durante os primeiros três ou quatro anos, ministrando a disciplina de “Introdução à Sociologia” para alguns cursos que a demandavam, como Serviço Social, Letras, Nutrição, Odontologia... Nela, como me foi dito à época, dava... “os três porquinhos”: Marx, Durkheim e Weber...

eram meu grande barato. Não demorou, calhou que o projeto Lit/Oral fosse aprovado, eu e mais duas colegas recrutados e uma daquelas vagas remanescentes ocupada. Eu era enfim aluno de Ciências Sociais, realizando pesquisa desde o início da formação. O curso acabara de passar por uma reformulação que havia equalizado a presença de suas três áreas de formação, além de deixar um considerável espaço para disciplinas optativas. Não obstante, eram poucas as docentes e os docentes habilitados fora da sociologia. Meu orientador era a melhor referência de “antropologia” que eu tinha, embora, anos depois, quando eu já me encontrava no mestrado e ele no pós-doutorado, tenhamos chegado à conclusão que não era exatamente isso o que, na época, fazíamos... No final das contas, isso pouco importa. Pois tudo o que fizemos outrora foi fundamental para nos tornarmos os antropólogos que somos agora.

O que André, muito generosamente, menciona é algo sobre o qual nem gostaria de me deter muito. O fato de que, graças sobretudo à experiência proporcionada por Edinilza e Walkiria em São Lourenço de Tejucupapo, o mundo da pesca, do litoral, as memórias e as narrativas dos “povos das águas” me pareceram o mais convidativo dos cenários possíveis de pesquisa. A realidade, porém, é que essa escolha – que, de fato, me acompanhou por todos os dez anos sucessivos – proporcionou dois resultados que, hoje, considero insuficientes. Por um lado, eu mergulhei em muitas leituras (sobretudo de antropologia da pesca ou marítima, de autores brasileiros e não brasileiros) que me ajudaram imensamente na compreensão, mais teórica, mas também historiográfica, sobre os múltiplos aspectos da vida social e cultural dos pescadores brasileiros. Destaco, entre os autores, em primeiro lugar aqueles de quem me aproximaria, depois, até pessoalmente, e que contribuíram, portanto, ainda mais incisivamente, na minha formação de estudioso desses fenômenos. **Antônio Carlos Diegues** (USP), naturalmente e antes de tudo, mas, também, **Luiz Fernando Dias Duarte** (Museu Nacional), **Roberto Kant de Lima** (UFF), **Marco Antonio da Silva Mello** (UFRJ), **Simone Maldonado** (UFPB). Por outro lado, sinto que acabei contribuindo de forma até significativa na formação de alguns estudantes da UFPB que escolheram desenvolver as suas pesquisas, de iniciação científica e para os seus TCC's (dando depois continuidade, quase sempre, nos mestrados e doutorados) a temas marítimos: os já mencionados André, Bel, Luiz Gonzaga, Edith e Diego, as três estudantes caboverdianas – **Ariana Monteiro, Carmelita dos Santos e Ivone**

**Lopes**, além das teses de doutorado de Ana Claudia - no Rio Grande do Norte - e de Madian - no Maranhão.

Entretanto, o que faltou foi justamente a minha própria contribuição: se nos medimos sobretudo pelas nossas publicações, pouco ou nada eu publiquei que fosse oriundo das nossas investidas etnográficas em lugares como Barra de Camaratuba e Costinha (litoral norte da Paraíba), Nísia Floresta (litoral sul do Rio Grande do Norte), Acaú e Pitimbu (litoral sul da Paraíba), Praia da Penha (na grande João Pessoa) e Carne de Vaca (litoral norte de Pernambuco). Creio que tentei corrigir essa lacuna, alguns anos depois, através do meu projeto de pós-doutorado, de que falarei daqui a pouco.



**André, Bel e Gonzaga em Barra de Camaratuba.** Cortesia de André Gondim do Rego.



**São Lourenço (PE).** Cortesia de Gekbede Dantas (Bel).

Mas, retomando então - indiretamente - o tema das publicações: o que eu

publiquei, durante a minha passagem pela UFPB? Ou melhor, até a véspera da minha saída para o pós-doutorado na UNICAMP (2005)? Afinal, foram onze anos. Antes, porém, de tentar responder, vale lembrar que, ao menos na minha lembrança, mesmo atuando intensamente em dois PPG's, eu não sentia tanta “pressão” para produtividade, como sentiria mais tarde, sobretudo depois de 2010, nos PPG's nos quais atuo na UNILA. Não sei se era eu ou se era a CAPES, ou se eram as coordenações dos Programas, mas mesmo em tempos de “Coleta CAPES”, anteriores às famigeradas quadrienais “atuais” (só que não, em 2021...), como era nessa época, a gente sobrevivia sem tantos sensos de culpa se não publicava tanto assim. Entretanto, considerando apenas os artigos em periódicos, foram cinco textos, sendo que só um relacionado às pesquisas nas praias. Dos outros quatro um foi o já mencionado, sobre a *Prosopopeia* de Bento Teixeira, dois dedicados a aspectos da obra de Antonio Candido e um, mais teórico, é uma apresentação dos meus pressupostos epistemológicos, com ênfase nos “meus autores” Italianos. Deles, apesar da relevância que eu acho que possuem os outros três textos, eu tenho uma predileção fortíssima pelos que focam Antonio Candido. Em ordem cronológica de publicação, são:

- **Antonio Candido, eccetera. Conciso roteiro italiano de um crítico brasileiro.** *Graphos*, v. 1, n.2, p. 75-88, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9184>
- **A história somos nós: reflexões sobre histórias de vida, autobiografia, cultura popular, narradores e pesquisadores.** *Política & Trabalho*, v. 13, n.13, p. 223-236, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/6405/19667>
- **Entre o mar e a cidade: conflitos, memória e trabalho em comunidades litorâneas do Nordeste.** *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 57, p. 137-145, 1999. Não disponível em versão digital.
- **Fixo, porém em movimento. Antonio Candido lê um romance realista italiano.** *Ensaíos Ad Hominem*, São Paulo, v. 1, n.1, p. 213-218, 1999. Também não disponível em versão digital.



No mesmo período, também publiquei alguns capítulos de livros, entre os quais, destacaria

- **Un poema fuori posto. La questione della *Prosopopeia* e la storiografia letteraria luso-brasiliana.** *In:* Maria José de Lancastre; Silvano Peloso; Ugo Serani. (Orgs.). *E Vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio. Viareggio: Mauro Baroni, 1999, p. 267-284.
- **Eles, os Outros. Considerações sobre identidades e diversidades.** *In:* Maria Carmela Buonfiglio (Org.). *Políticas Públicas em questão: o plano de qualificação do trabalhador*. João Pessoa: Manufatura/UniTrabalho, 2004, p. 65-78<sup>51</sup>.
- **O espaço e sua memória: desafios para a ação acadêmica.** *In:* Edison José Correia; Eleonora Schettini Martins Cunha; Alysson Massote Carvalho (Orgs.). *(Re)conhecer diferenças, construir resultados*. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000031.pdf>
- **O dizível e o indizível: representabilidades e conflitos na narrativa brasileira contemporânea.** *In:* Sônia Lúcia Ramalho de Farias; João Denys Araújo Leite (Orgs.). *Imagens do Brasil na Literatura*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPE, 2005, p. 257-264.

Gostaria de destacar que o volume publicado pela UNESCO reúne, na realidade, os materiais e os trabalhos apresentados no 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, que aconteceu em Belo Horizonte em setembro de 2004. Isso, sobretudo, para lembrar que, nos anos em que, como coordenador de extensão cultural, estive na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPB, sob a liderança da professora Lúcia Guerra, participei, juntos com outros colegas da PRAC, de todas as reuniões do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (duas por ano: uma nacional e outra regional, do Nordeste), além

---

<sup>51</sup> **Carmela Buonfiglio**, colega do DCS, com atuação relacionada à sociologia do trabalho, foi uma grata amizade que fiz na UFPB: nascida na Itália, aliás na mesma Basilicata de Aurora Milillo, casada com um colega argentino, **Juan Dowling**, e mãe de uma aluna do curso de Ciências Sociais, **Gabriela Buonfiglio Dowling**, e de um jovem e talentuosíssimo cineasta, **Carlinhos Dowling**.

de ter participado, em 2002, da organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), um marco na história da extensão brasileira e – juntamente com o dia-a-dia da pró-reitoria e as relações com extensionistas e dirigentes da extensão de todo o Brasil – um tremendo aprendizado para mim<sup>52</sup>. Nesse contexto do Fórum, fui indicado para coordenar a área temática de Cultura, o que me levou a participar de várias reuniões, sobretudo em Brasília, com a equipe do então ministro da cultura, Gilberto Gil, com vistas à construção de um grande plano nacional de extensão cultural, o que de fato acabou acontecendo. Foi nesse mesmo contexto, também, em 2003 em João Pessoa, que tive o privilégio de organizar e, sobretudo, participar de um seminário dedicado à metodologia para projetos de extensão, na realidade um curso, ministrado por **Michel Thiollent**. Mas se eu entrasse em detalhes e relacionasse toda a minha passagem pela extensão universitária, nesses quatro anos, se abriria outro memorial, tão rico – ou mais.



**Portão de entrada e uma parte da equipe organizadora do I CBEU.** Fonte: [http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu\\_anais/fotos/fotos.html](http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/fotos/fotos.html)

Além desses capítulos, gostaria de destacar a minha participação, a convite da professora Idelette, no projeto do *Dicionário Literário da Paraíba*, redigindo dez verbetes relativos a outros tantos poetas populares, autores de folhetos de cordel, além do verbete propriamente sobre “literatura de folhetos”.

<sup>52</sup> Lembro que quando comecei a trabalhar na e com extensão, tentava explicar isso a minha mãe – e não havia uma palavra que traduzisse essa prática em italiano. Hoje, parece que se usa, lá, *terza missione* – “terceira missão”. Durante muito tempo, achei que fosse justamente a extensão o grande diferencial entre a universidade brasileira e o ensino superior no meu país.



A última fase da minha permanência na UFPB (2007 - 2010) teve um longo preâmbulo, com dois anos de duração. Em meados de 2004, solicitei ao meu Departamento liberação para realizar estágio pós-doutoral. Obtida a bandeira verde, também solicitei bolsa ao CNPq, que a concedeu. Sentia que era necessário dar uma guinada nos meus conhecimentos sobre, especificamente, antropologia brasileira. Para que esse passo seja mais bem compreendido, alguns parágrafos extraídos do projeto que apresentei ao CNPq e, em seguida, a uma professora da UNICAMP que seria a minha supervisora. O título do projeto: *A jangada e o antropólogo: capítulos de etnografia da vida intelectual brasileira (1880-2004)* e este é um trecho da sua “Justificativa”:

Depois de dois semestres pagando o preço de ser novato no departamento (“Introdução à Sociologia” para outros cursos da UFPB), sai da área de Sociologia e entrei na de Antropologia. Enfim, quase vinte anos depois da conclusão do meu curso, em Roma, estava realizando o meu desejo de ser professor de antropologia. Mas, é claro, a minha formação estava completamente defasada. Assim, oferecia a disciplina de “Fundamentos do pensamento antropológico”, para os alunos do primeiro período do curso: conceitos, iluministas, viajantes, clássicos, mas mal chegava a Lévi-Strauss. Mas eu, pessoalmente, estava interessado em algo que, obviamente, não podia ter estudado em Roma: a antropologia brasileira. Havia me aproximado de alguns textos do Roberto Cardoso de Oliveira e, hoje, cada vez mais, sinto-me atraído por essa antropologia “periférica”, por esse “estilo”. Paralelamente, está agora bem mais bem definido o meu campo de interesse de pesquisa: a antropologia marítima, as comunidades de pescadores do litoral do Nordeste, sua história, sua memória, suas práticas, seus modos de vida.

Nisso, venho me familiarizando com a literatura brasileira desse campo: de Gioconda Mussolini a Antonio Carlos Diegues, de Simone Maldonado a Luiz

Fernando Duarte, entre outros (mas poucos, até onde vejo). Dentro do LEO, criei o GEAL (Grupo de Estudos Antropológicos do Litoral), com alunos de graduação, mestrado e doutorado, experiência que agora pretendo fortalecer a partir desse pós-doutorado. Tenho orientado, mesmo assim, muitas monografias de conclusão de curso e várias teses de doutorado estão em andamento.

Um ano e meio atrás atrevi-me a oferecer a disciplina de Antropologia Brasileira. Comecei de bem longe: Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, Câmara Cascudo. Mas também Nimuendajú, Baldus... E, também, Bastide, Xidieh, Florestan, Antonio Candido. E, chegando aos nossos tempos, Darcy Ribeiro, J.C. Melatti, Roberto Cardoso de Oliveira, Eduardo Viveiros de Castro, José Guilherme Magnani, João Pacheco de Oliveira, Mariza Peirano, etc.

Pretendo, assim, voltar a estudar.

Resisto às sereias de além-mar e demais tentações e pretendo fazê-lo no Brasil, mesmo. Por motivos óbvios, visto o tema que desejo abordar. Mas, é claro, não tenho a pretensão de esgotar as minhas lacunas e os meus interesses no prazo de um ou dois anos. Seria suficiente que a minha bagagem de antropólogo “brasileiro”, que nunca estudou antropologia no Brasil e com brasileiros, se enriquecesse de peças e elementos que me permitam direcionar melhor o meu trabalho em sala de aula, nas minhas pesquisas e na orientação dos meus alunos.

E foi isso, de fato, meu estímulo inicial. A escolha da supervisora foi uma das coisas melhores que eu fiz na vida – e está ligada a um episódio curioso. Um estudante que eu orientava no Mestrado, **Carlos Alberto de Azevedo Filho**, que trabalhou com a obra jornalística de João Antônio<sup>53</sup>, sabedor do meu interesse por Antonio Candido, me doou um livro intitulado *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*, de **Heloísa Pontes**. Não posso, aqui, me delongar para tecer as qualidades desse texto, que fora, antes, tese de doutorado em sociologia, orientada por Maria Arminda do Nascimento Arruda, mas, posso, sim, mencionar sinteticamente os efeitos que a sua leitura teve sobre mim. Ao lado de outras informações que me trouxe, descobri um aspecto da trajetória de Antonio Candido – um, não: vários – que eu desconhecia, mas que, sobretudo, me permitiram compreender, por um lado, o entrelaçamento das trajetórias de outras figuras que eu já considerava fundamentais na minha formação (notadamente, Gilda de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes) e, por outro, e sobretudo, como a reconstrução dessas trajetórias vinha junto com a própria construção de campos intelectuais diversos, porém articulados num mesmo projeto crítico, no pano de fundo, aliás no palco,

---

<sup>53</sup> Sua dissertação, *João Antônio, repórter de realidade*, defendida no PPGL da UFPB em 2000, foi em seguida publicada em livro.

constituído pelo surgimento e pelos primeiros anos de funcionamento da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Numa palavra: senti que era essa a forma de ser antropólogo – e historiador! – que eu deveria abraçar. A leitura desse livro foi o passo que se seguiu às leituras e releituras de outro clássico (que, descobriria depois, mantinha uma grande proximidade com *Destinos Mistos*), o *Espetáculo das Raças*, de Lilia Moritz Schwarcz, texto fundamental nas minhas disciplinas de Antropologia Brasileira, na UFPB. Era isso que eu queria para mim: uma história social das ideias e dos intelectuais.

Feita, antes, a escolha da UNICAMP – e da residência em Piracicaba, com a mulher com que casaria dois anos depois, mãe da minha filha e, em seguida, minha colega na docência universitária, **Érika Marafon Rodrigues** – a escolha de Heloísa como supervisora da pesquisa de pós-doutorado foi meu grande acerto. Entretanto, creio que diferentemente do que costuma ser quando se faz um pós-doutorado, eu resolvi fazer de conta que, na realidade, estava fazendo o “meu doutorado em Antropologia”, que nunca tinha feito. Desta forma, minhas idas a Campinas, a Barão Geraldo, eram muito frequentes, inclusive para frequentar as aulas – não só de Heloísa, mas de outra extraordinária professora que me marcou de forma decisiva, **Suely Kofes**. Mas a frequência do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e do Departamento de Antropologia, me proporcionou conviver com pessoas que, antes mesmo daquela época e, claro, até hoje, são minhas referências intelectuais e pessoais e cuja importância na minha própria trajetória não posso medir suficientemente: **John Monteiro**, infelizmente falecido, **Silvana Rubino**, **Emília Pietrafesa Godoi**, tendo convivido com ela e com vários estudantes de mestrado e doutorado<sup>54</sup> no Centro de Estudos Rurais (CERES), **Guta Grin Debert**, **Bela Feldman-Blanco**, **Mauro Almeida** e aquela que viraria, a partir de um determinado ponto de virada da minha pesquisa, também a minha grande inspiradora e incentivadora, **Mariza Corrêa**, que também deixou uma imensa saudade. Fora do IFCH, dava-me ao luxo de entrar de vez em quando, ali ao lado, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), onde conhecia três pessoas marcantes: o professor **Francisco Foot Hardman** (que foi professor da UFPB

---

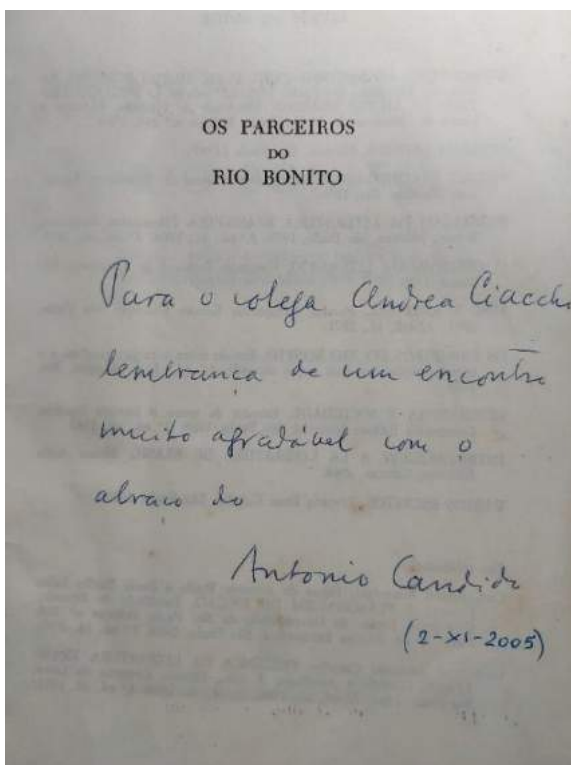
<sup>54</sup> Entre eles, lembro com afeto e gratidão, sobretudo **Senilde Alcântara Guanaes**, hoje minha colega na UNILA; **Mariana Chaguri**, **Nashieli Rangel Loera**, **José Carlos Pereira**, **Juliana Biondi Guanais** e um orientando da professora Heloísa, brilhante pesquisador de história intelectual e companheiro de interesse por Antonio Candido, **Rodrigo Ramassote**.

- e do DCS! - entre 1980 e 1987, mas que cheguei a conhecer e a frequentar - ler, eu lia desde que me entendo por “gente brasileira”, na primeira metade dos anos oitenta - só bem depois, em São Paulo) e a já mencionada **Maria Betânia Amoroso**, que fora minha professora de português em Roma. Também devo lembrar as oportunidades que tive, graças de novo a Heloísa, de conhecer e de compartilhar experiências com outro dos meus mitos bibliográficos, o prof. **Sergio Miceli** - já que não pude conhecer pessoalmente Pierre Bourdieu... Finalmente, devo mencionar aqui o convívio com um jovem doutorando da UNICAMP, **Cristiano Ramalho**, hoje professor na Universidade Federal de Pernambuco e, na minha opinião, o mais brilhante estudioso do campo da socioantropologia marítima que temos no Brasil. Disparado.

Não gostaria de deixar de lembrar os encontros que a me foram proporcionados pela proximidade entre Campinas e São Paulo. Lá, sobretudo na USP, pude contar com momentos de convívio com colegas como **Laura Moutinho** e **Fernanda Peixoto**. E, numa tarde na sala da ANPOCS dentro da Faculdade de Filosofia do campus da USP em Butantã, pude conhecer **Roberto Schwarz** - a quem fui apresentado como o tradutor italiano de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, o que me fez ganhar um aperto de mão muito firme e uma conversa agradabilíssima - e o professor e escritor **Modesto Carone**, que, muito generosamente lembrou e elogiou uma simples resenha do seu livro *Resumo de Ana*, que eu publicara anos antes num suplemento literário de um jornal de João Pessoa.



O meu Departamento e o CNPq renovaram meu afastamento e minha bolsa e esse período de ouro da minha vida acabou durando, assim, dois anos. Só posso falar das duas coisas mais importantes que aconteceram. A primeira, e fonte da segunda, foi em novembro de 2005. Leitor de Antonio Candido que eu sempre fui, sabendo da proximidade de Heloísa com ele, por causa também da sua pesquisa que originaria *Destinos Mistos*, o que me restaria, se não sonhar com um encontro com o mestre? Incentivadíssimo pela minha supervisora, assim foi: depois de um telefonema, encontro marcado, no apartamento do professor.



Como é frequente, fui lá com segundas intenções, embora eu não possa dizer, hoje, quais fossem as primeiras. Para deixar aos leitores a decisão, reproduzo aqui um parágrafo do meu livro - um oxímoro, na realidade: um livro inédito - sobre Gioconda Mussolini - sendo esta a segunda “coisa” mais importante do meu estágio de pós-doutorado:

Este trabalho representa o desdobramento de um eixo da minha pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida no Departamento de Antropologia da Unicamp, entre julho de 2005 e junho de 2007. O projeto inicial era dedicado ao delineamento dos elementos constituintes do campo da antropologia da pesca ou marítima, no Brasil, desde o começo do século XX. Entretanto, a

minha canoa, apesar de bem governada, sofreu um irreprimível desvio, sem, entretanto, ir à deriva.

Já conhecia, é claro, os artigos de Gioconda Mussolini dedicados à pesca, com os quais, inclusive, trabalhei com os meus estudantes na Universidade Federal da Paraíba. Mas uma conversa – encantadora, *ça va sans dire* – com o professor Antonio Candido, em novembro de 2005, determinou a mudança de rota. Uma mudança parcial, pois, em primeiro lugar, dedicar-se a reconstruir a trajetória de Gioconda e ler com mais cuidado os seus trabalhos seria tarefa coerente com os meus objetivos iniciais.

Pois foi isso: entre outras conversas, eu pedi que Antonio Candido me falasse de Gioconda Mussolini, que ele conheceu muito bem, inclusive por essa antropóloga ter sido colega de turma, na Faculdade de Filosofia, de sua mulher, dona Gilda. Conhecia, obviamente, o seu Prefácio para a edição dos *Ensaio de Antropologia indígena e caiçara*, volume organizado pelo Edgard Carone<sup>55</sup>, reunindo a dissertação de mestrado de Gioconda e quatro dos seus artigos principais sobre o litoral norte de São Paulo. Nele, Antonio Candido escrevera páginas que apresentavam a figura humana e intelectual de Gioconda Mussolini como ninguém fizera, até então. Muito resumidamente, sai da casa do mestre com a decisão tomada: a minha pesquisa de pós-doutorado seria *apenas* sobre Gioconda Mussolini e a sua trajetória.

A partir daqui, e tendo já chegado a escrever mais de noventa páginas deste Memorial, assumo o compromisso de ser mais sintético. Nos mais de quinze anos que se passaram daquela tarde de 2 de novembro de 2005, o que eu fiz em volta e sobre de Gioconda Mussolini tem sido, ao menos na minha percepção a coisa se não mais relevante a mais gratificante que fiz, no âmbito universitário. Nos dezoito meses que me separavam do final do meu afastamento da UFPB, levantei uma quantidade muito significativa de documentos, dados, informações, depoimentos,

---

<sup>55</sup> Esqueci de contar acima: conheci o professor Edgard Carone em 1984, em João Pessoa, onde ele fora dar uma palestra. Fomos apresentados e eu, que o conhecia de fama (mas ainda não tinha lido os seus trabalhos), me apressei em contar que eu era um “comunista italiano”. Ouvindo isso, minha futura orientadora me alertou para que, estando “ainda” no governo Figueiredo, não seria prudente fazer tanto alarde das minhas opções políticas, ainda mais sendo estrangeiro... Infelizmente, nunca mais tive contato com o professor, embora sentisse muita necessidade de uma conversa com ele quando, cerca de 20 anos depois, estava eu às voltas com o “mistério” da tese de Gioconda Mussolini desaparecida – pois todos os meus informantes me diziam que a última pessoa a manuseá-la tinha sido o professor Carone. Por sorte (minha), a competência de Heloísa Pontes conseguiu localizar os originais no IEB, ao qual foram doados justamente pelo professor, amigo muito próximo de Gioconda. Edgard Carone faleceu em 2003.



de forma que, hoje, fora dois ou três questões pontuais, creio que boa parte da trajetória de Gioconda Mussolini, a sua posição na antropologia brasileira (*tout court*, não só na antropologia de tema marítimo), as intrincadas e conflituosas relações – de gênero e de poder, inclusive – em que ela esteve enredada, estão bem razoavelmente visíveis. Tendo entrevistados quase todos os seus ex-alunos<sup>56</sup> que continuaram a atuar nos campos intelectuais do Brasil, tendo tido acesso a praticamente toda a documentação oficial mantida na USP, onde ela esteve vinculada, como estudante e professora, de 1935 a 1969, tendo tido acesso, finalmente (e graças a uma intuição de Heloísa Pontes!) à sua tese de doutorado, não defendida, que está guardada no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pude produzir uma quantidade que também julgo importante, de trabalhos sobre ela e os seus contextos institucionais e intelectuais. Em ordem cronológica, de novo:

- Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. *Revista de Antropologia* (São Paulo), v. 50, p. 181-223, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27260>
- Uma leitura crítica dos estudos de comunidade no Brasil: apresentação ao texto de Gioconda Mussolini. *Cadernos de Campo* (USP), v. 18, p. 281, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45608/49207>
- Apresentação do Dossiê: Gioconda Mussolini. *Revista de Antropologia*, v. 58, p. 6-9, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108517/107399>
- Organização e notas ao capítulo inédito da tese de Gioconda Mussolini, 'Organização Econômica'<sup>57</sup>. *Revista de Antropologia*, v. 58, p. 10-37, 2015.

---

<sup>56</sup> Lembro os que me colaboraram da forma mais efetiva e, muitas vezes, afetiva: **João Baptista Borges Pereira, Ruth Cardoso, Eunice Durham, Amadeu Lanna, Heloísa Fernandes, José de Souza Martins** e, sobretudo, **Antonio Augusto Arantes**, que foi bolsista de IC da Gioconda, no finalzinho da vida dela e no comecinho da carreira dele.

<sup>57</sup> Vale lembrar que se trata do único trecho da tese de doutorado de Gioconda Mussolini que se torna público. A escolha foi direcionada à tentativa de mostrar o “tom” teórico-metodológico do seu trabalho e, ao mesmo tempo, a relevância do que ela estava pronta para defender, se não fossem as questões que a impediram – e que trato com mais ênfase e menos reticências na “apresentação” do mesmo Dossiê.

Disponível

em:

<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108513/107671>

- Do desembarque do navio ao embarque na canoa: Gioconda Mussolini, 1886-1938. *Revista de Antropologia*, v. 58, p. 69, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108512/107403>
- Mestrança: Gioconda Mussolini e a Antropologia em São Paulo (1938 - 1969). *Tempos Históricos* (EDUNIOESTE), v. 19, p. 153-186, 2015. DOI: <https://doi.org/10.36449/rth.v19i1.11829>

Além disso, pode ser interessante para alguém acompanhar uma [entrevista](#) em que eu narro boa parte dessa minha história “com” Gioconda Mussolini – no canal Youtube da UNILA<sup>58</sup> (clcando na imagem):



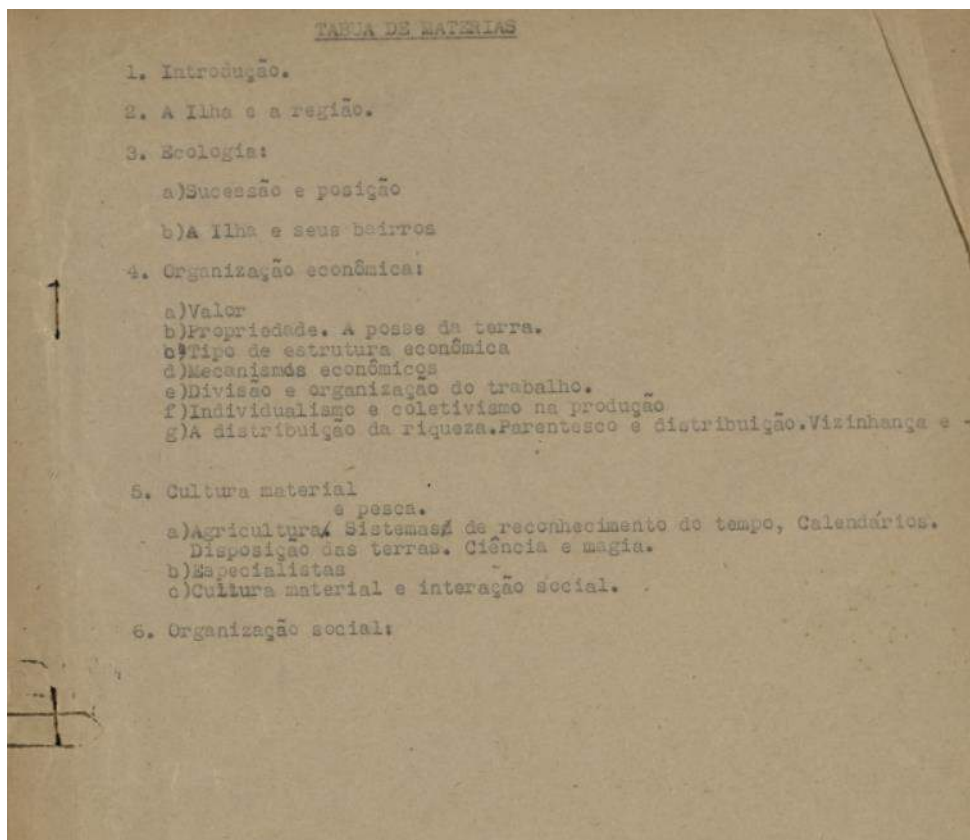
E, naturalmente, o tal livro, com cerca de 250 páginas, algumas das quais aproveitadas nos artigos mencionados acima, os quais, por sua vez, em alguns casos, também se originaram de trabalhos apresentados em eventos dos quais participei logo depois do final do pós-doutorado: na ANPOCS, nas Reunião brasileiras de Antropologia, inclusive da região norte-nordeste, e do Mercosul, onde também, sempre depois da minha volta da UNICAMP, na companhia de alguns colegas, entre os quais quero lembrar, sobretudo, **Ronaldo Lobão** (UFF) e **Brián Ferrero** (Conicet), coordenei Grupos de Trabalho tendo a antropologia marítima e os estudos sobre pesca artesanal como foco temático. No mesmo

---

<sup>58</sup> Clicando na imagem.

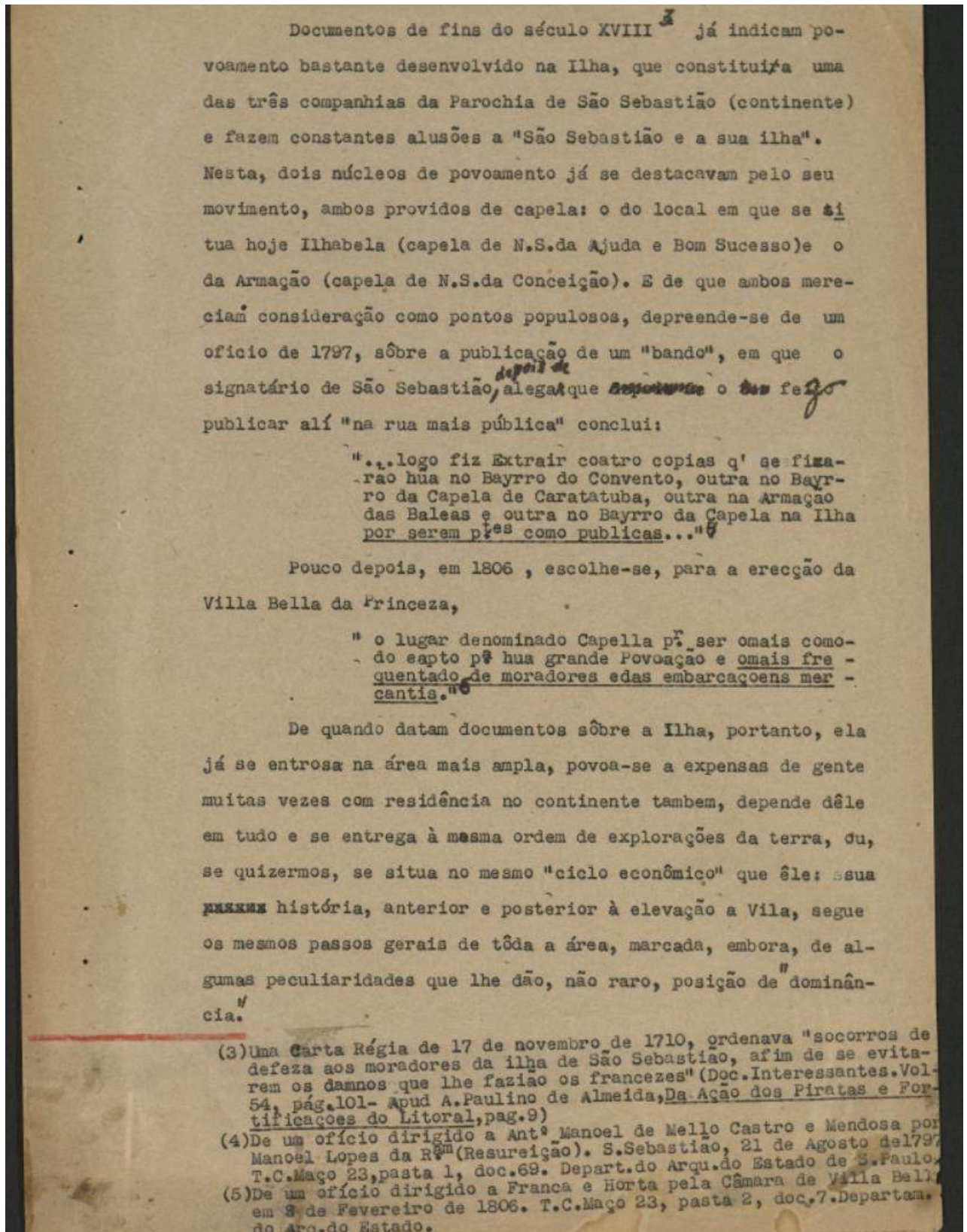
período, também coordenei um GT na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia que foi realizada em Goiânia, compartilhando essa tarefa com uma amiga e colega conhecida havia cerca de vinte anos, a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte **Julie Cavignac**, que curiosamente também havia iniciado a sua relação antropológica com o Brasil estudando a literatura de folhetos.

Para finalizar este capítulo, lanço aqui a minha única autoavaliação menos autocrítica: sinto que o trabalho desenvolvido até aqui em volta da trajetória de Gioconda Mussolini e que ainda deve render a publicação dos materiais relativos à sua tese de doutorado (nos quais estamos nos debruçando eu e um bolsista de Iniciação Científica da UNILA, **Acauã Allende Silva Capucho**, morador de Ilhabela, ou seja justamente do lugar onde se desenvolveu quase toda a atividade etnográfica de Gioconda) é algo que talvez possa ser considerado de valor e, sobretudo, de serventia – ainda que polêmico<sup>59</sup> – para a releitura da história da antropologia feita no Brasil.



<sup>59</sup> Uma série de mal-entendidos, grandes e pequenos, fez com que em 2014 eu resolvesse não continuar membro da Associação Brasileira de Antropologia, à qual pertencia desde 200, inclusive integrando a sua Comissão de Direitos Humanos, entre 2005 e 2009, a convite do professor **Roberto Kant de Lima**, vice-presidente da entidade, à época, quando o presidente era o professor Luís Roberto Cardoso de Oliveira.

### Uma das folhas da pasta com a tese de Gioconda Mussolini.



### Uma outra folha da tese de Gioconda Mussolini.

. 8 .

full time. Não existe indivíduo na Ilha que se entregue unicamente a uma especialidade ou um bairro que se especialize num dado produto comercial com exclusão das demais atividades. Os fazedores (de preferência mulhe- res) ~~de rês~~ localizam-se nas vizinhanças dos "entralhadores" e como ~~na~~ geral qualquer pessoa sabe tecer rês, é esta oportunidade aproveitada. Os entralhadores de cêrco se localizaram por muito tempo nas vizinhanças do Sombrio e pela Baía dos Castelhanos, embora hoje estejam se disper- sando pela solicitação que lhe é oferecida até em outros pontos do Es- tado. Os Bairros de Armagão, Praia do Pinto e Rabo Azedo, onde se acumu- lam muitos descendentes de japoneses, especializam-se na salga de pei- xe, uma das reais especializações da ilha, ao lado da agudente, e que são mandadas para outros pontos do Estado. A produção das ~~xtax~~ salgas po- de-se dizer mesmo que hão se destinam ao ~~xtax~~ consumo local e é toda enviada para o interior do Estado, onde imigrantes japoneses consóem o peixe (que ao ~~pocú~~ vai se introduzindo na dieta nacional) preparádo de uma forma especial, com secagem em estufas que lhes dá a impressão de verdadeiras pedras polidas.

A visão mais nítida que se tem da ilha em matéria de comércio ~~interio~~ é de algo fraccionage, pequeno, flutuante. Contudo, há gêneros que impreterivelmente ~~se usam~~ <sup>se usam</sup> local; outros que estão sendo sub- stituídos nos últimos anos, com uma venda mais promissora de produtos de fora; outros que sempre foram de fora. Entre os primeiros estão todos os apetrechos relativos à pesca (tráfico), com exceção, ultimamente, das rês para a construção das "traínas" ou "traineiras" que são feitas à máquina em fábricas de S. Paulo (80 cruzeiros o metro), embora o entralhe seja feito na Ilha. <sup>no S. Paulo mesmo</sup> No mais, à exceção dos barcos de pesca (e mesmo des- se alguns são construídos na própria Ilha) tudo o que se refere à pesca é feito no local (canoas, remos, rês, etc). Contudo, difícil é localizar- se os especialistas num único ponto. Comumente se ouve, por exemplo, que o pessoal do Perequê é danado e sabe fazer de tudo. Ali se encontram os especialistas em todas as artes, inclusive os conheçores dos deveres sagros, das danças tradicionais e das modas de viola.

Dentro do padrão ecológico que preside às constantes trocas entre os vários pontos da região, estabelecem-se uma porção de padrões menores. O Centro está longe de ser centralizador. Uma multiplicada de relações se estabelecem entre os vários pontos da Ilha e entre êsses e o litoral fronteiro, de que o Centro nem sequer toma conhecimento. Por exemplo,

**Mais uma.**

## 5. Caminhos e Fronteiras. 2010-2022

De volta a João Pessoa e à UFPB, tentei aproveitar da melhor maneira aquilo que o pós-doutorado me havia proporcionado. Minhas aulas, inclusive nos mestrados e doutorados ganharam um “jeito UNICAMP” e, na graduação, fui aprimorando as opções de abordagem, sobretudo, da antropologia brasileira. E, na orientação de estudantes, também procurei imprimir um impulso mais maduro. Além dos resultados oriundos da pesquisa sobre Gioconda, publiquei alguma coisa que ainda leio sem sentir muita vontade de reescrever tudo:

- Gramsci, o 'folclore' e o dia 22 de agosto: observações impertinentes. *Filosofia e Educação*, v. 2, p. 66-82, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635524>
- Era uma vez a teoria: reflexões sobre Antropologia e Narrativas. *Graphos* (João Pessoa), v. 12, p. 24-31, 2011. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10906>

Mas, por volta de 2009, uma tentativa malsucedida (talvez por ter sido mal planejada por mim) de ser redistribuído para uma outra universidade federal, no Estado de São Paulo, onde morava minha mulher, causou uma série de “acidentes” de relacionamento, no meu departamento (onde eu estava já havia quase dez anos), que tiveram consequências muito negativas. Como julgo que um Memorial – e não só a memória – pode ser seletivo, não vou abordar isso, aqui. Mas o resultado foi forte. No começo de 2010, em um novo processo, desta vez bem armado desde o começo, consegui ser redistribuído para a Universidade Federal do Pará, sendo lotado na Faculdade de Letras (FALE). Sem também entrar em detalhes, essa opção (de fato, muito mais distante de São Paulo, para onde queria mesmo ir), esteve ligada a um pensamento que tinha como prioridade sair da UFPB, o mais rapidamente possível, custasse o que custasse. O processo foi facilitado, tanto no planejamento como na execução, por um amigo e colega, que havia sido meu aluno no PPGL da UFPB, porém orientado por Maria Ignez, o agora professor **José**

**Guilherme Fernandes**, também um pesquisador de mão cheia, com trabalhos dedicados às culturas populares da Amazônia oriental, entre outros temas. A minha passagem pela UFPA foi breve, como se verá, mas me permitiu ao menos duas pequenas conquistas. Em primeiro lugar, estando novamente lotado numa estrutura dotada de um curso de Letras, voltei a dar aula de literatura: de teoria, de metodologia, de literatura brasileira contemporânea e uma disciplina com um nome acertadíssimo: “Formação da Literatura Brasileira”. Por outro lado, juntamente com José Guilherme, aliás sob a sua liderança, formatamos uma proposta de criação de um novo Programa de Pós-Graduação, a funcionar no campus de Bragança, a cerca de 200 quilômetros a leste da capital. O Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia foi aprovado pela CAPES e funciona até hoje, aglutinando docentes e pesquisadores das áreas de letras, história e educação, produzindo trabalhos de excelente qualidade. Mas não tive tempo de atuar nele, pois a vontade de me reunir com a minha mulher falou muito mais alto.

A oportunidade veio através de uma dupla coincidência: a aprovação de Érika no concurso para professora efetiva no campus de Realeza (sudoeste do Paraná) da nova Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), e a criação, em Foz do Iguaçu, a relativamente pouca distância da pequena Realeza, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Em meados de 2010, a UNILA já estava criada, no papel, mas estava ainda recrutando o seu corpo docente, tanto por concursos (seja para professores efetivos seja para visitantes) quanto através de redistribuições ou outros tipos de cessões. Uma série de felizes coincidências fez com que o meu currículo chegasse nas mãos do mentor principal e primeiro reitor *pro tempore* da UNILA, o professor Helgio Trindade. Um dia, enquanto dirigia no trânsito de Belém, voltando de uma aula na UFPA, recebi um telefonema do professor Helgio. Estacionei e ele me sabatinou por um bom tempo. Devo ter conseguido causar uma boa impressão, pois, no final da conversa, veio o convite a dar entrada no novo processo de redistribuição. Foi constrangedor informar os meus novos colegas da UFPA - e o bom José Guilherme, em particular, - que a minha passagem por lá duraria apenas pouco mais de um semestre. Mas, seja como for, em setembro desse mesmo ano de 2010 eu estava na UNILA, pronto para uma nova experiência, essa,

sim, completamente diferente de todas as demais.

Vale dizer, desde já, que falar desta última etapa da minha trajetória, ou seja, dos anos de 2010 para cá, na UNILA, é bem mais difícil do que tem sido todo o resto, até agora. Não há distanciamento, nem cronológico nem emocional, de forma que o timbre e o volume das minhas lembranças tornam elas, mais do que lembranças, reflexões em tempo real, ora positivas, ora negativas – e não é isso, creio, que se espera de um Memorial. Serei, portanto, a partir de agora, muito mais seletivo. Paradoxalmente, não lembro de tantas coisas do “passado” que eu gostaria de lembrar (e de relatar aqui) ao passo que lembro até bem demais de coisas muito recentes ou mesmo atuais, que gostaria de omitir.

Também, não posso omitir que foi graças à UNILA, e “na” UNILA, que alcancei, com Érika, a plenitude que me completa, em julho de 2011, menos de um ano depois da minha chegada a Foz do Iguaçu: nasceu **Maria**, nossa filha, a pequena grande magnificência da nossa vida.

\* \* \*

Minha vinda para a UNILA tinha como objetivo principal integrar o corpo docente de um dos cursos que seriam criados – o bacharelado em Antropologia. Quando cheguei, só havia seis cursos de graduação funcionando, aliás havia apenas um mês, com cerca de 200 estudantes – brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios. Como se sabe, a proposta da nossa universidade é ter 50% do seu corpo docente oriundo de outros países da América Latina e do Caribe, e também a mesma porcentagem para o seu corpo docente. Todas as atividades (menos aquelas que tem por interlocutores órgãos oficiais do governo brasileiro) e o seu dia-a-dia são bilíngues<sup>60</sup>. Ao longo dos anos, entre erros e acertos, ora com o apoio do MEC e

---

<sup>60</sup> Sugiro duas leituras coevas à sua criação: CORAZZA, Gentil. A UNILA e a integração latino-americana, *Boletim de Economia e Política Internacional*, n. 3, pp. 79-88, 2010 e RICOBOM, Gisele. A Integração Latino-Americana e o Diálogo Intercultural: Novas Perspectivas a Partir da Universidade, *Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais*, Curitiba, n. 12, pp. 356-367, 2010. Para uma leitura mais recente, um primeiro balanço, escrito por um dos seus reitores, o colega e amigo **Gustavo Oliveira Vieira**: Vieira, Gustavo Oliveira. UNILA: do conceito à concretude (2010-2018). In:



do governo federal do Brasil, ora com a sua aberta hostilidade, a UNILA cresceu e, hoje, segundo dados que ela mesma fornece, possui 29 cursos de graduação, entre licenciaturas e bacharelados, e 12 programas de pós-graduação. Até final de 2019, contávamos com estudantes de trinta e duas nacionalidades diferentes:

**Tabela 1:** Matrículas na graduação por nacionalidades, de 2011 a 2019.

País	Nº	País	Nº	País	Nº	País	Nº
Angola	1	R. do Congo	1	Haiti	150	El Salvador	35
Argentina	148	Colômbia	377	Guiné B.	4	Peru	206
Barbados	1	Costa Rica	10	Japão	1	Uruguai	99
Benin	1	Cuba	17	Honduras	8	Venezuela	87
Bolívia	145	Rep. Dominicana	9	México	10	Paquistão	1
Brasil	6128	Equador	128	Nicarágua	6	França	1
Chile	89	Gana	2	Panamá	7	Rússia	1
China	3	Guatemala	4	Paraguai	800	Síria	1

FONTE: Dados disponibilizados pela Ouvidoria da Unila em 06/01/2022.



**O reitor, Helgio Trindade e a primeira turma da UNILA, em 2010.** Fonte:

Axel Didriksson (coord.). *Inclusión y calidad. La experiencia de las nuevas universidades en América Latina*. Azogues (Ecuador): Universidad Nacional de Educación de Ecuador, 2018, p. 57-68. Disponível em: <http://repositorio.unae.edu.ec/bitstream/123456789/1365/1/InclusionyCalidad-55-3.pdf>

<https://portal.unila.edu.br/institucional/historia-unila>

Enquanto o curso de Antropologia não era criado, comecei a dar aula de uma das disciplinas “identitárias” da UNILA: “Fundamentos da América Latina”, parte do “ciclo comum” para todos os cursos de graduação. Minha contribuição focava os vários aspectos (e as várias formas de abordá-la) da “diversidade cultural latino-americana”, aliás, sendo esta expressão o “subtítulo” do curso de Antropologia, que, afinal, receberia a sua primeira turma em 2011. Junto aos colegas<sup>61</sup> que foram chegando, por concurso, quase todos à sua primeira experiência docente numa universidade pública, e com o apoio de duas professoras visitantes de grande experiência, Mireya Suárez (UnB) e **Rita Segato** (então também na UnB), construímos um Projeto Político-Pedagógico<sup>62</sup> e uma Matriz Curricular que, bem ou mal, vêm sustentando (ao lado do nosso próprio trabalho, com os acréscimos de novos colegas que têm chegado) há mais de dez anos uma proposta generosa, ousada mas, ainda, cheia de dilemas de complexa resolução.

Mas, enquanto trabalhávamos no PPC do curso de Antropologia e eu lecionava Fundamentos da América Latina, fui investido de uma responsabilidade provavelmente maior. Fui, durante alguns meses, pró-reitor adjunto de Extensão (o que me proporcionou uma nova e derradeira participação num fórum de pró-reitores, tendo a alegria de rever vários “do meu tempo”), mas, sobretudo, desde abril de 2011, passei a ocupar o cargo de pró-reitor de pesquisa e pós-graduação. Participei, portanto, da primeira equipe que administrou a institucionalização da UNILA, sob o comando do reitor *pro tempore*, Héglio Trindade. Com pouquíssimos colaboradores, com uma quantidade assustadora de desafios e tarefas, num contexto em que, fora o próprio reitor, quase ninguém tinha experiências pregressas nem na docência nem na própria gestão e, sobretudo, com relações muito tensas com o próprio reitor, creio que consegui prestar uma discreta colaboração em alguns aspectos – sobretudo na implementação do primeiro programa de Iniciação Científica e dos primeiros Programas de Pós-Graduação da

---

<sup>61</sup> Senilde Guanaes, Danielle Michelle Araújo, Angela de Souza, Antonio de la Peña García.

<sup>62</sup> Disponível aqui: <https://portal.unila.edu.br/graduacao/antropologia/ppc>

UNILA, mas, em junho de 2013, fui exonerado meio sumariamente. Nesse período, a UNILA se dotou da sua identidade oficial, aprovando o seu Estatuto e o seu Regimento Geral. Documentos certamente inovadores, como se convinha a uma universidade que nasceu com uma proposta muito diferenciada, mas que talvez merecessem algum reparo para otimizar e tornar mais fluida e leve a sua gestão cotidiana que, hoje, depois de quase doze anos, apresenta vários percalços.

Seja como for, acabei eu mesmo me envolvendo também na formulação e na criação do primeiro PPG da UNILA, o “Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos” (IELA), no qual atuo portanto desde 2013, tendo sido também o seu coordenador, por um mandato de dois anos (2015-2017) e tendo orientado várias excelentes dissertações. Desde 2016 também tenho atuado no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Em ambos, de forma bastante semelhante àquilo que eu fazia quando, na UFPB, me “dividia” entre os Programa de Letras e de Sociologia, busco uma atuação integrada, focando sobretudo em disciplinas e projetos relacionados à história intelectual e das ideias. A experiência, ainda em pleno andamento, tem sido muito gratificante e enriquecedora.

Nesses dois programas, de forma análoga ao que aconteceu na UFPB, tive o privilégio de acompanhar, como orientador (às vezes quase sem necessidade de intervenção), algumas pesquisas muito originais e válidas. Correndo o risco de cometer injustiças, gostaria de citar, aqui, as de **Soraya Jebai, Hugo Quinta** (ambas sobre trajetórias intelectuais na Argentina), **Victor Eduardo Pacheco Garrido** (sobre uma comunidade de pesca artesanal no Chile), **Melba Velázquez** (sobre música popular do México e do Paraná), **Jean Carlos Ramos Ribeiro** (sobre *libretti* de óperas brasileiras do século XIX), **Isadora Alves Flores** (sobre crimes na imprensa carioca no começo do século XX), **Maíra Costa Gamarra** (sobre fotografia latino-americana), **Camila González Caro** (sobre diálogos pedagógicos no contexto da “pacificação” colombiana), **Diana Corradine Montealegre** (sobre dramaturgia colombiana também no contexto do conflito armado), e **Sara Martins Ramos** (sobre Stella do Patrocínio). E, com muito interesse, também, exerci a supervisão de pós-doutorado de **Fernanda Maidana**, hoje professora na *Universidad Nacional de la Terra del Fuego, Antártida e Islas del Atlántico Sur* (que, portanto, trocou o calor tórrido de Foz do Iguaçu pelo gelo austral...).

Finalmente, e pelo avesso cronológico, gostaria de destacar a primeira antropóloga formada na UNILA. **Francesca Repetto Iribarne**, uruguaia, que com a minha orientação, em 2015, defendeu o nosso primeiro TCC, dedicado à reemergência étnica charrúa. Posteriormente, ela aprofundou a mesma pesquisa no Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, chegando a vencer o prêmio ANPOCS de melhor dissertação de mestrado em Antropologia, em 2018. No mesmo Programa está agora finalizando o seu doutorado e logo será a mais brilhante antropóloga de Uruguai. Vale também lembrar que apesar de tantas dificuldade, o nosso bacharelado em Antropologia já formou cerca de 50 estudantes, a maioria dos quais já passou ou está passando por mestrados e/ou doutorados, no Brasil e em outros países da América Latina.

Por outro lado, de alguns anos para cá, a UNILA (suponho que mais intensamente do que outras instituições brasileiras, ainda que talvez de maneira menos... consciente) tem sido atravessada pela onda descolonial ou descolonizadora, o que tem me causado, evidentemente, algum pequeno embaraço. Como europeu e como marxista, ou seja, ainda propondo caminhos e pressupostos metodológicos apelidados como “eurocentrados”, embora até agora sem sofrer grandes hostilidades pessoais, tenho me debruçado sobre essas questões. O resultado das minhas reflexões é ainda em elaboração e processamento, de maneira que eu não me sinto autorizado a comentar nada, aqui.

Mas, por outro lado, é verdade que apesar dessa minha “etnicidade” (que, para dizer a verdade, não costuma aparecer muito, inclusive para as pessoas que me frequentam), eu tenho me debruçado com muito entusiasmo sobre autores, obras, questões, processos e práticas latino-americanos: antes como antídoto ao excessivo “brasilianismo” da própria UNILA do que para disfarçar a minha origem intelectual e geográfica. Dessa forma, por exemplo, tenho me “apropriado” (sem resistência dos meus colegas) da única disciplina latino-americana” da matriz curricular do nosso curso - *Pensamento Antropológico na América Latina* - e, esquecida (parcialmente) Gioconda Mussolini, tenho me concentrado em atividades de pesquisa e em publicações sempre de alcance latino-americano (e não só brasileiro). O exemplo que mais me agrada é o pequeno repositório que criei em 2014: “Antropolatina”: <https://sites.google.com/view/antropolatina2>. Base de

muitas atividades didáticas minhas, dos nossos alunos e de alguns colegas, esse portal conseguiu, também, ser uma ferramenta para esse longo período de ensino remoto.

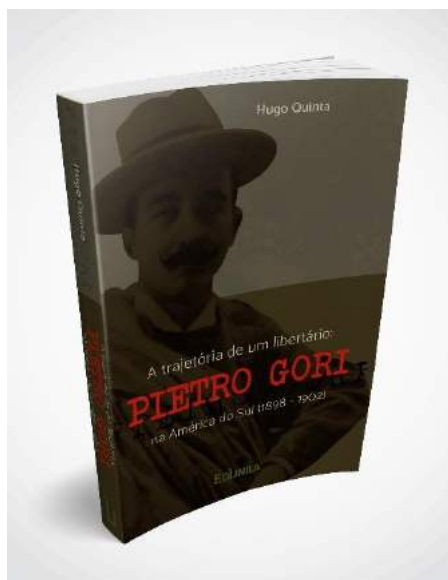
Para tentar implantar na prática algumas ideias surgidas na esteira dos “debates” descoloniais, sem esconder que elas também são provocações, que faço a mim mesmo, a alguns dos meus colegas e, sobretudo, aos estudantes, tenho me aproveitado da pandemia e do ensino “remoto” a que ela nos obrigou. Assim, no semestre mais recente, às voltas com três turmas diversas, de quatro disciplinas como “Introdução ao Conceito de Cultura” (obrigatória para os estudantes do bacharelado em História), “Introdução à Antropologia” (para calouros de Antropologia), “Fundamentos de América Latina” (para alunos de quase todos os cursos da UNILA) e “Literatura e Antropologia” (optativa para o Mestrado em Literatura Comparada<sup>63</sup>), não podendo (nem querendo) recorrer a aulas *online*, síncronas, usei um conjunto de ferramentas (sistema de gestão acadêmica - SIGA, e-mails, whatsapp e uma página web alimentada justamente pela interação com os estudantes. O resultado, devo dizê-lo, foi muito acima das minhas expectativas, ainda que ainda não possa ser definido ótimo. Para registro, o resultado, ainda em processo de qualquer forma, está aqui: <https://sites.google.com/view/antropologia-unila-2021>

Teve, também, algo relevante e interessante, antes da pandemia. Em setembro de 2017, o novo reitor *pro tempore*, Gustavo Oliveira Vieira, me convidou para ser Diretor da Editora Universitária - a EDUNILA. Esse setor, muito jovem, evidentemente, e com um número reduzidíssimo de servidores, com também imensos desafios e problemas, por ter recebido pouca atenção nas gestões anteriores, acabou me proporcionando a mais prazerosa de todas as minhas experiências administrativas. Contando com um “corpo” técnico (melhor seria usar o termo cabeças!) de excelente qualidade e disposição (**Nelson Figueira Sobrinho, Natalia de Almeida Velozo, Francieli Padilha Bras Costa, João Abner Santos Bezerra, Edson Thomas**), pude resgatar a minha antiga “vocação” de editor

---

<sup>63</sup> Desta disciplina, compartilhada com dois colegas da maior qualidade humana e intelectual como **Regina Machado e Silva** e **José Ignacio Monteagudo Robledo**, só fiquei responsável por quatro aulas, que dediquei a Lima Barreto, Antonio Candido, Mário de Andrade, José María Arguedas e Antonio Cornejo-Polar.

de livros, surgida sobretudo aos tempos da Biblioteca del Vascello, mas sempre alimentada de uma relação de paixão com os objetos bibliográficos.



**Um dos livros editados durante a minha passagem pela direção da EDUNILA.**

Minha gestão foi interrompida, por minha decisão, em dezembro de 2018: no final daquele mês, junto com nossa filha, Maria, já com 8 anos de idade, Érika e eu embarcaríamos para Roma, para realizarmos os nossos estágios de pós-doutorado<sup>64</sup>. Desta vez, junto à universidade onde havia me formado quase quarenta anos antes, *La Sapienza* e, no meu caso, tendo por supervisor um professor que havia sido autor uma das minhas primeiras leituras na minha antiga graduação em antropologia, **Vicenzo Padiglione**, ligado, teórica e metodologicamente, ao próprio Cirese, embora alguns anos mais jovem. Há vários anos, ele tem se dedicado a estudos relacionados a patrimônio, museus e história da antropologia, de forma que me pareceu mesmo ser a pessoa mais indicada para contribuir com o meu projeto de pesquisa: “Objetos etnográficos e ideias antropológicas: relações científicas entre Itália e América do Sul (1850-1930)”.

---

<sup>64</sup> Vale mencionar o nome da pessoa que me substituiu na direção da editora: o colega colombiano **Mario René Rodríguez Torres**, jovem, competentíssimo e que acabou fazendo uma gestão ainda mais plena e vitoriosa!



**Vincenzo Padiglione.** Fonte: <https://secarte.ufsc.br/museu-em-curso-antropologo-padiglione-aborda-patrimonio-cultural/>

Mas, por vários motivos (entre os quais os próprios costumes acadêmicos italianos, que não contemplam o hábito de frequentar cotidianamente os locais das universidades, a natureza do meu projeto, que pôde se beneficiar da contribuição de materiais disponíveis em arquivos digitais, e, talvez, também, o fato de eu estar de volta à casa onde nasci, justamente acima da placa LAMBERTO LORIA - ETNOLOGO), eu não tive contatos muito intensos com o supervisor - que, mesmo assim, me forneceu apoio e indicações preciosos dos quais me beneficiei, como se verá nas publicações oriundas desse projeto.

Tive muita sorte e muito tempo à disposição (em detrimento, porém, de voltar a percorrer os lugares mais inspiradores da história e da arte do meu país, em companhia da minha família) e, assim, acabei com uma safra até razoável de

publicações propiciadas pelos doze meses romanos:

- **Ensinar (História da) Antropologia no Brasil: um ensaio bibliográfico latino-americano.** *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, p. 351-376, 2019<sup>65</sup>.  
DOI: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.23912>
- **A participação italiana nas primeiras décadas do movimento americanista (1890-1946).** *Intelligere*, p. 52, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2019.158135>
- **Luz, Câmera, Missão: Etnografias visuais de Salesianos italianos na América do Sul.** *Habitus*, v. 17, p. 476, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/7487>
- **Botânico, ma non solo: a viagem de Luigi Buscalioni na Amazônia em 1899.** *Escritas do Tempo*, v. 1, p. 226-246, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v1.i3.20192020.226246>

Indiretamente, também está ligado aos interesses nas relações entre Itália e América Latina este artigo, publicado pouco mais de um ano depois da nossa volta ao Brasil:

**Desenhar e (D)escrever: integração de história da arte e pensamento social na América Latina (século XIX).** *Cadernos PROLAM/USP* (Online), v. 20, p. 74-94, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182111>

---

<sup>65</sup> Este artigo, na realidade, não é resultado do projeto de pesquisa relacionado ao pós-doutorado, mas foi redigido em Roma, justamente tendo tempo à disposição para sistematizar algumas discussões com estudantes de graduação e pós-graduação da UNILA e da minha própria cobrança para me ampliar em perspectiva latino-americana os meus interesses em história da antropologia.



E, finalmente, quase completamente inesperado, saiu também em 2021 um artigo que possui três características interessantes: é o único que publiquei em língua italiana, é o desdobramento de uma monografia produzida para ser avaliado numa atividade do doutorado em Bolonha, cerca de trinta anos antes, e foi produzido em parceria com uma colega italiana – Mariateresa Dellaborra – que eu não cheguei a conhecer pessoalmente, especialista em historiografia musical do século XVIII, que enriqueceu magnificamente um caso curioso:

**Antonio da Costa compositore e commentatore della scena musicale italiana settecentesca.** *Fonti Musicali Italiane*, v. 25, p. 33-59, 2020. Disponível em: <https://www.sidm.it/ojs/index.php/fmi/article/view/1044> e, em acesso aberto, em: [https://www.researchgate.net/publication/351579264\\_Antonio\\_da\\_Costa\\_compositore\\_e\\_commentatore\\_della\\_scena\\_musicale\\_italiana\\_settecentesca](https://www.researchgate.net/publication/351579264_Antonio_da_Costa_compositore_e_commentatore_della_scena_musicale_italiana_settecentesca)

\* \* \*

### *Dulcis in fundo*

Com esta expressão “pseudolatina” (na realidade inventada, não se sabe por quem nem quando), costuma-se entender que a sobremesa, doce, vem ao final de uma refeição. Uso-a, aqui, assumindo a autoironia, para encerrar esse longo relato com algo não só “doce”, mas relacionado mesmo à alimentação.

Desde 2005, como já mencionei, venho compartilhando minha vida com Érika Marafon Rodrigues, que em 2007 também acrescentou o meu sobrenome aos dela. Esse compartilhamento não demorou a incluir também os aspectos acadêmicos da nossa vida. Nutricionista, mestra pela UNICAMP, iniciou a sua carreira docente poucos meses depois do início do meu estágio pós-doutoral na mesma instituição campineira. Em 2008, ingressou no doutorado em Educação, ainda em Barão Geraldo, desenvolvendo uma pesquisa ligada à história das políticas de educação em Saúde no Brasil. Desde então, e mais a partir da sua chegada à UNILA, as nossas atividades se aproximaram, especificamente num terreno comum, o das culturas e

dos hábitos alimentares, em forte ligação com a antropologia da alimentação.

Assim, quando em 2013 o CNPq contemplou com um financiamento o projeto que ela submeteu – Culturas alimentares na América do Sul: memória, diversidade e soberania<sup>66</sup> – eu logo me associei à equipe que ela coordenava, formada sobretudo por estudantes dos dois cursos da UNILA onde ela atua: Saúde Coletiva e Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar. Na conclusão do projeto, foi criado o **Núcleo de Pesquisa, Extensão e Ensino em Segurança Alimentar e Nutricional** da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (NUSSEAN), um espaço de referência, para muitos estudantes de vários cursos da universidade, equipado com os recursos do CNPq. O outro produto relevante do projeto foi o e-book com o mesmo título do projeto – *Culturas alimentares na América do Sul: memória, diversidade e soberania* – que foi aprovado pelo Conselho Editorial da EDUNILA e se encontra atualmente (abril de 2022) em fase de produção para ser publicado ainda neste semestre.

Mas a rede de pesquisadores e extensionistas que, a partir do Ministério de Ciência e Tecnologia (desde o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff), veio se formando, desenvolvendo ações de grande relevância no âmbito da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN), inclusive em perspectiva latino-americana, não parou de se expandir e de conseguir novos apoios e recursos. Isso gerou, em 2018, o convite que o próprio MCTI dirigiu a Érika para que, criando agora um centro de referência regional mais amplo e articulado, conseguisse envolver parceiros no resto da região Sul do Brasil e nos demais países latino-americanos. Outros quatro centros análogos seriam criados nas outras quatro

---

<sup>66</sup> “Esta proposta visa abordar aspectos relevantes da discussão teórica, política e metodológica sobre soberania e segurança alimentar e nutricional, e das práticas que visem a sua obtenção, através de medidas que articulem os saberes acadêmicos e os conhecimentos populares. Os seus objetivos gerais são: Consolidar a temática da Segurança Alimentar e Nutricional na agenda temática e política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana; Criar e consolidar o Núcleo de Pesquisa, Extensão e Ensino em Segurança Alimentar e Nutricional da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, agregando pesquisadores atuantes em várias disciplinas e contextos educacionais, e inserir esse Núcleo em redes acadêmicas e políticas de SAN na América do Sul; Promover ações de pesquisa e extensão que articulam os saberes acadêmicos e os conhecimentos populares; Promover a formação de recursos humanos altamente qualificados, na área de segurança alimentar e nutricional. Os seus objetivos específicos são: Registrar e organizar os saberes e as práticas alimentares de países da América do Sul, incluindo as que encontram nas realidades da sua diversidade étnica e cultural, a partir dos conhecimentos e das experiências dos estudantes da UNILA e das suas famílias; Organizar e editar um e-book (livro em formato eletrônico) dedicado à cultura alimentar da América do Sul, em português e em espanhol; Envolver atores da sociedade civil da região de Foz do Iguaçu (incluindo as cidades fronteiriças, na Argentina e no Paraguai), na criação e no desenvolvimento das atividades do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Ensino em Segurança Alimentar e Nutricional da Universidade Federal da Integração Latino-Americana”

regiões brasileiras. Assim, depois de um convênio entre o Ministério e a Reitoria da UNILA, nesse mesmo ano de 2018 foi criado o Centro Latino-Americano de Ciência e Tecnologia em Soberania, Segurança e Educação Alimentar e Nutricional na região sul (CELASSAN), que seria (transcrevo agora o resumo do projeto, redigido por Érika) um

centro de apoio à região sul para articulação das iniciativas de ensino, pesquisa e extensão em soberania, segurança e educação alimentar e nutricional vinculadas à Rede Latino-Americana de SSAN, além da articulação com os demais CCT-SSAN brasileiros, tendo como ferramenta a plataforma virtual NutriSSAN. A vocação deste centro será a formação e articulação, em perspectiva latino-americana e interdisciplinar, de agentes da Soberania, Segurança e Educação Alimentar e Nutricional (SSEAN) com vistas ao fortalecimento de habilidades sociais, culturais e científicas para o aprimoramento e atualização de estratégias de comunicação, educação e promoção em SSEAN. Esta atuação será articulada em diversos espaços: universidades, escolas, organizações da sociedade civil, órgãos públicos entre outros que demandem uma parceria com o CeLASSAN. Para a articulação dos projetos apoiados pelo MCTIC em SSAN, o MCTIC irá apoiar as atividades de mais quatro centros e CeLASSAN atuará de modo integrado aos demais centros brasileiros, fortalecendo a comunicação entre os projetos alocados na região sul na integração de ações internacionais. A ferramenta para articulação regional, nacional e internacional será a plataforma NutriSSAN. Uma plataforma de apoio à comunicação em rede. A Gestão operacional desta plataforma é realizada pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP). São constituídos Grupos de Interesse Especial (SIG - *Special Interest Groups*) para executar uma agenda de atividades virtuais de interesse do grupo, voltada a ensino, pesquisa e extensão em SSAN, podendo ser restrita ao SIG ou pública (o sistema de web permite até 200 pessoas conectadas, garantida a conexão com a internet e som áudio nos computadores).



**Uma “imagem” de uma das reuniões do SIG - *Guías Alimentárias*, no âmbito do CELASSAN.**

Também me envolvi nesse Centro, cujo alcance foi impressionante. Ao longo de três anos, Érika coordenou atividades envolvendo cerca de cem pessoas, de todos os países da América Latina. Mais uma vez, o resultado será um e-book, já aprovado para publicação pela EDUNILA, integralmente em espanhol: *Guías Alimentarias: diálogos latino-americanos*, em coautoria com mais de trinta colegas de dezessete países.

Minha contribuição nesses que, mais do que “projetos” são verdadeiras “máquinas” científicas e sociais, que estão deixando a UNILA numa posição de destaque nas temáticas de SSAN, é minúscula, se comparada à de Érika, mas, sem mencionar os aspectos mais pessoais, é mais um aprendizado que, mesmo me afastando parcialmente dos rigores que os coordenadores dos cursos onde atuo exigiriam de mim, é fonte de imensa satisfação.

## Conclusão

Arredondando um pouco, passei quase trinta dos meus pouco mais de sessenta anos trabalhando em universidades federais brasileiras. Durante esse tempo, considerei isso uma honra e um privilégio e, também, um sintoma do reconhecimento dos meus esforços, da minha determinação e, ainda que em medida menor, da minha competência. Todos esses sentimentos, que perfazem, evidentemente, um balanço mais que positivo, começam a enfraquecer, talvez de maneira análoga ao que acontece com alguns órgãos e partes do corpo de uma pessoa que chegou à minha idade. Mas como é ainda muito cedo para o descanso, o eventual recebimento desse novo rótulo - *titular* - poderá e deverá servir de estímulo para tentar dar, ainda, o melhor de mim. Espero que o sistema federal de ensino e as suas adjacências políticas e administrativas pensem igual e façam o mesmo. Não só eu, mas sobretudo os nossos estudantes merecem.

Por outro lado, espero ter deixado compreensível que para os aspectos mais acadêmicos da minha trajetória eu sou devedor de algumas pessoas, em momentos, graus e circunstâncias diferentes. A grande maioria delas foram meus professores, mas não todos. Creio que cabe a mim o mérito de ter adotado, sempre, com elas, a postura que deveria ser sempre adotada por um estudante e por um antropólogo: a escuta. Infelizmente, tenho a impressão de que isso - escutar - seja uma atitude que vem rareando: em mim, pois já me reconheço perdendo um pouco de paciência e percebendo que haja cada vez menos vozes e sons que valha a pena escutar; e nos outros, que talvez prefiram acionar outros sentidos, mais invasivos e menos reflexivos.

Assim, quem sabe, farei como fazem alguns barcos que, nem cercados de vozes nem de silêncios, são, ao mesmo tempo, sulcadores e agitadores de águas e marés, e destinados a traçar, nos caminhos líquidos e incertos dos mares, rotas sempre novas.

\* \* \*

Eu, que não nasci no mar, mas que com semanas de vida fui levado a navegar, nesse pequeno barco que se vê aqui em baixo - a *Stella Alpina* - que meus pais tiveram, no golfo de Gaeta, e que acabei achando os motivos e os impulsos mais fecundos para o meu trabalho nas margens dos mares, nas praias, gostaria talvez de ser lembrado como um aprendiz marinheiro: não muito competente, mas sempre à escuta e sempre esperando aprender a velejar.



E, para tudo que não está aqui: <http://lattes.cnpq.br/5766742175525561>